

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PRO-REITORIA DA PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU*  
EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

LUIZ HUMBERTO CARRIÃO

**EVOLUÇÃO ASCENSIONAL DO HOMEM  
NO PENSAMENTO PRESERVADO DE HUBERTO ROHDEN**

Goiânia  
2020

LUIZ HUMBERTO CARRIÃO

**EVOLUÇÃO ASCENSIONAL DO HOMEM  
NO PENSAMENTO PRESERVADO DE HUBERTO ROHDEN**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Ciências da Religião.

Linha de pesquisa: Religião e Literatura Sagrada

Orientador: Prof. Dr. Valmor da Silva

Goiânia  
2020

C316e Carrião, Luiz Humberto  
Evolução ascensional do homem no pensamento preservado  
de Huberto Rohden [recurso eletrônico] :  
Luiz Humberto Carrião.-- 2020.  
95 f.

Texto em português com resumo em inglês  
Tese (Doutorado) - Pontifícia Universidade Católica  
de Goiás, Escola de Formação de Professores e Humanidades,  
Goiânia, 2020

Inclui referências, f. 91-95.

1. Rohden, Huberto, 1893-1981. 2. Cosmologia. 3. Ética  
cristã. I. Silva, Valmor da. II. Pontifícia Universidade  
Católica de Goiás - Programa de Pós-Graduação em Ciências  
da Religião - 2020. III. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 2-17



**PUC  
GOIÁS**



**EVOLUÇÃO ASCENSIONAL DO HOMEM NO PENSAMENTO PRESERVADO DE HUBERTO ROHDEN**

Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, aprovada em 26 de agosto de 2020.

**BANCA EXAMINADORA**

*Valmor da Silva*

Prof. Dr. Valmor da Silva / PUC Goiás

*Andre Luiz Caes*

Prof. Dr. Andre Luiz Caes / UEG

*Armando de Melo Lisboa*

Prof. Dr. Armando de Melo Lisboa / UFSC

*Eduardo Gusmão de Quadros*

Prof. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros / PUC Goiás

*Clóvis Ecco*

Prof. Dr. Clóvis Ecco / PUC Goiás

Prof. Dra. Ivoni Richter Reimer / PUC Goiás

Prof. Dr. José Ademar Kaefer / UMESP

## AGRADECIMENTOS

Ao professor e filósofo Huberto Rohden, onde estiver, agradeço pela oportunidade de me sentir útil à humanidade mantendo vivo o seu pensamento.

À companheira Carmem Marize Lima agradeço pela ajuda para que, a essa altura da vida, pudesse eu realizar um sonho da juventude.

À minha neta Luísa Carrião agradeço pela certeza de minha continuidade biológica neste maravilhoso e piedoso planeta Terra pelo seu DNA, vez que, espiritualmente, viemos de longe e vamos para mais longe ainda.

## RESUMO

CARRIÃO, Luiz Humberto. *Evolução ascensional do homem no pensamento preservado de Huberto Rohden*. 2020. 95f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

A presente tese tem como objetivo analisar o pensamento (preservado) do filósofo Huberto Rohden, formulador da Filosofia Univérsica, a qual vislumbra a unidade fundamental do cosmos Uno (causa) nas diversidades periféricas dos Versos (efeitos), seja no macrocosmo sideral, seja na metafísica do microcosmo hominal, e é guiada pela própria Constituição Cósmica do Universo. Tem como objeto a herança da Renascença identificada pelo filósofo como a confusão entre o “fator Eu” e o “fator Ego”. Na palavra “Eu”, leia-se Cristo em nós; na palavra “Ego”, leia-se intelecto em nós. Sobre essa confusão questiona o filósofo: ocorreu por desconhecimento ou menosprezo ao “fator Eu”? Se por desconhecimento, prevalece, ainda nos dias atuais, a ignorância nas ações humanas questionadas como horrores; todavia, se por menosprezo, houve erro, ou seja, má intenção consciente em referidas ações. A considerar que o homem ocidental superou sua infância heterônoma e ainda se encontra na adolescência egônoma, despertando para a maturidade autônoma, não pode ser acusado de agir por menosprezo do “fator Eu”, vez que, na adolescência, o homem tenta ser egodeterminante e, na maturidade, autodeterminante, ou seja, pleniconsciência, somente na etapa da adultez. Eis que surge o magno problema: como despertar no homem o “fator Eu” para fazer com o “fator Ego” o homem integral? Nossa hipótese é: quando de sua consciente autorrealização, isto é, fazer a síntese entre o Ser do Eu e o Existir do Ego, ou seja, o Ego se realizando através do Eu. Utilizamos de metodologia qualitativa das obras do filósofo Rohden e em diálogo com outros autores correlacionados. A conclusão a que se chegou é de que essa herança da Renascença presente no homem ocidental atual não será desperta por nenhuma mística social, como apregoaram alguns filósofos e teólogos no diálogo com o filósofo Rohden, e, sim, através de uma experiência literalmente individual, atingindo a verticalidade. Então poderá essa ética-cristã verticalizada desdobrar-se em horizontalidade social, atingindo a humanidade como um todo.

**Palavras-chave:** Huberto Rohden. Fator Eu. Fator Ego. Ética-cristã.

## ABSTRACT

CARRIÃO, Luiz Humberto. *Ascent Evolution of Huberto Rohden's preserved thought*. 2020. 95 p. Thesis (Doctorate degree in Religious Studies) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2020.

This thesis aims to analyze the (preserved) thought of the philosopher Huberto Rohden, “*Univérsica*” Philosophy proposer, which glimpses the fundamental unity of the cosmos “*Uni*” (cause) in the peripheral diversities of the “*Verse*” (effects), whether in the sidereal macrocosm, or in man microcosm metaphysics, and it is guided by the Cosmic Constitution of the Universe itself. Its object is the Renaissance inheritance identified by the philosopher as the misunderstanding between the “*Me factor*” and the “*Ego factor*”. In the word “*Me*”, it can be read Christ in us; in the word “*Ego*”, intellect in us. The philosopher enquires about this confusion: did it happen due to unawareness or contempt of the “*Me factor*”? If it is for unawareness, ignorance in human actions questioned as horrors prevails even nowadays; however, if it is by contempt, there was a mistake, which is, conscious bad intention in such actions. Considering that the western man has overcome his heteronomous childhood and that he still finds himself in the selfness adolescence, awakening to autonomous maturity, he cannot be accused of acting by contempt of the “*Me factor*”, since in adolescence, the man tries to be ego-determining and, in maturity, self-determining. This means that full awareness is only in the stage of adulthood. This is where the main problem arises: how to awaken the “*Me factor*” in man to make, with the “*Ego Factor*”, the whole man? Hypothesis: when of its conscious self-realization, that is, to synthesize the Being of the Me and the Ego Existence. This means the Ego being realized through the Me. A qualitative methodology of Rohden’s work was used in dialogue with other correlated authors. It could be concluded that this Renaissance inheritance present in today’s western man will not be awakened by any social mystic, as it was said by some philosopher and theologians in the dialogue with the philosopher Rohden, but rather through a literally individual experience, reaching verticality. Then, this verticalized Christian-ethics can unravel itself in social horizontality, reaching humanity as a whole.

**Keywords:** Huberto Rohden. Me factor. Ego Factor. Christian Ethics.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
2 HUBERTO ROHDEN: UM PILAR DE LUZ NO COSMO .....	12
2.1 O Homem .....	13
2.2 O Escritor .....	14
2.3 O Sacerdote.....	18
2.4 O Filósofo .....	22
2.5 O Evangelizador .....	26
2.6 O Educador.....	28
2.7 Alvorada – Centro de Autorrealização .....	31
3. O HOMEM E O UNIVERSO .....	38
3.1 Dialogando com Teilhard de Chardin.....	41
3.2 O Homem, esse Conhecido.....	45
3.3 Educação Cósmica .....	50
3.4 Cosmorama .....	55
4. O HOMEM SUPERA OS PÁSSAROS, MAS ESTES NUNCA TRANSPORTARAM BOMBAS EM SUAS ASAS .....	62
4.1 O Universo e o Homem .....	64
4.2 A Clerocracia e a Cienciocracia.....	69
4.3 Ciência sem Consciência: o inferno do gênero humano.....	75
4.4 A Vida É Digna de Ser Vivida .....	80
4.5 Brado de Alerta I.....	84
4.6 Brado de Alerta II.....	86
CONCLUSÃO.....	89
REFERÊNCIAS.....	91





## INTRODUÇÃO

O tema Evolução Ascensional do Homem no Pensamento Preservado de Huberto Rohden origina-se da afirmação filosófica de que na Renascença houve desconhecimento ou menosprezo pelo Eu espiritual, componente da natureza humana, cujos reflexos em sua avaliação continuam até os dias atuais.

O objeto de estudo desta pesquisa, o homem, perpassa todo o conteúdo da tese, tendo como referencial teórico o pensamento filosófico preservado de Huberto Rohden.

O objetivo deste estudo é relacionar o homem renascentista, segundo Huberto Rohden, responsável pela confusão entre o fator ego e o fator Eu, ou melhor, pelo deplorável desconhecimento ou menosprezo do Eu espiritual, ao rompimento com a tradição (medieval), enxergando na ciência e na técnica o poder até então depositado em Deus.

O problema surge na busca de esclarecer ao homem do tempo presente, designação ao homem pós-Segunda Guerra Mundial, que a ciência moderna, aquela efetivada a partir do Renascimento, é fruto de uma incompreensão, ou seja, da ausência do fator Eu espiritual (ético-cristão universal), manifestando-se através do fator ego hominal (conduta ética) mutável e voluntária pela ação hominal na zona isenta da jurisdição divina, o livre-arbítrio.

Pergunta-se: o homem do tempo presente, responsabilizado pela crise ora vivida pela humanidade, é um ator que age por ignorância (desconhecimento) ou por erro (menosprezo) ao seu Eu espiritual?

Hipoteticamente, por desconhecimento. Na jornada ascensional em que se encontra (adolescência egônoma), atua pela personalidade egodominante, não estando bastante evoluído a ponto de agir pela síntese entre o Ser do Eu e o existir do ego. A ilusão egóica foi necessária para a largada evolutiva, todavia, sem considerá-la um *pit stop* prolongado ou definitivo. O Ser do Eu para cumprir os desígnios da *criação* haverá de sair vencedor nessa corrida quando ocorrer de o Eu espiritual manifestar-se em seu ego mental, material e espiritual, dissipando a incompreensão da necessária totalidade hominal, mesmo que individualizada.

O leitor observa que a palavra criar foi substituída pela tradicional palavra latina *crear*. Justifica Rohden (1990) que o neologismo (criar) é aceitável em nível de cultura primária, não em nível de cultura superior por deturpar o pensamento. *Crear* é a manifestação da Essência em forma de existência – criar é a transição de uma existência para outra existência. Exemplo: Deus é *creador* do mundo, o fazendeiro é criador de gado.

Outro aspecto diz respeito ao uso de determinadas palavras como, por exemplo: razão é utilizada de maneira individual para significar a inteligência hominal, e de maneira universal para significar a inteligência cósmica. Observa-se que grande parte dos cientistas e filósofos modernos identifica *nóos* (inteligência) com *logos* (razão). A inteligência é analítica e a razão intuitiva. A primeira faz do homem expressão máxima do talento; enquanto a segunda o transforma em um locutor cósmico.

A palavra Ego designa a ilusão na natureza humana; a palavra Eu a presença do Cristo nesta mesma natureza estabelecendo a bipolaridade, na qual, observa o filósofo, “a animalidade intelectualizada tinha de ser superada pela hominalidade espiritual” (ROHDEN, 1978, p. 22). O tempo do verbo ‘ter’ na frase se justifica pelo planeta ter conhecido essa superação através de Moisés, Cristo, Buda, Krishna, Gandhi e outros. Cristo é Deus – Jesus é homem. “O Cristo Cósmico é Deus em sua essência eterna, mas é criatura em sua existência temporal [...] Jesus é apenas o veículo visível do Cristo invisível com o qual está inseparavelmente unido desde a sua encarnação através da virgem Maria” (ROHDEN, 1965, p. 39-40).

A Justificativa parte da concepção de como esse “erro da renascença” prevalece no homem da História do Tempo Presente – muitas vezes através da ciência – possibilitando o debate sobre a ilusão alimentando o ego e privando a alma (eu). Portanto também justifica-se por Huberto Rohden ter escrito para além de seu tempo. Ao formular a Filosofia Univérsica, apresenta como corrigir a natureza do homem incluindo-o como parte do Todo universal, regido pelas mesmas leis.

Em minha adolescência, tive a oportunidade de conhecer alguns livros do filósofo Huberto Rohden, nos quais encontrei respostas para meus questionamentos sobre Deus, Cristo, Jesus, Homem, Vida. Também tive o

privilégio de conhecê-lo e frequentar seus Cursos de Filosofia Univérsica e Sabedoria do Evangelho, na cidade de Goiânia.

Já havendo trabalhado seu pensamento na dissertação de mestrado intitulada *Do Cristo Cósmico e do Cristo Telúrico na visão de Huberto Rohden*, 2016, resolvi estender a pesquisa sobre o homem do tempo presente.

A tese compõe-se de três capítulos contextualizados em uma estrutura metodológica qualitativa, explorando a bibliografia do filósofo Huberto Rohden, bem como recursos audiovisuais disponíveis nas redes sociais, além da literatura pertinente ao assunto pesquisado.

No primeiro capítulo, traçaremos o perfil de Huberto Rohden, personagem que nos emprestou seu pensamento para que pudéssemos trabalhar a tese, com observações que mais tarde irão propiciar-lhe a formulação da Filosofia Univérsica.

No segundo capítulo, apresentaremos o filósofo em diálogo com outros autores, na interpretação do homem em sua origem, sua natureza, sua finalidade, tendo como referência a visão rohdiana.

No terceiro capítulo, apossaremo-nos da tese do filósofo que afirma que “o grande erro da renascença que está agonizante foi a confusão entre o fator ego e o fator Eu – ou melhor – o deplorável desconhecimento ou menosprezo do Eu espiritual do homem – e essa ignorância ou desprezo continua até os nossos dias” (ROHDEN, 1978, p. 27), relacionando-a com a propositura de que “o que não se sabe não inspira terror; todo terror é filho da ignorância ou do erro” (ROHDEN, 1990, p. 69).

Na conclusão, pretendemos afirmar que as leis cósmicas exigem a evolução ascensional, uma nova terra (do ego), um novo céu (do Eu), um novo homem portador de uma ética cósmica consciente (síntese entre o Ser do Eu e o existir do ego).

## 2 HUBERTO ROHDEN: UM PILAR DE LUZ NO COSMO<sup>1</sup>

Neste capítulo apresentaremos Huberto Rohden em suas diversas facetas, como sacerdote, evangelizador, educador e filósofo, para compreender como se construiu, ao longo de sua vida, a Filosofia Univérsica.

Como sacerdote romano, abraçou a evangelização com a mesma determinação que Paulo de Tarso, levando a mensagem do Cristo às capitais, cidades e rincões brasileiros, sendo agraciado com o título de “herói nacional da imprensa católica” pela divulgação do cristianismo em 432 dos 1.543 (censo de 1940) municípios brasileiros por intermédio da casa editora Cruzada da Boa Imprensa.

Formulador da Filosofia Univérsica, ele a declara o novo vislumbre da unidade fundamental do cosmos (Uno = causa) através de todas as diversidades periféricas (verso = efeito), seja no macrocosmo sideral, seja na metafísica do microcosmo hominal.

É um escritor com a marca de um dos maiores vendedores de livros do país, com produção literária próxima a uma centena de títulos, entre autorais e traduções, ainda hoje editados no Brasil.

Como filósofo formulador da Filosofia Univérsica, informa que a base dessa filosofia é “estabelecer no homem a mesma harmonia que existe no Universo, com a diferença que, no homem, esta harmonia é voluntária e livre, enquanto no cosmo ela é automática” (ROHDEN, 1978, p. 23).

Precursor do monismo cristão, afirma que Cristo é a lei e o legislador do universo. É o Uno legislando sobre os versos, que, em toda existência universal, propõe causa única, origem única, presença única.

Orientador espiritual iniciado no *Golden Lotus Temple* (Washington, D. C.) pelo seu diretor, Swami Premananda, discípulo de Paramahansa Yogananda, trouxe essa experiência para o Brasil, em 1952, através da Alvorada - Centro de Autorrealização, com extensões em várias cidades brasileiras.

---

<sup>1</sup> Título tomado por empréstimo da obra de Guimarães (2000).

Educador, acredita não ser a sociedade melhor que os indivíduos que a compõem, apregoando a necessidade de que se mude o indivíduo para obter resultado junto à sociedade, e que o instrumento de mudança é a educação.

Mesmo diante dessa apresentação, Huberto Rohden é pouco conhecido na academia brasileira, estando mais presente nos movimentos espiritualistas e entre os leitores do pós-guerra, com auge da década de 1960 e 1970. Outro fator que não podemos subestimar é o desinteresse pela leitura entre os brasileiros, notadamente, a filosófica.

## 2.1 O Homem

Huberto Rohden nasceu em uma colônia alemã no estado de Santa Catarina, à época Braço do Norte, atualmente São Ludgero, às 6h do dia 30 de dezembro de 1893. É filho de Johannes Rohden e Anna Lucks, expirando à meia-noite do dia 7 de outubro de 1981, na cidade de São Paulo. Sepultado no jazigo 0060, quadra 06, zona 4-A, do Cemitério Getsêmani, da Mitra Arquidiocesana de São Paulo, de onde seus restos mortais foram trasladados para a cidade de São Ludgero.

Na infância preparou-se na paróquia local, posteriormente encaminhado com outros pré-seminaristas para o Colégio São José, em Pereci Novo (RS). Concluído o colegial, foi transferido para o Seminário Maior, em São Leopoldo (RS), também sob a direção da Ordem Jesuíta no Brasil.

Nesse período teve a oportunidade de aperfeiçoar seus estudos na Europa, de onde voltou com o título de doutor em Filosofia. No Brasil opta pelo clero regular se dedicando à evangelização e literatura sagrada com o apoio do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme.

Com a publicação do livro *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho*, vê abrir-se uma orquestrada ação persecutória contra o sacerdote e sua obra, acusados de perniciosos à fé católica, que o levou a exonerar-se do cargo de sacerdote e voltar à vida de infância em um sítio no estado do Rio de Janeiro, na região de Cinco Lagos, na produção de maçãs e mel.

No ano de 1945, recebe uma proposta de bolsa de estudo nos EUA, mais precisamente na Universidade de Princeton, oportunidade em que conviveu com o físico alemão Albert Einstein, e, na capital americana, com Swami Premananda, diretor do *Lotus Golden Temple*, por quem foi iniciado em Yoga, experiência que mais tarde traria para o Brasil.

Fundou, em 1952, na cidade de Jundiaí (SP), a Alvorada - Centro de Autorrealização, estendida a várias cidades brasileiras com a finalidade de ministrar cursos e orientar retiros espirituais em sua missão evangelizadora.

Sobre Huberto Rohden, escreve seu editor e legatário de sua obra, Martin Claret: “deixa para gerações futuras um legado cultural e um exemplo de fé e trabalho, somente comparado aos dos grandes homens do nosso século” (ROHDEN, 1995, p. 10).

## 2.2 O Escritor

A Companhia de Jesus, instituição religiosa, proporcionou a Huberto Rohden a oportunidade de chegar à adolescência falando 6 idiomas e tendo conhecimentos em matemática, teologia, filosofia, escolástica, moral e direito canônico.

Nessa época se faz presente sua habilidade literária com publicações na revista estudantil *Eco*, de Porto Alegre, como também *O beija-flor* e *As vozes de Petrópolis* pelos franciscanos no estado do Rio de Janeiro.

Em comemoração à sua ordenação sacerdotal em 1919, publica, no ano seguinte, seu primeiro livro *Tu és o Cristo filho de Deus vivo!*, com o *Nihil obstat*, datado de primeiro de julho de 1919, e o *Imprimatur*, expedido no dia três do mesmo mês e ano, resumido pelo autor como uma “sucinta tese sobre a divindade de Cristo” (ROHDEN, 1962a, p. 28). Era o início de uma carreira meteórica na literatura cristã e na filosofia do universo.

Em Laguna, litoral sul de Santa Catarina, como vigário local, funda o jornal *O Cruzeiro*, que alcançou grande repercussão local. De publicações semanais selecionadas compõe-se o livro *Novo Goffiné Brasileiro*, publicado em 1924, ano

de excelente produção literária ao trazer a lume outro livro seu *Maravilhas do Universo*, uma viagem pelo mundo dos astros, das plantas e dos insetos.

No ano anterior, foi publicada a tradução e adaptação para o português do livro *Crença e Descrença*, de autoria do alemão J. Klug; a tradução do livro *Zu Fuessen des Meisters (Aos pés do mestre)*, do jesuíta suíço Pe. Hounder; e a tradução de *Die Biene Maja und Ihre Abenteuer (A abelha Maja)*, de Waldemar Boensel.

Em 1931, esboça o desejo de abandonar a Ordem Jesuíta e ingressar no clero regular, quando recebe orientação para um Terçado no Colégio São José, em Pereci Novo (RS), onde cumpre 30 dias em retiro espiritual. Logo a seguir, é convidado pela diocese de Santa Maria (RS) para a função de inspetor de educação da Estrada de Ferro. À oportunidade funda o Jornal *Lampejos*, que mais tarde será transformado no importante movimento editorial chamado Cruzada da Boa Imprensa. Na carreira de escritor, deixou aproximadamente uma centena de livros zipados em obras originais, ainda hoje publicadas pela Editora Martin Claret, de São Paulo, além de várias traduções. Após a formulação da Filosofia Univérsica, retirou da editora cerca de uma vintena de livros sob a alegação de que não mais representavam seu pensamento.

Em meio a essa produção literária, uma publicada no ano de 1939 merece destaque, *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho*. Trata-se de uma biografia do apóstolo dos gentios, livro marcado como um divisor de águas na carreira sacerdotal do Pe. Rohden.

Na apresentação de contracapa da sétima edição, pela Editora Alvorada, em 1981, revela o editor que biógrafo e biografado se fundem num só ideal: o de mostrar a todos os caminhos da Verdade e da Vida. Dois homens marcados pela fé e coragem. Autoconhecimento e autorrealização proclamam o biógrafo através da perfeita unidade univérsica para alcançar a plenitude divina. Transmentalizar o homem velho para que possa renascer o homem novo, prega o segundo com o mesmo objetivo do primeiro.

Dois homens que experienciaram de forma mística o Cristo. O biógrafo durante os dois períodos de “retiro espiritual” na formação sacerdotal da Ordem Jesuítica, o segundo, às portas de Damasco. Dois homens que sucumbiram à teologia humana diante da verdade do Evangelho.



O pomo da discórdia entre o escritor e aqueles que faziam comércio de material religioso em paróquias brasileiras foi a referência feita por Pe. Rohden à ação condenatória de Paulo de Tarso em relação ao ourives Demétrio, “o comerciante de ilusões”, que aumentava sua riqueza vendendo réplicas do Templo de Diana, em Éfeso, que Rohden, no livro *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho*, reascendia no clero brasileiro – pretexto claro para justificar o seu massacre por parte dos “comerciantes de ilusões” brasileiros.

O Pe. Rohden escreveu: “quando em nossos dias, alguém favorece a causa da catolicidade cristã contra os interesses do catolicismo romano, é invariavelmente acoimado de ‘inimigo da igreja, herege, apóstata, traidor, etc.’, porque muitos são os Demétrios...” (ROHDEN, 1962a, p. 164).

Essa perseguição chegou ao ponto de o clero editorial de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro, tentar sabotar os originais da obra biográfica sobre Agostinho, pela devolução dos originais pelos correios para um endereço trocado, obra que teve como referencial teórico os escritos originais de Santo Agostinho, que se encontram na biblioteca do Vaticano em aproximadamente 103 volumes.

Carrião (2016) destaca os seguintes questionamentos, levantados pela atuação do Pe. Rohden como bandeirante do Evangelho no Brasil:

- Qual a pretensão do padre em traduzir os Evangelhos do original grego para o português e oferecê-los a seus fiéis a um preço simbólico, senão a fidelidade àqueles escritos diante de tantas traduções duvidosas e tendenciosas existentes à época e ainda hoje?
- Qual a pretensão do padre em escrever um livro biográfico ilustrado sobre Jesus Cristo para crianças, senão trazer a evangelização à tenra idade?

O ideal paulino está presente em todas essas ações, mas o “politicamente correto” era: não atrapalhar o comércio do clero romano em sua sobrevivência das necessidades básicas ao supérfluo; admitir como certo a teologia católica romana, não o Evangelho; atestar a necessidade de um mediador entre Deus e os homens, em que o funcionário eclesiástico, em nome de Deus, havia de perdoar os pecados num confessionário de imbuia envernizado com almofada encapada com tecido veludo vermelho; pregar um Cristo teológico e não o

verdadeiro Cristo – o *Logos* ou Verbo – que se fez carne através de Maria e habitou entre nós e com potencialidade de habitar em nós.

O corpo de Dom Sebastião Leme nem havia esfriado no caixão<sup>2</sup>, para o Arcebispo de São Paulo, Dom José Gaspar D’Afonseca e Silva, com apoio dos bispos daquele Estado, publicar uma carta circular condenando de perniciosos à fé católica romana os livros e escritos do Pe. Rohden.

O mínimo que Pe. Rohden poderia fazer é exigir uma retratação de parte de seus acusadores, afinal, todas as suas obras foram publicadas com o devido *imprimatur*, além de a maioria ser prefaciada por prelados de incontestável idoneidade ética, moral e religiosa. Contudo o clero romano no Brasil, em especial, Dom Jaime Barros Câmara, contemporâneo de seminário do Pe. Rohden, não “conseguiu” frear o ímpeto dos padres estrangeiros, apoiados por um colega brasileiro. Restou-lhe, então, entregar sua carta de demissão ao seu superior, em 1943, seguida de outra endereçada aos que chamou de “amigos”, justificando sua atitude.

No ano de 1963, relata o filósofo Huberto Rohden, encontrava-se em seu sítio no interior de São Paulo, quando recebeu a visita de um jornalista amigo de priscas eras munido de uma máquina fotográfica e um bloco de papel a fim de entrevistá-lo, Irineu Monteiro, que à época prestava serviço para o jornal de publicidade *Shopping News*.

Naquela ocasião, confessa que não deu importância ao fato, entretanto, em 7 de abril daquele ano, o jornal estampou uma página inteira com fotografias acompanhadas de um sugestivo título *As Glórias do Mundo pelo Encanto da Natureza*, e logo abaixo, em forte negrito, a seguinte síntese:

Nas proximidades de Jundiaí, há uma área de terra agricultada e chamada pitorescamente de Cosmorama. Ali reside o filósofo místico Huberto Rohden. Fomos bater um papo com ele, e o encontramos em mangas de camisa, com sandálias de sola de pneumático nos pés, cabelos grisalhos e crescidos. [...] conhecemo-lo desde 1935 e era nosso autor predileto no tempo de seminário. Hoje possui enorme bagagem literária, pois é autor de uns 50 livros, com cerca de 2.000.000<sup>3</sup> de exemplares circulando pelo Brasil e pelo estrangeiro (ROHDEN, 1969, p. 164).

---

<sup>2</sup> Dom Sebastião Leme, Arcebispo do Rio de Janeiro, faleceu em 17 de outubro de 1942.

<sup>3</sup> Em 1968, data em que foi publicado o livro *Luzes e sombras da Alvorada* que contém este texto, Rohden calcula a tiragem total de seus livros em 4 a 5 milhões de exemplares.

Tamanha foi a repercussão da reportagem que o filósofo teve que sair de seu anonimato para a reestruturação de seus cursos de filosofia no auditório daquele jornal, bem como houve um aumento extraordinário de orientados no Centro de Autorrealização Cosmorama com cursos semestrais, quais sejam: Filosofia da Antiguidade, Filosofia Contemporânea, O Espírito da Filosofia Oriental, Filosofia da Bhagavad Gita, Yoga Integral, Yogaterapia, Educação Integral à Luz da Filosofia e da Psicologia, Logoterapia (a arte de curar pelo espírito), além de Cosmoterapia e palestras Brasil afora.

Ele deixou três livros traduzidos de enorme conteúdo, considerados como síntese de toda a sabedoria milenar: *Bhagavad Gita*, de Krishna, nascido na Índia há diversos milênios, cerca de 2/3 da humanidade (ROHDEN, 1973, p. 9); *Tao Te King*, de Lao-Tse, que nasceu na China, há 2600 anos, e apresenta, em 81 pequenos aforismos, toda a sabedoria dos grandes mestres da humanidade (ROHDEN, 1973, p. 9); e o Evangelho, mensagem viva do Cristo que orienta, há quase 2000 anos, a consciência de quase toda a humanidade ocidental (ROHDEN, 1973, p. 9).

Após sua morte, o legatário de suas obras encontrou vários escritos numa gaveta, que, organizados, deram origem a uma obra *post mortem*, *A Experiência Cósmica – Textos Inéditos*, publicada, em 1995, pela Editora Martin Claret, com edição esgotada.

### 2.3 O Sacerdote

Rohden confessa em sua autobiografia que a dúzia de anos passados no seminário não foi suficiente para entusiasamá-lo pelo cristianismo, responsabilizando o que ele chamou de intelectualismo árido da filosofia escolástica e do dogmatismo arbitrário da teologia romana como péssimo ambiente para esse tipo de júbilo. Chega a um comentário ácido: “O viçoso jardim da primitiva catolicidade cristã fossilizou-se no bolorento herbário do catolicismo romano” (ROHDEN, 1962a, p. 24-5).

Na mesma obra, faz uma avaliação de que quem estava insatisfeito com ele era ele mesmo. Uma voz íntima dizia que não bastava ser um bom

funcionário eclesiástico bem versado no latim, no escolasticismo medieval, na teologia moral e dogmática, no direito canônico. Tudo isso lhe dava segurança de seu futuro econômico social no mecanismo eclesiástico, mas insistia que faltava algo além, algo que não o deixava sossegar, e declara: “O que, mais tarde, aconteceu não foi senão a paulatina clarificação desse obscuro sentimento de insatisfação que me minava a alma” (ROHDEN, 1962a, p. 26).

Em suas reminiscências registradas em sua autobiografia referenciada, alude a uma pessoa de quem foi coadjutor, logo após sua ordenação no clero regular (1920-1924), que nunca lhe deu aviso espiritual algum, mas cuja irradiação de espiritualidade valia mais que suas palavras, cujo exemplo com seus paroquianos valia mais que latim, o escolasticismo medieval, a teologia dogmática etc., Monsenhor Francisco Topp – alemão, com 30 a 40 anos de Brasil, ainda com dificuldades com a língua portuguesa, cura da catedral de Florianópolis e vigário geral do Bispado. Nada tinha de brilhante, orador a desejar, operário sacerdotal, mas possuía uma pureza de alma e de uma humildade franciscana admirável.

Sobre essa convivência externou: “Verifiquei pela primeira vez o que, mais tarde, ia constatar com tanta frequência: que o homem produz em terreno espiritual pouco ou nada tem que ver com o que ele faz, diz, prega ou escreve – mas tem que ver com o que ele é” (ROHDEN, 1962a, p. 29).

[...] numa das pobres capelas espalhadas por aquela ilha, pregava Monsenhor uma espécie de missão. No dia do encerramento, lá pelo meio dia, aparece uma velhinha, toda esbaforida, pedindo a sagrada comunhão. ‘Está em jejum?’ perguntou Monsenhor. ‘Propriamente... não’, respondeu a outra, ‘andei quatro horas a pé, tive tanta sede que, passando por um córrego, não resisti à tentação e bebi uns goles d’água; posso comungar assim mesmo?’ Ao que o Monsenhor lhe perguntou: ‘Que é que a senhora acha, se Jesus estivesse aqui em meu lugar, que faria Ele?’ ‘Oh! Bom senhor, estou certa de que ele me atenderia’. E Monsenhor a atendeu também. Aliás, na santa ceia, nenhum dos comungantes que com Jesus estavam à mesa se achava em estado de jejum. Será que temos de ser mais cristãos que o Cristo? (ROHDEN, 1962a, p. 36).

Assim que obtive dos superiores da Ordem Jesuíta a resposta afirmativa para seu ingresso na mesma, relata, em sua autobiografia, que distribuiu aos necessitados seus “parcos haveres”, encaixotou sua biblioteca, despediu-se de todos e, em princípio do ano de 1924, partiu para o Colégio São José, em Pereci Novo (RS), onde funcionava o Noviciado, administrado por jesuítas alemães.

Esclarece que, no Noviciado, ocorre o chamado “Retiro Espiritual”. Nele “entrei pela primeira vez em contato íntimo, pessoal, imediato, vital, ia quase dizendo metafísico, com a poderosa realidade de meu divino Senhor e Mestre” (ROHDEN, 1962a, p. 40). Esse contato “íntimo, pessoal, imediato, vital e quase metafísico” como declara foi a origem de sua visão sobre o Cristo, que, depois de debruçar sobre os Evangelhos, culminou com a teoria esboçada em toda a sua publicação *Do Cristo Cósmico e do Cristo Telúrico*.

No segundo ano seguiu para a Europa (1925-1926) para aprimorar seus estudos em filosofia, voltando com o título de doutor nesta ciência, além de teologia e ciências naturais. Nesta época, pode acompanhar o professor Aloísio Gattarer<sup>4</sup>, estudioso das forças espirituais, entrando em contato com o mundo invisível estudado por Allan Kardec. Participou de sessões mediúnicas, materializações, onde pôde testar a autenticidade dos médiuns e dos fenômenos. Sobre outro momento fundamental para a sua formação espiritualista escreveu:

Depois de longas horas de sessões com pessoas dotadas de poderosas virtudes mediúnicas, sessões realizadas com todo o rigor de fiscalização e em circunstâncias sumamente favoráveis, não posso mais matricular-me na escola dos que negam todo e qualquer fenômeno dessa natureza (ROHDEN, 1962a, p. 66).

Confessa que, mais tarde,

de regresso para o Brasil, me tenho ocupado muito com esses problemas psíquicos – com grande escândalo de certa gente dogmática que julgou de seu dever vociferar contra as minhas heresias... Não há nada pior do que ignorar a sua própria ignorância (ROHDEN, 1962a, p. 87).

Como membro da Companhia de Jesus, logo percebeu que não era aquilo que sua alma ansiava. Demonstrou isso aos seus superiores que o indicaram a um novo “Retiro Espiritual” através do Terciado. Concordou. Ao final, numa espécie de prestação de contas ao seu orientador, explicou que não se sentia à vontade na ordem, e com sinceridade se posicionou: “ou sacrificar as minhas experiências íntimas com o Cristo, nesses dias de colóquios com ele, e ser um

---

<sup>4</sup> Aloísio Gattarer foi cientista jesuíta, professor na Universidade de Innsbruck, na Áustria, lente de Cosmologia, especialista em fenômenos do macrocosmo e as forças ocultas do microcosmo hominal.

bom jesuíta – ou então ficar com as minhas experiências íntimas e ser um mau jesuíta” (ROHDEN, 1962a, p. 109). Foi, então, orientado para ingressar no clero regular; lá, quem sabe, encontraria o que sua alma ansiava.

Desde o meu primeiro ano de apostolado, e mesmo antes, sentia eu o grande desejo de seguir o exemplo do apóstolo Paulo, embora não estivesse ainda tão familiarizado como anos mais tarde com os heroísmos desse arrojado bandeirante do Evangelho. Sentia dentro de mim algo desse bandeirismo – e os que conhecem a minha vida sabem que nunca deixei de ser um desbravador de terras ignotas (ROHDEN, 1962a, p. 38).

Seu jornal foi fundado em Santa Maria (RS) de nome *Lampejos*. Já em sua primeira edição, saiu com uma tiragem de 80.000 exemplares; a segunda foi aumentada para 100.000; a partir da terceira foi fixada em 120.000 mensais (isto por volta do ano de 1931), cuja distribuição país afora alcançou a extraordinária cifra de 8.000.000 exemplares durante o período de cinco anos, pavimentou a estrada para, com o apoio do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, instalar-se no Bairro de Santa Tereza, na capital da república.

Com a permissão de seus superiores, transferiu-se para a cidade do Rio de Janeiro. Acordou com o Cardeal Leme, em Itaipava, no ano de 1935, uma cruzada nacional pró-Evangelho cujo objetivo era o de despertar nos católicos o gosto pela leitura do Evangelho, meditar e assimilar as mensagens do Cristo, como ele escreve, “fazendo da vida de Jesus o seu inseparável *vade-mécum*” (ROHDEN, 1962b, p. 263).

O grosso das minhas viagens, entre Porto Alegre e Manaus, ocorre entre 1935 e 1941. Nesses cinco a seis anos percorri todos os Estados, à exceção dos de Goiás e Mato Grosso, visitando cerca de 500 cidades e vilas, realizando um total de mais ou menos 2.000 conferências sobre assuntos de palpitante atualidade, geralmente de caráter religioso, filosófico ou psicológico, como sejam: Deus, Jesus Cristo, Evangelho, alma, imortalidade, pecado, redenção, graça, Ação Católica, Imprensa Católica etc. (ROHDEN, 1962b, p. 247).

Essa cruzada pela divulgação do Evangelho do Cristo o levou a fundar agências de publicidade e difusão em centenas de cidades brasileiras. “No início da década de 1940, Movimento Cruzada da Boa Imprensa, estava presente em 1/3 dos municípios brasileiros (censo de 1940) – em 432 dos 1.543 municípios, espalhados em 21 estados e um território” (CARRIÃO, 2016, p. 13).

O sucesso do livro *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho*, que já havia causado o escândalo no meio do clero nacional, ganhava mais um aliado, O Movimento Cruzada, que alcançava as paróquias com recomendações

como esta: “O P. Rohden vem estabelecer entre nós uma das obras mais importantes e necessárias em tempos atuais, como é a propaganda de bons livros postos facilmente ao alcance de todas as bolsas” (ROHDEN, 1962a, p. 161).<sup>5</sup>

## 2.4 O Filósofo

Encontrava-se Huberto Rohden já sem a sotaina, vivendo em um sítio no estado do Rio de Janeiro, quando recebeu uma bolsa de estudos para pesquisas científicas na Universidade de Princeton, New Jersey. Vendeu tudo que possuía de vendável e se dirigiu para os EUA.

Um novo horizonte se abriu. Em Washington, foi convidado pela *American University* para assumir cátedras de Filosofia Universal e Religiões Comparadas, cargo que exerceu pelo período de cinco anos, indo ao Oriente pelas pesquisas em busca do conteúdo de suas aulas.

No ano de 1969, visitou a Europa, Ásia e África. Segundo ele: “Enquanto viajava pelos mundos, dava ordem aos mundos para viajarem através de mim, que me mostrassem o mesmo homem já conhecido em perspectivas várias” (ROHDEN, 1971, p. 5). Este périplo pelo Oriente deu origem ao livro *Minhas vivências na Palestina, no Egito e na Índia*:

Levava eu comigo uma carta do meu antigo *guru* indiano, de Washington, Swami Premananda, endereçada a Swami Satyananda, chefe do *ashram* de Stvayatan, no Bengal ocidental [...] Lá chegando, indaguei por Swami Satyananda, e fui levado para uma casinha modesta, em cujo interior encontrei um homem de uns 80 anos, sentado sobre uma cama simples, pois estava doente e se sentia muito fraco. Seu corpo era cor de cera, de tão magro que me parecia transparente. Entreguei-lhe a carta de Swami Premananda, e ele me tratou com extrema bondade, uma bondade simples e benfazeja, embora sempre com aquela serenidade longínqua que é própria de homens que já vivem no mundo da pura espiritualidade... [...] conversamos longamente em absoluto silêncio... [...] Na última noite fui convidado por alguns professores para lhes falar de ‘Filosofia Cósmica’ ou, como prefiro dizer, ‘Univérsica’, que eu mencionara nas palestras anteriores. Atendi ao convite e expus longamente o que os leitores de

---

<sup>5</sup> O resultado desse embate entre o clero nacional e estrangeiro e o Pe. Rohden já foi descrito em páginas anteriores.

meus livros e alunos dos meus cursos já conhecem (ROHDEN, 1971, p. 63-4, 66).

Outro ponto importante foi a convivência com o físico Albert Einstein, que morava no mesmo campus em que ficou hospedado. Por falar fluente a língua alemã, obteve atenção do físico durante as caminhadas matinais, oportunidade em que o brasileiro expunha suas ideias sobre filosofia. Posteriormente, todo conhecimento extraído dessas conversas foi aprimorado por leituras na fonte einsteiniana, pelos escritos do físico, como deixa claro em seus livros.

A experiência de estudos e cátedra e o conhecimento adquirido a esse tempo o fizeram ver que a “não era mais possível, em nosso tempo, tomar por base da Filosofia perene escolas, sistemas e pessoas” (ROHDEN, 2009, p.120). Para Rohden (2009, p. 120), “o monismo físico da ciência não podia deixar de ter o seu paralelo no monismo metafísico da sapiência ou filosofia”.

A ciência assumiu o monismo focalizando a aparente diversidade cósmica a uma unidade, identificada “ao fato de ter a matemática de Einstein e a ciência dos físicos demonstrado que os 92 elementos da química, de que são feitas todas as coisas, são essencialmente luz” (ROHDEN, 2009, p. 120).

Rohden (1978) observa que os grandes filósofos como Sócrates, Platão, Plotino, Spinoza, Bergson e Keyserling, dentre outros, vislumbraram a unidade fundamental do cosmos por meio de todas as diversidades periféricas, e explica:

O que é relativamente novo em nossa Filosofia Univérsica é o fato de apontarmos explicitamente essa unidade na variedade, tanto na física do macrocosmo sideral como também na metafísica do microcosmo hominal (ROHDEN, 1978, p. 13).

Também observou que, como todas as coisas do Universo, “a natureza do homem é bipolar, abrangendo tanto o ego periférico como também o seu Eu central. O homem total é seu Eu espiritual manifestado em seu ego material, mental, emocional” (ROHDEN, 1970d, p. 22-3).

Esses dois termos, Eu e ego, são, hoje em dia, de uso quase que geral em todos os setores da filosofia e da psicologia, tanto ocidental como oriental. O vocábulo português ‘Eu’, por nós usado, é chamado em inglês de ‘Self’, em alemão ‘Selbst’, no antigo sânscrito ‘Atman’ correspondendo ao termo grego da Bíblia ‘pneuma’ e à palavra latina ‘spiritus’ ou, por vezes, ‘anima’, traduzido em vernáculo por ‘alma’. A palavra latina ‘ego’ por nós usada, aparece em inglês como ‘I’, em alemão como ‘ich’, em sânscrito como ‘aham’, em grego como ‘psyché’ (ou mesmo ‘soma’), em latim como ‘corpus’, ou mesmo ‘ego’. No tópico das palavras de Jesus ‘Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro, se chegar a sofrer prejuízo em sua própria alma’, o ego aparece



como 'mundo' e o Eu como 'alma'. Sempre aparece essa bipolaridade da natureza humana: o seu elemento real, mas invisível, que se chamamos 'Eu', e seu elemento aparente, visível, que chamamos 'ego' [...] A natureza humana é uma perfeita réplica do Universo, porquanto é uma unidade na diversidade, é UNO e VERSO. O Uno é o Eu, o Verso é o ego [...] No Universo sideral, sendo um sistema automático, não existe desequilíbrio do mal – mas no Universo hominal, sendo um processo espontâneo, regido pelo livre-arbítrio, pode haver o mal, isto é, o desequilíbrio, a desarmonia, entre o Eu e o ego (ROHDEN, [1970d], p. 22-4).

O homem profano valoriza o ego; o homem místico o Eu; o homem integral realiza o seu Eu através de seu ego, segundo Rohden (2009, p. 122), “porque sabe que o Eu ou uno é fonte, e o ego ou verso é canal, pelo qual as águas vivas da nascente fluem e beneficiam a sua vida”.

O aperfeiçoamento do Eu ou da alma humana é o fim supremo da vida – e essa realização se faz através do ego, cujos elementos são o corpo, a mente e as emoções [...] O homem perfeito é o homem cósmico ou universificado, que estabeleceu perfeito equilíbrio e harmonia entre os dois polos interno e externo. É esse o fim supremo de toda a educação verdadeira. O educador deve eduzir de dentro do educando, e desenvolver o Eu dele, a fim de equilibrá-lo com seu ego (ROHDEN, 2005, p. 122).

Na evolução rumo ao homem univérsico, o filósofo observa que há tempos o homem ocidental superou sua infância heterônoma, em que era sujeito à vontade de outrem a lhe posicionar entre o bem e o mau; entrou da adolescência egônoma deixando de lado o alodeterminismo para ser pela sua personalidade intelectual egodominante. Com a maturidade tornar-se-á autodeterminante aos auspícios de sua individualidade espiritual: “Da sua inconsciência da infância, através da semiconsciência da adolescência, sobe o homem às alturas da pleniconsciência da sua adultez definitiva” (ROHDEN, 1978, p. 26).

Posto isto, a humanidade medieval é identificada como vivendo a infância heterônoma, segundo Rohden (1978), através do bem e do mal; o homem da Renascença, vivendo sua adolescência egônoma, compreendeu ser ele o autor de sua maldade e de sua bondade, porém descobrindo apenas uma parte de sua natureza hominal, seu ego-mental.

E o homem-ego renascentista apelou para o seu ego personal para se redimir das suas maldades e dos seus males. Há cerca de quatro séculos que o homem da Renascença nos prometeu que, pelo poder da inteligência do seu ego, ia criar o céu sobre a terra; prometeu, e em parte continua a crer, que a ciência e a técnica, filhas da inteligência, possam abolir as maldades e os males; o ego, segundo ele, tem o poder mágico de fechar cadeias e penitenciárias, hospitais e hospícios, contanto que ele abra bastante escolas e laboratórios [...] Mas, cinco séculos de promessas de céu na terra não cumpriram a sua palavra, e sobretudo a humanidade do século XX, que passou por duas guerras

mundiais, e está em vésperas de uma possível conflagração mundial, não pode mais crer no poder redentor da civilização e da cultura criada pelo ego. [...] O grande erro da Renascença, que está agonizante, foi a confusão entre o fator ego e o fator Eu – ou melhor, foi o deplorável desconhecimento ou menosprezo do Eu espiritual do homem – e essa ignorância ou desprezo continuam até nossos dias (ROHDEN, 1978, p. 27).

Na teoria ascensionista, pouco importa se homem da renascença se prestou ao desconhecimento ou menosprezo do Eu espiritual, vez que, à época, encontrava-se em plena adolescência egodeterminante de sua personalidade intelectual. Daí a observação do filósofo: “Surge agora o magno problema: como despertar no homem o fator Eu, para fazer com o ego a complementação do homem integral” (ROHDEN, 1978, p. 27). Na visão do filósofo, aquele era o momento de avançar rumo à adulez autodeterminante, e não a ignorar. O Eu espiritual se manifestará através do ego na adulez autodeterminante, quando compreender que o ego é fator de perdição, mas não é fator de redenção. Compreender que não existe alorredenção, e sim autorredenção, então, acrescerá ao fator ego negativo o fator positivo do Eu sintetizando a bipolaridade: síntese do Ser do Eu e o existir do ego, porém, “o ego mental não é destruído pelo Eu espiritual, é integrado nele” (ROHDEN, 1978, p. 29).

Para compreender melhor esse processo, sirvamo-nos de uma ilustração tirada da matemática. Demos ao ego mental o número 10, e ao Eu espiritual o símbolo 100. De dois modos podemos destruir o 10: ou tirando-lhe o sinal ‘1’, ou acrescentando-lhe o sinal ‘0’. No primeiro caso, em vez de 10, temos ‘0’. Isto é, zero, anulação, destruição. No segundo caso temos 100. Este praticamente anulou o 10, o 10 separado, isolado; não destruiu por diminuição, mas por aumento; não o destruiu negativamente, mas positivamente: isto é, destruiu-o construindo-o. No 100 permaneceu apenas a sua existência ou o seu corpo. O pequeno 10 foi integrado no grande 100; a parte foi completada pelo TODO (ROHDEN, 1978, p. 29).

Ao apelar para o seu ego pessoal, o homem da Renascença dominando a ciência e a técnica, filhas da inteligência, entendeu estar de posse de todos recursos adequados de atendimento às necessidades da humanidade. Todavia, por desconhecimento, não levou em consideração, no progresso científico por ele levado a efeito a partir do Iluminismo, o Eu divino que estabelece a ética pela razão entendida em seu sentido filosófico univérsico. “Ciência sem consciência – o satã do gênero humano” (ROHDEN, 1961, p. 140).

## 2.5 O Evangelizador

Rohden (1962) declara que, mesmo antes de seu primeiro ano de apostolado, sentia o desejo de seguir o exemplo do apóstolo *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho*.

Se a primeira intenção de Paulo não era fazer teologia, sua preocupação central foi a prática e pastoral. Tencionava formar, em torno a Cristo, um povo novo, com diferente consciência de suas relações com Deus e entre si. A isso podemos chamar de preocupação apostólica ou missionária. Seus principais esforços se concentraram em criar comunidades e animá-las de maneira constante. Procurava fazê-lo pessoalmente e só quando isso não era possível escrevia cartas. Nessas, visava sempre à solução de problemas específicos. Contudo, fazia-o baseado em princípios e convicções inabaláveis (SILVA, 2008, p. 17).

Enxergava no padre esse bandeirismo orientador à luz dos Evangelhos do Cristo, posteriormente, realizado no Brasil através da evangelização Brasil afora, conhecida como Cruzada.

Esse desejo começou a se cumprir tão logo foi ordenado e designado como coadjutor do Monsenhor Topp.

Seguiram-se dois anos de intensos trabalhos e fadigas, dia a dia, e não raro de noite, perlustrava eu, no lombo de meu cavalo baio, aquela pitoresca vastidão da ilha de Santa Catarina, quando não vogava, em incertas baleeiras, de povoado em povoado, atendendo às necessidades espirituais daquela população abandonada e doentia. Desde Pântano do Sul e Ribeirão Grande até o Rio Tavares e Lagoa – que o mundo de reminiscências, envoltas agora na suave luz crepuscular duma grande saudade! (ROHDEN, 1962a, p. 29).

Nessas andanças alude a um fato curioso para um padre: o contato com superstições e crendices do povo humilde, ainda mais, tendo de “me convencer à força de fatos inegáveis que, no fundo de muitas dessas ‘crendices populares’, há um fundo de verdade” (ROHDEN, 1962a, p. 31).

A benzeção é a mais viva forma da cultura nascida do povo e praticada pelo povo. O povo guarda as suas cantigas, seus remédios, suas preces, suas devoções, seus rituais de trabalho, enquanto tiverem algum sentido na vida deles. Os benzedores tratam seus doentes com rezas, simpatias e remédios que não se contradizem em nenhum momento. Eles transmitem uma grande paz e pelejam com o doente. Diante do tratamento dado pelos benzedores, é fácil enxergar que eles representam valores. Para nós, é impossível imitar suas rezas, simpatias e benzições. Tudo isso está perfeitamente adaptado à vida dos benzedores e à dos seus doentes, mas muito diferente da nossa vida (NERY, [1980], p. 14).

Assim que voltou da Europa, foi determinado à paróquia de Santa Cruz, Rio Grande do Sul, administrada por cinco jesuítas alemães, servir a uma população luso-brasileira, composta na sua maioria por funcionários de uma importante fábrica de fumo em folha que uma grande companhia de cigarros mantinha naquele município. Esclarece Rohden (1962) que sua estada, de uma simples emergência, aos poucos se desdobrou a vários anos. Porém a considera como uma das maravilhosas providências de Deus para com ele, já que pode “oferecer aos seus tutelados a mesma essência divina que Jesus dera aos homens de seu tempo e que produzira tão gloriosa transformação de vidas humanas” (ROHDEN, 1962a, p. 102).

Dia a dia, se me tornava mais claro o abismo que existia entre catolicismo e Cristianismo. Para fazer meus tutelados bons católicos tinha eu que habituá-los, sobretudo, a três coisas: 1) ouvirem a missa aos domingos e dias santos de guarda; 2) confessarem-se: e, 3) comungarem ao menos uma vez por ano. Aqueles dentre os meus paroquianos que se cumprissem esses três requisitos básicos eram considerados como bons cristãos, ‘católicos práticos’, pessoas espirituais e, portanto, amigos de Deus. Ora, nenhum desses pontos tem a ver com a essência e alma do cristianismo; são práticas religiosas introduzidas pelo clero de Roma, no decorrer dos séculos, e que, em tempos idos, tinham, certamente, a sua razão de ser. Pode alguém ser cristão perfeito sem praticar um só desses exercícios religiosos – como também, por outro lado, pode alguém praticar meticulosamente esses três pontos do catolicismo e ao mesmo tempo não possuir Cristianismo genuíno (ROHDEN, 1962a, p. 102).

Sobre esse período Rohden chegou a declarar: “A minha estada em Santa Cruz foi decisiva para a minha ascensão à catolicidade evangélica, embora muitos óbices restassem ainda a superar” (ROHDEN, 1962a, p. 105). De Santa Cruz(RS) foi para Franca (SP), como Inspetor das Escolas das Estradas de Ferro, de onde saiu para a cidade do Rio de Janeiro.

*Lampejos*, jornal fundado na cidade de Santa Cruz, transformou-se na casa Editora Cruzada da Boa Imprensa, abastecendo o Brasil por livros, revistas, jornais e folhas avulsas com o propósito evangelizador. Vários foram os bispos e párocos, escritores cristãos e não-cristãos que abraçaram sua proposta evangelizadora. Contava o movimento com o apoio do Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Sebastião Leme, e de um dos maiores escritores católicos da época, Alceu de Amoroso Lima, o Tristão de Ataíde. Contudo de pouco adiantou esse prestígio diante da oposição por parte do clero brasileiro, descrito anteriormente.

De volta ao Brasil, no ano de 1952, fundou a Alvorada - Instituição Cultural e Beneficente, que manteve cursos permanentes de Filosofia do Evangelho e Filosofia Cósmica em São Paulo, Rio de Janeiro e Goiânia. Também fundou na cidade de Jundiaí (SP) o Centro de Retiro Espiritual Cosmorama, dirigido por ele, que se estendeu a diversas cidades brasileiras. Na Alvorada eram editados seus livros que, ao lado de palestras e cursos, mantiveram a função paulina de evangelização.

## 2.6 O Educador

Huberto Rohden viveu parte de sua infância, passando pela adolescência, parte de sua adultez, sob orientação da Ordem Jesuíta; primeiro como educando, posteriormente, como educador. Sim! Um padre não deixa de ser um educador na acepção da palavra. Educar, “derivado de *educere*, quer dizer *eduzir*, conduzir para fora do homem algo que está dentro dele; educar e descobrir, desenvolver e eduzir o que há de bom e valioso dentro do homem e pô-lo a serviço da vida individual e social” (ROHDEN, [1970], p. 29).

O educador é um *edutor*, alguém que *eduz* do seu educando o que nele dormita de melhor e mais puro. Educar não é injetar, impingir, mas sim *eduzir* e desenvolver o que existe na alma do educando, assim como a luz solar desperta e desenvolve na semente a planta que nela existe em potencialidade. Mas, como poderia alguém despertar em outrem os bons elementos, se no despertador não estivessem esses elementos, plenamente despertados? (ROHDEN, 2010, p. 18).

Quatro observações podem ser feitas sobre esse educador nascido de imigrantes alemães e tendo sua primeira educação em um lar na colônia alemã de Braço do Norte, posteriormente burilada pela ordem religiosa. A primeira é o que se chama de disciplina, qualidade essencial exigida a um educador. A segundo é a bagagem de conhecimentos que lhe foram permitidos pelos anos de seminário e aperfeiçoamento na Europa. A terceira é a vocação evangelizadora, já que o magistério não deixa de ser um sacerdócio. E a quarta é a consciência de que há uma diferença entre educação e instrução: “Descobrir fatos de fora de nós é instrução – realizar valores dentro de nós é educação” (ROHDEN, 2005, 17).

Como inspetor de educação das escolas da Estrada de Ferro, em Santa Maria (RS), posteriormente em Franca (SP), esteve ligado, de maneira direta, ao sistema educacional brasileiro. Depois, na década de 1940, fez parte do corpo docente da *American University*, de Washington D.C., lecionando Filosofia Universal e Religiões Comparadas. Ao fim de sua estada nos EUA, foi convidado a fazer parte do corpo docente da *International Christian University* de Metaka, Japão, a fim de reger as mesmas cátedras da American University, mas a Guerra da Coréia inviabilizou o projeto. Em São Paulo foi nomeado professor de Filosofia na Universidade Mackenzie, cargo do qual não tomou posse.

Após as palestras, Rohden atendia os presentes, autografava livros, dava entrevistas e tirava fotos. Os assuntos palestrados eram sempre ligados à Filosofia Cósmica ou Sabedoria do Evangelho. Em Goiânia<sup>6</sup> eram proferidas com auditórios lotados.

Em seu livro *Novos Rumos para a Educação*, afirma não necessitarmos de uma nova ciência social, mas, sim, de uma nova consciência individual que projete os seus efeitos sobre o plano da sociedade.

É matematicamente impossível que a sociedade seja melhor do que a soma total dos indivíduos que a compõem, porque aquela não é senão o composto destes componentes. É uma utopia pueril querer reformar a sociedade sem regenerar seus indivíduos. A nova forma de democracia que está por vir, a cosmocracia, é impossível sem um novo conceito de educação (ROHDEN, 2010, p. 15).

No ano de 1981, Rohden concedeu sua última entrevista ao jornalista José Ítalo Stelle, da Revista *Visão*, no dia 9 de fevereiro, poucos meses antes de sua passagem, em 7 de outubro daquele ano. Publicada na íntegra no livro *Educação Cósmica: autoconhecimento e autorrealização*, da qual selecionamos algumas perguntas e respostas que bem explicitam a coerência e lucidez de seu pensamento sobre a educação aos 87 anos de idade.

Visão – O vazio moral, a angústia existencial que muitos parecem sentir hoje em dia e que é constantemente representada na arte moderna – pintura, teatro, literatura, cinema, televisão, etc. – de onde vêm?

Rohden – Vêm da falta de autoconhecimento e de falta de verdadeira educação. Esses fatores sociais – rádio, teatro, televisão, etc. – não podem educar porque, como já foi dito, a educação é um processo eminentemente individual. O que os citados fatores sociais poderiam e deveriam fazer é remover ou diminuir os obstáculos à verdadeira educação. Infelizmente, porém, quase todos os programas de cinema, rádio, televisão são flagrantemente antieducativos. E isso acaba num vácuo ou numa frustração existencial, como repetimos sem cessar em

---

<sup>6</sup> Em Goiânia, tive a oportunidade de participar de diversas de suas palestras.

nossos cursos da Alvorada e em nossos livros (ROHDEN, 1997, p. 48-9).

Visão – E as Igrejas – não favorecem a educação? Não é, essa, parte de sua razão de ser?

Rohden – A teologia da Igreja ensina que melhor que viver corretamente é morrer corretamente. Se um homem vive cinquenta anos matando, roubando, desfrutando e, nos últimos cinco minutos, se confessa e se converte, vai para a vida eterna. Isso é um convite antipedagógico, um convite tácito para uma vida má, contando que haja morte boa. As teologias são tacitamente contrárias à educação da consciência. É, uma denúncia que eu faço em base real. Simples moralidade não é educação (ROHDEN, 1997, p. 47).

Visão – Mas as Igrejas não pregam a ética e o Evangelho?

Rohden – Não. Substituíram o Evangelho pela teologia. O Evangelho exige uma vida honesta do princípio ao fim. Mas as Igrejas pregam que basta converter-se na última hora. E tentam coonestar seu erro com uma falsa interpretação das palavras de Jesus ao ladrão da Cruz (ROHDEN, 1997, p. 47-8).

Buscamos, em nossa pesquisa, atualizar o homem da renascença ao homem da História do Tempo Presente, identificado no parágrafo subsequente, questionando se o “terror” vivido pela humanidade no período entre guerras, durante a segunda guerra e no pós-guerra, é filho da ignorância ou do erro.

Na primeira pergunta nos deparamos com consequências do terror vivenciado pelo homem da geração pós-guerra, e a resposta expõe com muita clareza a visão do filósofo-educador Rohden. Na segunda pergunta, o repórter busca uma relação entre a igreja e a educação, inclusive, induzindo esta como uma razão de ser da igreja. O filósofo acende uma luz entre o que seja a teologia e Evangelho do Cristo. A argumentação teológica da igreja organizada não visa a vida presente do homem e, sim, uma vida futura fora do planeta terra – visceralmente póstuma!!! (ROHDEN, 2010, p. 31). Na terceira pergunta, o repórter estabelece a relação entre igreja, ética e Evangelho. A resposta do educador-filósofo completa o raciocínio da resposta anterior.

O tempo não parou, na segunda resposta, como disse anteriormente, mas foi acesa uma luz entre a teologia e o Evangelho do Cristo. Completando o raciocínio desta resposta, é estabelecida uma relação entre a igreja, a ética e o evangelhos.

A permanência da religião na pós-modernidade não se sustenta mais apenas como mantenedora de memória religiosa (HERVIEU-LÉGER, 2008). Num acirrado mercado como o religioso, as mercadorias e serviços precisam de constante inovação. Todavia, para que não se perca o caráter ontológico subjacente das ações emanadas pelas igrejas, elas precisam de um intenso e permanente revestimento

doutrinário. Esse revestimento deve ser minuciosamente produzido considerando as demandas do meio social, sob pena de não obtenção da chancela sagrada pela sociedade (PASSOS, 2017, p. 31).

Metaforicamente, a lagarta transformou-se em borboleta. Ao se declarar cristão passa, automaticamente, a ser herdeiro de tudo que existe sobre a terra e o céu, administrados pelo único filho de Deus, Jesus Cristo, que tem como obrigação atender as exigências dos terráqueos. Imaginem! O homem passou a exigir de Deus o supérfluo para a sua felicidade e salvação. E Deus, que é todo poder e bondade, tem por obrigação atender.

Passos (2017) faz observação de que, na medida em que essa parcela alijada das atividades de consumo, que ele identifica como classe “C”, se sente incluída no mercado consumidor pelas mãos divinas, a reflexão que se faz é que, seria este o único caminho possível a ser percorrido por este estrato social diante dos “flagrantes antieducativos” referidos por Rohden em resposta à primeira pergunta da revista *Visão*.

Consumir é um avanço para essa multidão, entretanto, ao analisarmos essa questão por uma via mais crítica, verificamos que houve uma subalternização dessa nova classe pelos valores de mercado. Valorativamente, o juízo das classes tradicionalmente mais abastadas em relação aos novos inseridos continua depreciativo. Nessa lógica, essa nova classificação não passaria de um engodo, um chamariz para o incremento do mercado (PASSOS, 2017, p. 63).

O problema do homem encontra-se atualmente entre o ser e o ter. O ser manifesta-se na natureza humana através do Eu espiritual e o ter através do ego ilusório. O que dizer das palavras do Cristo: “Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?” (Mc 8, 36). Na filosofia univérsica, o “mundo” é identificado com o ego, e a “alma” com o Eu espiritual.

Vale lembrar que o livre-arbítrio é uma zona livre da jurisdição divina, em que cabe somente ao homem a decisão de qual caminho tomar. Essa foi a grande lição do saudoso educador Huberto Rohden.

## 2.7 Alvorada – Centro de Autorrealização

No ano de 1969, Rohden publica, pela Livraria Freitas Bastos, *Luzes e sombras da Alvorada*, um livro biográfico de seu trabalho, de seu ideal e de sua



vida, através do olhar de outras pessoas. Utilizando-se dessa referência procuraremos desnudar a Alvorada – Centro de Autorrealização.

Pronuncia o doutor Bento A. Martins, em discurso no encerramento do curso de filosofia proferido pelo filósofo Huberto Rohden, no Rio de Janeiro, no ano de 1968:

E é no *Ashram* de Washington que o nosso querido mestre Huberto Rohden recebe das mãos de seu guru Premananda esse conhecimento sob a forma de 'self-revelation'. Assenhora-se dele e empolga-se [...] transportando-o para a sua pátria e fundando em São Paulo em 1951 a ALVORADA, célula-mater de todo o movimento de auto-realização no Brasil (MARTINS *apud* ROHDEN, 1969, p. 225).

Segundo Martins (1969), na Europa, no ano de 1875, uma mulher de nome Helena Fadif Petrovna Blavátski fundou o Clube dos Milagres, uma espécie de sociedade secreta. Era detentora de cultura humanística e conhecimentos ocultos, até então desconhecidos do grosso da população. Por orientação de seu guru, Tuitit Bey (orientador espiritual), funda a Sociedade Teosófica em parceria com o Coronel Olcott e Mister Felt.

Esse movimento espiritualista metafísico teve que ser criado para neutralizar, para frear o inócuo materialismo reinante e apontar à humanidade que existe algo mais que a matéria; que existe uma ciência da vida mais avançada do que a ciência ensinada nas academias (MARTINS *apud* ROHDEN, 1969, p. 224).

Para Martins (1969), era necessário o advento da teosofia. Sem ela, seria impossível passar direto da ciência acadêmica materialista à autorrealização ou “como ouvimos na última aula: não podemos saltar de profanos a cósmicos sem primeiro fazermos um estágio na mística” (MARTINS *apud* ROHDEN, 1969, p. 224).

E a nossa ALVORADA não é em absoluto uma instituição simplesmente cultural, onde ouvimos quinzenalmente a palavra de Huberto Rohden; fazemos uma meditação domingueira e anualmente um retiro espiritual. Não!!! Hoje ALVORADA já está fixada em bases sólidas; não resta a menor dúvida de que é mais uma escola de iniciação filosófica, semelhante às da Antiga Grécia, do misterioso Egito, da nossa mãe Índia e do enigmático Tibet. Nós, discípulos, já vamos conhecendo, pouco a pouco, a única filosofia, que é a mãe de todas as outras filosofias, pois nada mais é do que a expressão de uma única verdade: 'satya nasti paro dharma' – não há religião superior a verdade (MARTINS *apud* ROHDEN, 1969, p. 225).

Rohden (1969) utiliza-se de metáfora para falar do nome Alvorada, na qual explica que tal qual o alvor o horizonte oriental anuncia o nascer do sol, neste mesmo sentido, embora metafísico, o nome Alvorada é o despontar da luz celeste, cósmica, crística, nas almas humanas.

Ele alude ao fim da Era de Peixes, começada pouco antes do nascimento de Jesus de Nazaré, simbolizando o domínio da fé; e preludia a Era de Aquário, há pouco despontada, que simboliza o período da sabedoria (ROHDEN, 1969). Observa a Era de Peixes como a dos crentes, e a Era de Aquários como a dos sábios, donde aquela é dos egos de boa vontade e esta dos Eu(s) da compreensão. “Esta orientação de experiência e vivência cósmica ou crística é que nós designamos pelo termo simbólico de Alvorada, ou seja, o alvorecer da consciência crística, da sapiência cósmica” (ROHDEN, 1969, p. 16).

Rohden (1969) esclarece que, por necessidade burocrática, teve de proceder o registro da Alvorada como entidade no órgão público competente, todavia, sua finalidade encontra-se longe de ser uma sociedade, uma igreja ou coisa que o valha. Segundo seu fundador, a alma da Alvorada é o autoconhecimento e a autorrealização do indivíduo, ou seja, a experiência mística transbordada em vivência ética (ROHDEN, 1969).

Àqueles que questionam o Movimento Alvorada com o Movimento Nova Era a resposta de então nos é dada pela visão de um dos discípulos do mestre Rohden (1969), o médico Bento A. Martins, num discurso proferido no encerramento de um dos cursos ministrados pelo filósofo, e que foi selecionado pelo próprio Rohden para compor o livro *Luzes e sombras da Alvorada*.

Vale aqui resgatar algumas informações. Rohden nasceu em 1893, quatro anos após a Proclamação da República e dois anos da promulgação da primeira constituição republicana que separou a Igreja Católica Apostólica Romana, oficial do Estado Imperial, do recém-criado Estado republicano, em que houve por parte da igreja a necessidade de restaurar sua hegemonia. Para tanto, segundo Mesquida e Brighenti (2011), buscará apoio junto aos seus intelectuais orgânicos e empreenderá uma guerra de posição<sup>7</sup>, utilizando a educação como arma de combate. Vale ressaltar que a igreja, desde o descobrimento, dominava as relações sociais e o imaginário popular e que, com a separação do Estado, encontrou seu enfraquecimento, uma vez que sua ação político-religiosa não

---

<sup>7</sup> Guerra de posição: “Pode-se se dizer que é o ponto de conexão entre a estratégia e a tática, seja em política, seja na arte militar” (Gramsci), Isso nos leva a refletir sobre a expressão filosófico-política de “guerra de posição” como sendo uma tomada no sentido de infiltrar nas trincheiras “inimigas” a fim de exercer influência e materializar a estratégia de luta [...] intelectuais, sob as ordens e orientação de Dom Lemes e Alceu (de Amoroso Lima, o Tristão de Athayde), iriam assumir posições no aparelho de Estado onde poderiam exercer uma ação favorável às reivindicações da igreja (MESQUIDA; BRIGHENTI, 2011, p. 4-5).

alcançava as grandes massas e a intelectualidade da elite agrária. “O regime de padroado<sup>8</sup> debilitava tanto a sua ação religiosa quanto a sua influência política” (MESQUIDA; BRIGHENTI, 2011, p. 2).

Se o padre Júlio Maria foi um verdadeiro intérprete e oráculo da ortodoxia católica no final do século XIX e início do século XX, encetando campanhas de divulgação do pensamento católico e de chamamento à Santa Madre Igreja aos católicos de nome, mas não de prática e de ação. Dom Sebastião Leme, a partir de 1916, desencadeará uma ação nacional, inicialmente a partir do Nordeste (Recife), depois, tendo como centro irradiador da dinamização da igreja o Rio de Janeiro, no sentido de apressar a restauração. Dom Leme irá centrar sua ação no chamamento dos intelectuais católicos. Para tanto, fundará no Rio de Janeiro, em 1921 e 1922, a revista *A Ordem* e o Centro Dom Vital, órgão de difusão do pensamento católico e de preparação de intelectuais, respectivamente (MESQUIDA; BRIGHENTI, 2011, p. 2-3).

A Pastoral Coletiva dos Senhores Arcebispos de São Sebastião do Rio de Janeiro, Mariana, Cuiabá e Porto Alegre, em 1915, sintetizou os resultados das conferencias anteriores, bem como estabeleceu as linhas de ação para a linha de restauração da hegemonia político-religiosa da Igreja Católica no Brasil. Mesquida e Brighenti (2011) comparam esse documento a uma “constituição” eclesiástica a ser seguida até que as propostas pelo Concílio Vaticano II, de 1963, começassem a ser aplicadas, assim resumida:

Guardar em sua integridade a fé professada pela Igreja Católica Apostólica Romana, fora da qual é impossível a salvação eterna, e esta depende da misericórdia divina por um lado, e da atitude do indivíduo, por outro lado. Trata-se de uma doutrina nova para o catolicismo brasileiro, universalista. A novidade trazida pela romanização é de difundir essa doutrina de modo sistemático e eficaz por meio da catequese escolar, associações, das diversas formas de pregação e da utilização do braço culto leigo da igreja (MESQUIDA; LORENZETTI, 2001, p. 60)

A missão da igreja de ensinar lhe foi dada por Jesus Cristo. Trata-se, portanto, de uma missão divina, por isso não pode ser negada por nenhum ser humano, e como a formação das crianças e dos jovens é feita na escola (PASTORAL COLETIVA DOS SENHORES ARCEBISPOS, 1915, nº 110).

A Igreja Católica, por sua instituição divina, tem o direito inalienável e independente de todo poder humano, não só de erigir, fundar e organizar escolas para formar e educar criticamente a infância e a juventude, segundo os princípios e preceitos do Evangelho, mas também de exigir que, em quaisquer escolas, a formação e educação da juventude católica se sujeite à sua jurisdição, e que, em

---

<sup>8</sup> O padroado, um privilégio concedido aos reis de Portugal, pelos papas, a partir da Bula *Cuncta Mundi*, de Nicolau V, de 08/01/1454, para exercerem a jurisdição espiritual nas terras descobertas, podendo instaurar dioceses, indicar bispos, sustentar o culto e dispor de tudo que dissesse respeito à difusão e à observação dos princípios cristãos, aliada ao *Placet*, faria se estabelecer nas relações da igreja com o Estado um verdadeiro regalismo (MESQUIDA; BRIGHENTI, 2011, p. 2).

nenhuma matéria ou disciplina, se ensine coisa alguma contrária à religião e a moral (PASTORAL COLETIVA DOS SENHORES ARCEBISPOS, 1915, n. 112).

Assim, a igreja deveria empreender uma 'cruzada'<sup>9</sup> em favor da fundação de escolas católicas e do ensino religioso nas escolas públicas. Essa 'cruzada se faria também por meio da criação de escolas paroquiais a serem abertas lá onde houvesse um padre e um templo. Mas para isso, era fundamental que a igreja tivesse professores capacitados e, ainda, intelectuais orgânicos nos quais a instituição eclesiástica pudesse depositar confiança (MESQUIDA; BRIGHENTI, 2001, p. 5-6, grifo nosso).

Dom Leme considerava que, apesar de o Brasil ser uma nação católica, a igreja pouco poder exercia sobre a sociedade civil e política. Acreditava que o *divini magisteri* da igreja não se limitava à educação propriamente dita, mas a uma ação político-pedagógica.

Com a Revolução de 1930 e a conseqüente ascensão de Getúlio Vargas ao poder, Schwartzman (MESQUIDA; BRIGHENTI, 2001, p. 11) define com uma frase o relacionamento entre igreja e Estado a partir de então: "A igreja era melhor do que qualquer partido político, um aparelho com alcance nacional capaz de mobilizar a opinião pública em favor da Revolução".

Neste recorte histórico, Rohden esteve seminarista, ordenou-se padre, aprovou-se para a Ordem dos Jesuítas, doutorou-se na Europa em Filosofia, voltou ao clero regular, e sobre o Cardeal Sebastião Leme assim se refere:

Resumi, nesse tempo<sup>10</sup>, em meu livrinho *Mistérios de Amor*, algumas das instruções que costumava dar aos neocomungantes, livrinho que despertou insólito entusiasmo em todo o Brasil e veio a ter uma série de edições. Mande a D. Sebastião Leme, então arcebispo-coadjutor do Rio de Janeiro, um exemplar de *Mistérios de Amor*, e com grande surpresa minha, recebi desse homem de Deus uma carta esplendida, a primeira de uma série de dezenas de outras que dele recebi mais tarde, durante mais de 20 anos.

Entretanto, dois decênios mais tarde, um mês após a morte do cardeal Leme, com data de 26 de novembro de 1942, cedendo a uma campanha de longos anos feita por algumas Ordens Religiosas estrangeiras contra a pessoa e obra do autor, D. José Gaspar de Afonseca e Silva, arcebispo de São Paulo, proibiu terminantemente o povo católico de ler e divulgar qualquer dos meus livros (então 25), como sendo, todos eles "perniciosos à fé católica", como diz a infeliz circular, que lançou o germe da discórdia doutrinária ao meio do catolicismo brasileiro e motivou minha retirada definitiva do clero romano (ROHDEN, 1962, p. 32-3).

---

<sup>9</sup> Origem do Termo "cruzada" ao movimento de evangelização criado pelo filósofo Huberto Rohden, Brasil afora.

<sup>10</sup> 1922.

Por ocasião de sua ordenação sacerdotal, Rohden lançou o seu primeiro livro, *Tú és o Christo, Filho de Deus vivo!*<sup>11</sup> Na página 8 dessa edição se lê:

Entretanto, visto que a moderna descrença contesta a autoridade dos documentos que servem de *substratum* a toda a nossa argumentação, cumpre-nos vindicar em primeira linha, embora sumariamente, o valor e a autoridade histórica dos quatro Evangelhos (ROHDEN, 1919, p. 8).

De seu primeiro ao último livro, sempre deixou claro sua opção pelos Evangelhos à Teologia. Em 1954, publica *Evangelho ou Teologia?*

Dentre as numerosas e variadas acusações, apenas três me pareceram merecer especial atenção, a saber: 1) que apresento Jesus como patrono da pureza inicial do homem, quando a teologia eclesiástica ensina que cada ser humano entra na vida manchado de pecado. 2) que apresento o Evangelho de Jesus como uma mensagem sobre a imanência de Deus do homem e no mundo, quando, segundo a teologia tradicional, reina um dualismo entre a criatura e o Criador. 3) que esta minha ideologia faz perder o horror ao pecado (ROHDEN, 1954, p. 7).

Sempre defendeu que seu anseio era mais uma proposta de volta ao cristianismo das catacumbas, ou seja, o cristianismo primitivo, em contraposição ao estabelecido a partir do século VI, através do Édito de Milão, em que os seguidores do Cristo foram chamados a se integrarem na organização do Império Romano transformando o cristianismo na religião oficial do Estado.

Qualquer teologia eclesiástica é, em última análise, uma caricatura quando posta em confronto com o retrato do Cristo que brilha nas páginas do Evangelho. O protestantismo do século 16 prometeu a humanidade cristã estabelecer o retrato autêntico do Cristo, tão horripelantemente deturpado pelo catolicismo romano, desde o quarto século a esta parte, mas, a despeito dos reais serviços que prestou a humanidade, também acabou pintando uma caricatura do Cristo real. Não resta ao homem sincero senão fechar os olhos a todas as teologias, antigas e modernas, e, vivendo intimamente a essência do Evangelho, redescobrir intuitivamente, nas profundezas de uma vidência espiritual, a efígie incontaminada e pura do Cristo eterno e universal do Evangelho (ROHDEN, 1962a, p. 156-7).

Retornando a questão da relação à Nova Era, o livro utilizado em nossa pesquisa bibliográfica na qual o assunto polêmico sobre o Movimento Alvorada pertencer ou não ao Movimento Nova Era traz em seu subtítulo a frase: “o que

---

<sup>11</sup> Com *Nihil Obstat*, Florianópolis, 1 de julho de 1919, Francisco Dahlmann, S. J.; *Imprimatur*, Florianópolis, 3 de julho de 1919, + Joachim, Eps., editado em 1919, na Typografia das Vozes de Petrópolis, Petrópolis, Rio de Janeiro.

os amigos e inimigos dizem da Alvorada e seu orientador”. Quem poderia esclarecer se o autor do discurso é amigo ou inimigo da Alvorada é o próprio Rohden, que infelizmente nada deixou escrito sobre a questão e não mais encontra-se entre nós. Neste caso, qual o interesse de afirmar ligações de Rohden com a Nova Era? Qual o interesse de impor uma natureza ao Movimento Alvorada que não é aceita pelo seu criador? Não acreditamos em qualquer tipo de maldade do doutor Bento A. Martins.

Em nossa dissertação de mestrado, esclarecemos esse assunto da seguinte maneira:

Sobre a identificação com o Movimento Nova Era, Rohden assim esclarece em uma aula ministrada no Centro de Autorrealização Alvorada de São Paulo em 23/05/1978, ‘E se alguém vos perguntar o que é Alvorada não digam: é uma igreja, uma teologia, uma seita, uma nova filosofia. A Alvorada existiu desde que a humanidade existe. Porque sempre houve pessoas que queriam conhecer diretamente a Deus. E muitos chegaram a esse fim’ (CARRIAO, 2016, p. 121).

O que interessa é que o Movimento Alvorada alcançou eco no Brasil e no exterior. Portugal é um exemplo disso que, ainda hoje, tem buscado promover a Alvorada mediante seguidores, admiradores e obras de seu idealizador reeditadas pelo seu legatário.

Pelo seu propósito, pouco importa se o movimento faz parte ou se inclui no movimento chamado de Nova Era. O importante é buscar nesse momento de incertezas uma luz no fundo do túnel. Mister se faz a autorrealização do homem através da integração ou síntese de sua ilusão separatista, representada pelo seu ego, à verdade unitiva representada pelo seu Eu. O importante é que, como no caso dos grandes pensadores, a filosofia univérsica de Huberto Rohden já se amalgamou no compêndio de orientação para a humanidade alcançar o pódio de sua evolução na cristandade, como será visto no próximo capítulo.

### 3. O HOMEM E O UNIVERSO

Para discorrer sobre o homem e o universo, necessário se faz estabelecer a relação existente entre eles levada a efeito pela Filosofia Univérsica, atribuída sua formulação a Huberto Rohden, na qual o universo é dividido em duas partes interligadas: o Uno e o verso. O Uno identificado como causa primária, e o verso como a manifestação do Uno. De acordo com esta filosofia, o homem é um efeito da potência cósmica (Uno) revelada em potencialidade telúrica (verso): um microcosmo (verso) regido pelas mesmas leis que regem o macrocosmo (Uno).

Assim, Deus se tornou referência necessária em toda e qualquer discussão sobre a constituição do universo. O homem, na condição de um cosmo em miniatura, referencia-se o Uno no Eu, e o verso no ego. Esse Eu é entendido como a inteligência cósmica em nós – o ego como a inteligência hominal em nós. A inteligência cósmica faz do homem um ser racional – a inteligência individual faz do homem um ser talentoso.

Rohden (1965) observa que nossas ideologias teológicas que nasceram, na maioria delas, na Idade Média, continuam necessitando de uma interpretação à altura da aceitação do homem contemporâneo. Observa que naquela época a humanidade quase nada sabia sobre o universo e o homem; e como Deus só é conhecido através do universo e do homem, essas ignorâncias acabavam por gerar a ignorância sobre Deus. Uma época em que, continua Rohden (1965), o universo era geocêntrico, tendo a terra como centro do mundo, o homem era egocêntrico, tendo como realidade central o seu ego. Que teologias poderiam ser construídas sobre esses dois erros?

Ainda em nossos dias, quase em véspera do segundo milênio da 'redenção', a mensagem do Cristo é tão escandalosamente nova que as chamadas igrejas cristãs acharam mais seguro regressar às ideologias tradicionais da velha sinagoga decadente de Israel [...] Hoje, o âmago do Cristianismo eclesiástico é tipicamente judaico – haja vista a ideia de pecado original, de Deus ausente, da redenção de fora, do céu e do inferno como lugares definitivos etc. (ROHDEN, 1965, p. 7).

Neste aspecto, observa Rohden (1961) que, nos três primeiros séculos, a igreja era católica, mas não romana, época em que quem decidia e legislava eram os Concílios Ecumênicos dos bispos, quando, então, no século IV, o imperador Constantino concedeu a liberdade à igreja, e esta foi aos poucos

perdendo o seu caráter de comunidade fraterna concentrando hierarquicamente em Roma, processo concluso no século IX, quando a infalibilidade doutrinária foi transferida dos Concílios Ecumênicos para a pessoa do Papa.

Assim, para Rohden (1969), os movimentos surgidos a partir da segunda metade do século XX como *New Thought*, *Self Realization*, *New Outlook*, *Newgeist*, *Seicho no Ie*, assim como e o Centro de Autorrealização Alvorada, nada mais são que uma tentativa de ressuscitar o Cristo do Evangelho e a igreja cristã primitiva não romana, isto é, ressuscitar a cristicidade das catacumbas e não o cristianismo teológico rejeitado por líderes como Gandhi<sup>12</sup>, Schweitzer<sup>13</sup>, Abraham Lincoln<sup>14</sup> ou mesmo o filósofo Nietzsche<sup>15</sup>. Aqui, Rohden faz uma distinção entre o Cristo e o Cristianismo teológico e eclesiástico.

Escreve Rohden (1983) que a ideologia teológica medieval monoteísta apregoando um Deus antropomórfico impossibilitou a concepção de um Deus impessoal; Deus lei e legislador do universo; de uma Divindade ultrapersonal, universal; de uma consciência cósmica.

Então, como ponto de partida para a compreensão do Uno como causa e do verso como efeito no universo, mister se faz que aceitemos a existência de Deus como define Capelli (1998, p. 13): “força ou razão de toda a criação”.

O matemático não se arriscaria a negar a existência da incógnita no conjunto equacional, pelo simples fato de desconhecê-la. Pelo contrário, usando o raciocínio lógico ele tem necessidade de sua existência e utilização para solucionar a equação, pois sem a existência da incógnita, mesmo desconhecida, a solução equacional seria impossível. Assim, temos que Deus é a grande incógnita da equação universal, que mesmo desconhecido, deve existir, para que possamos encontrar as repostas sugeridas pelo grande dilema da vida. Como o matemático, tomamos Deus como a incógnita e O colocamos em evidência, para que seja possível a resposta à grande equação da Criação (CAPELLI, 1998, p. 14).

Posto isto, com a intelectualização do instinto na biosfera (etapa da vida), o Uno do universo apresentou mais uma forma de sua manifestação no verso do universo: o homem.

---

<sup>12</sup> Gandhi: “Aceito o cristo e seu Evangelho, não aceito o vosso cristianismo” (ROHDEN, 1979, p. 11).

<sup>13</sup> Schweitzer: “Nós injetamos nos homens o soro da nossa teologia, e quem é vacinado com o nosso cristianismo está imunizado contra o espírito do Cristo” (ROHDEN, 1979, p. 12).

<sup>14</sup> Abraham Lincoln: “um dos maiores presidentes dos Estados Unidos, nunca se filiou a nenhuma das muitas igrejas cristãs que há nesse país, porque estava à espera da igreja do Cristo” (ROHDEN, 1979, p. 12);

<sup>15</sup> Nietzsche: “Se o Cristo voltasse ao mundo em nossos dias, a primeira declaração que faria ao mundo seria esta: povos cristãos, saabei que eu não sou cristão” (ROHDEN, 1979, p. 11).



Ao contrário das demais, essa nova manifestação vivente é dotada de consciência da sua alteridade, isto é, a qualidade de que é outro. Percebendo que se diferenciava do Uno, fez despertar em si a personalidade da ilusão do separatismo perante a verdade unitiva do Uno.

Segundo Rohden (1993), o homem caiu na ilusão de que pudesse existir separado do Infinito, uma manifestação do verso crendo na possibilidade de existência independente do Uno. Para Rohden (1993), nasceu então o que os teólogos chamam de “pecado original”<sup>16</sup>. Com isso, o ego personal sucumbiu-se à ilusão do separatismo – negando tudo o que não é espelho<sup>17</sup> – e até hoje tem carregado essa ilusão egóica em suas ideias e ações, motores do caminhar da humanidade no tempo e no espaço, em que a teologia humana apregoa o batismo<sup>18</sup> como forma de libertação desse “pecado”, quando somente a verdade pode afastá-lo dessa ilusão.

A existência desse ego ilusório humano à verdade do Eu crístico no humano se faz necessária, pois sem resistência não há evolução.

Rohden (1993) observa que a alteridade do ego se refere a sua existência, e que, na sua essência, há identidade com o Todo, embora o espelho impeça que o ego a enxergue no Eu.

A síntese entre existência e essência no homem consiste em dar sentido à vida: a autorrealização. “Quem fizer a grande síntese entre a diversidade existencial e a identidade essencial, esse realizou a verdade libertadora” (ROHDEN, 1993, p. 99).

---

<sup>16</sup> Segundo os teólogos, quer dizer que o homem, desde o princípio, por obra de satanás, caiu no pecado, herdado depois por todos os homens; a humanidade toda é pecadora desde o nascimento [...] quer dizer que o homem é um grande devedor [...] e Deus um grande credor [...] Deus exige imperiosamente o pagamento da dívida que a humanidade contraiu, Deus se sente ofendido com os pecados da humanidade e exige satisfação [...] É inaceitável supor que o Deus soberano se possa sentir ofendido, quando o senso de ofensa e a ofendibilidade é atributo de um ego mesquinho [...] É repugnante a ideia de que Deus seja vingativo e não queira perdoar a suposta ofensa de pobres criaturas [...] É revoltante admitir que Deus tenha exigido do único homem inocente o pagamento pelos delitos dos culpados [...] É monstruoso pensar que Deus tenha decretado o requinte das crueldades e uma morte atroz de seu Filho Unigênito para se dar por quite da dívida da humanidade pecadora (ROHDEN, 1979, p. 79, 81).

<sup>17</sup> Refere-se à mitologia que vivia, na Grécia, um adolescente de inigualável beleza, por nome Narciso. Certo dia, deitou-se o jovem sobre o espelho de um lago plácido, e foi contemplando nas águas a formosura do seu rosto. E a tal ponto se adorou e idolatrou a si mesmo que escorregou para dentro do lago, onde morreu afogado (ROHDEN, 1983, p. 109).

<sup>18</sup> A ideia teológica de que o batismo tenha por fim tirar o pecado original é uma doutrina diametralmente anticristã, uma vez que para o Cristo não existe nenhum pecado original; só existem pecados pessoais, e o batismo visa estes, exclusivamente (ROHDEN, 1965, p. 33).

Todavia, essa ilusão se faz necessária na caminhada do homem rumo ao que Teilhard de Chardin (1970) chama de ponto Ômega em seu processo evolutivo, ou seja, cristificação ao final da evolução iniciada na matéria (*hilos*), evoluindo para a vida (*bios*), ingressando na inteligência (*nóos*) e seguindo rumo à razão (*logos*).

### 3.1 Dialogando com Teilhard de Chardin

Martin Claret, legatário da obra de Huberto Rohden, como já foi dito aqui no primeiro capítulo, após a morte do filósofo, encontrou, em numa gaveta, uma série de textos que, depois de selecionados e ordenados, publicou em uma obra póstuma que recebeu o título de *A experiência cósmica*, sendo editada no ano de 1995.

Dois cientistas estão muito presentes nesta obra. Um é o físico alemão Albert Einstein, autor da equação  $E = m.c^2$ , que determina a relação da transformação da energia em massa e vice-versa, onde “e” = energia, “m” = massa e “c<sup>2</sup>” = velocidade da luz elevada ao quadrado, ou seja, energia e massa se equivalem, o diferencial é a velocidade da luz elevada ao quadrado. Einstein teve enorme relevância na formulação da Filosofia Univérsica e na visão monista cristã de Rohden. O outro, Pierre Teilhard de Chardin, jesuíta e paleontólogo que, numa profunda intuição místico-metafísica, revelou o evolucionismo espiritualista teleológico, isto é, a evolução do homem relacionando-a a uma causa final que ele denominou de ponto Ômega.

O prefaciador de *O fenômeno humano* assim refere-se ao ponto Ômega: “Para Teilhard de Chardin, como para Paulo, Cristo é o eixo e fim de todo o acontecimento do mundo, o ponto misterioso Ômega, para o qual convergem todas as forças ascendentes, de modo que a criação inteira lhe aparece em função do Verbo Incarnado” (WILDEIRS, 1970, p. XIII). Para Rohden isso é um absurdo! Como afirmar que Jesus (o Nazareno), que o prefaciador identifica como o “Verbo Incarnado”, seja o creador dos mundos e o ponto final da evolução cósmica?

Para Rohden (1995), toda obra científico-filosófica de Chardin, sobretudo *O fenômeno humano* e *O meio divino*, afirma que a suprema convergência do processo evolutivo chardiano é o Logos, o Cristo Universal, o Cristo Cósmico. A ideia sobre o conceito de Cristo Cósmico é claramente explícita em Mateus 22, 42-45.

Assim escreve João, o vidente entre os discípulos do Nazareno: “No princípio era o logos, e o logos estava com Deus (literalmente: rumo a Deus, *prós tón theón*), e o Logos era Deus. Tudo foi feito pelo Logos, e nada do que foi feito foi feito sem ele. E o Logos se fez carne, e ergueu o seu habitáculo em nós” (ROHDEN, 1995, p. 92). Logos, palavra grega para Razão, na Vulgata latina, aparece como Verbo.

Nas obras de Teilhard de Chardin não se trata de Jesus Nazareno como ponto Ômega; trata-se do Logos do Cristo Cósmico; não do Verbo Encarnado, mas sim do Verbo Encarnando, não do Cristo-homem, mas do Cristo-Deus. Embora este seja essencialmente idêntico àquele, contudo o modo de ser do Cristo Telúrico é totalmente diferente do Cristo Cósmico. O Cristo Cósmico, escreve Paulo aos filipenses, “subsistindo na forma de Deus, não julgou dever aferrar-se a essa divina igualdade, mas esvaziou-se<sup>19</sup> a si mesmo, assumindo forma de servo e tornando-se semelhante aos homens e aparecendo como homem no exterior<sup>20</sup> (ROHDEN, 1995, p. 93-4).

Retomando o sentido científico, o próprio Chardin diz seu evolucionismo não ser o evolucionismo de Charles Darwin. “A evolução darwiniana superou as estreitezias da zoologia e tornou-se um processo geral que se refere tanto ao átomo como às estrelas” (GIRARDI; QUADROS, 1975, p. 17), porém,

O alcance da evolução, para Chardin, vai ao cosmos onde se processa a evolução cosmogênica cujos acontecimentos mais importantes são: o constituir-se da matéria, quando se forma a geosfera; o vitalizar-se da matéria, quando se forma a biosfera; o humanizar-se da vida pela formação da noosfera. Aqui está a antropogênese. Esta evolução é teleológica no sentido de que só a direção é fixa: o ponto Ômega. Para chegar a este ponto fixo, a evolução se conduz numa linha ascendente em direção a uma complexidade sempre maior e um grau de

---

<sup>19</sup> As palavras de Paulo, no texto grego, são cuidadosamente escolhidas. Diz que o Cristo Cósmico, que estava “na forma de Deus”, na plenitude (*pleroma*), resolveu entrar na vacuidade (*kénoma*), evacuando-se (*ekénosen*) dos esplendores do Cristo Cósmico, e revestindo-se das roupagens humildes do Cristo Jesus, na forma de servo, de homem, até de vítima. Não deixou de ser o mesmo Logos creador, o *Alpha* do início de todas as coisas creadas, mas ocultou a sua natureza cósmica, de Primogênito de todas as criaturas, e apareceu como criatura humana em Jesus de Nazaré. O Verbo não-encarnado se tornou Verbo encarnado; o Cristo-cosmos o Cristo-homem. Quando o Cristo-homem deixou a Terra, voltou a ser o Cristo-cosmos, com a diferença de ser agora o Cristo-homem-Deus, o Cristo-homem recosmificado. Para todo o sempre é o Cristo Cósmico, o “Filho do Homem” (ROHDEN, 1995, p. 94).

<sup>20</sup> Cf. *Whole* (total) e *holy* (santo), *heil* (total, inteiro) e *heiling* (santo). Em alemão, o Salvador é chamado de *Heiland*, que quer dizer integrador, restituidor da totalidade, que é santidade (ROHDEN, 1995, p. 95).

consciência sempre mais elevado. Nesta condução a evolução se rege pela lei da complexidade consciência: a uma forma mais desenvolvida de consciência corresponde uma construção orgânica mais rica e mais complexa [...] a evolução avança não mais em virtude de energias ocultas, mas por vontade consciente da humanidade. O homem não evoluirá, mas guiará a evolução apoderando-se da cabina de comando. É com sua atividade criadora que o homem levará a cabo a evolução (GIRARDI; QUADROS, 1975, p. 17).

Chardin (1970) deriva o homem da hilosfera, seguindo a biosfera onde ocorre a intelectualização do instinto, fazendo-o florescer como homem na noosfera e, em função de sua teoria teleológica, segue um ponto fixo, o ponto Ômega – a Logosfera. Em outras palavras, segue o processo evolutivo desde a matéria, onde já estava presente, para a vida, onde é intelectualizado, e desta para a razão, chegando à consciência universal.

Ele supõe que toda a trajetória humana começa no infinito, o que o darwinismo não faz. Para este, o homem começa na matéria. Ele funda sua teoria baseando todos os finitos no Infinito. Apesar de parecer um evolucionista materialista, não o é. Supõe, como já foi dito, que todos os finitos têm como fonte o Infinito. O homem não está na noosfera vivendo uma experiência espiritual, e, sim, na espiritualidade vivendo uma experiência humana.

Teoriza que, através da matéria o infinito produziu a vida; através da vida produziu a inteligência; através da inteligência poderá produzir a razão; e esta nada mais é que a inteligência cósmica, universal, infinita, divina. O infinito pode ter um finito como canal. Esta é a ideia da evolução chardiana: do ponto Alpha ao ponto Ômega.

Chardin (1970) afirma que o universo não seria perfeito se não tivesse um grau alto de consciência. O ponto culminante será o homem realizado na alma do universo.

Rohden (1995) opta pela teoria evolucionista de Chardin na formulação da sua filosofia, na qual o homem pode e deve fazer, pelo poder de seu livre-arbítrio, o que o cosmos é por necessidade automática, e diz ser esta a sua quintessência: o Alpha e Ômega da vida humana. Como finalidade, através do autoconhecimento, deve alcançar a autorrealização, que ele identifica como a cristificação hominal, isto é, quando o homem chegar ao nível mais alto de complexidade e consciência para qual o universo tende a evoluir, o ponto Ômega, em linguagem chardiana, Cristosfera (Cristo), em linguagem rohdiana, logosfera (Logos).

Observa Rohden (1979, p. 17) que o texto original grego diz que no princípio era o *Lógos*.

*Lógos* é a palavra grega para Razão, Pensamento e Palavra. A Razão como raiz do Pensamento, e a Palavra como manifestação do Pensamento. A palavra *Lógos* foi usada pelos filósofos, metafísicos e místicos, séculos antes da era cristã, para designar a suprema Divindade Transcendente quando ela se revela como imanente nas criaturas finitas. O 'Uno' da Divindade absoluta (Brahman), se manifesta no 'Verso' das coisas relativas (Brahma). A infinita Essência aparece nas Existências finitas, aparecendo como UNI – VERSO. Isto é *Lógos* [...] O *Lógos* se faz carne, continuando a ser *Lógos*.

Rohden (1995) escreve que, desde 1930, os escritos de Chardin andavam nas mãos de estudantes e cientistas europeus, com sérias incriminações da igreja de Roma às ideias do jesuíta, o que desencadeou a polaridade de prós e contras às ideias de Chardin, ideias avançadas e heréticas para uns e pouco científico e excessivamente místico para outros. Sobre seu contato com o autor de *O Fenômeno Humano*, escreve:

Teilhard de Chardin, infelizmente, não possui o dom de escrever com clareza diáfana; o seu fraseado é um cipal emaranhado, por vezes uma densa nebulosa, da qual o leitor tem de destilar, com grande esforço, o sentido real. Armei-me de grande coragem para penetrar nessa selva de 348 páginas (*Le Phénomène Humain*), a fim de saber e poder dizer algo aos meus alunos de filosofia e aos leitores de meus livros, que me bombardeiam com incessantes perguntas e me mandam recortes de jornais pró e contra Teilhard de Chardin. Sim, necessita-se de uma grande coragem pra penetrar nessa selva científico-filosófico-teológica do *Fenômeno Humano*, porque ela é quase impenetrável lembrando a densa beirada das nossas florestas tropicais (ROHDEN, 1995, p. 78).

Quando escreve, “Hoje, cerca de um decênio após a morte do autor de *O Fenômeno Humano*”, em *A experiência Cósmica* (ROHDEN, 1995, p. 78), deduz-se que este texto foi escrito pelo filósofo no ano de 1965. Esse é um dado importante para aqueles que estudam a produção literária de Rohden, em que quase sempre seus livros aparecem sem a data de publicação. Outra observação relevante é que os textos sobre Chardin que compõem obra *post mortem* são contemporâneos do livro *Catecismo da Filosofia*, no qual escreve no primeiro parágrafo do prefácio: “Considero este pequeno volume mais importante que outro livro meu qualquer” (ROHDEN, 1965, p. 5).

Neste livro de pouco mais de 50 páginas, encontra-se toda síntese de seu pensamento. No terceiro parágrafo, afirma escrever, no que ele chama de livrinho, o esquema tradicional do catecismo, mas dando-lhe outro conteúdo. Tomando mais um pequeno espaço nessa viagem com Chardin para explicar

que, em outro livro *post mortem*, também escrito na década de 1960, *Cosmoterapia*, a cura dos males humanos pela consciência cósmica, Rohden, na página 33, explicita o termo Filosofia Univérsica, com o objetivo de esclarecer que o pensamento de Chardin não foi, em absoluto, a base da Filosofia Univérsica. No ano de 1978, escreve outro opúsculo de pouco mais de 40 páginas com a finalidade de esclarecer sobre a Filosofia Univérsica, sua origem, natureza e finalidade.

Para Rohden (1995), Teilhard de Chardin, em sua obra, procura voltar ao Evangelho do Cristo desmantelado a partir do IV século, em que a mensagem do Cristo foi substituída pelas teologias dos cristãos.

### 3.2 O Homem, esse Conhecido

Rohden (1965) afirma ser o homem a mais perfeita individuação consciente de Deus na terra. Chardin (1981) sobre o homem assim escreve: é a chave do Universo. D'Olivo (1984), escritor e palestrante espírita, afirma que o homem é uma conquista biológica do princípio inteligente. Capelli (1988), escritor e palestrante espírita, afirma ser o espírito o princípio inteligente do universo.

O corpo humano, esclarece Capelli (1988), é um conjunto de elementos transmutando energia entre si regido pelo princípio inteligente de D'Olivo (1984), que podemos identificar como Deus. No entanto, afirma Capelli (1988) que, ao dispersar a energia, os elementos se dissociam tomando sua forma original, não impedindo que a energia divina permaneça presente no universo, inclusive na forma original dos elementos dissociados.

O homem por si é uma potencialidade divina, isto é, uma individuação de Deus na terra. Assim, está justificado o fascínio pela figura do Cristo. Afinal O carregamos dentro de nós como Jesus de Nazaré, com a diferença que, em Jesus, o Cristo potencializou-se, e em nós o Cristo é potencializável. Diante disso, Rohden (1979, p. 21) desenvolve a seguinte assertiva: “Se nunca ninguém se realizara plenamente como poderíamos nós ansiar por nossa autorrealização?” Eis a resposta às observações levadas a efeito sobre o fascínio a esse personagem de tamanha importância no mundo:

Fascínio que tem levado multidões a templos, praças públicas, estádios de futebol, ginásios de esportes, etc. para ouvir o que se tem a dizer sobre Ele; fascínio que O coloca em um percentual elevado de audiência nas grades das televisões no Brasil e no Mundo; fascínio que sustenta um mercado editorial e fonográfico como jamais alguém o fez: a Bíblia é hoje o livro mais vendido na história gráfica mundial; espaços físicos cada vez maiores e luxuosos são erguidos e nominados como Suas casas. Suas palavras expressas nos Evangelhos se tornam essenciais como alimento da alma humana. Fascínio que chega a ser considerado como análogo a um autofascínio. O que se pode dizer de tudo isso, é que, esse Personagem não pode ser alguém inventado (CARRIÃO, 2016, p. 7).

Apesar de

sobre Ele passarem todas as heresias e todas as guerras, a igreja, que se diz depositária de sua palavra e de seu poder espiritual, semeou todas as discórdias, inventou todos os sofismas religiosos, assenhorou-se de todos os poderes temporais ao alcance de sua megalomania, em seu nome; entretanto, a sua doutrina nada perdeu com a influência nefasta dos bispos audaciosos. Em seu nome criaram coletividades para as campanhas fraticidas, incendiou-se, destruiu-se: não obstante, todos esses atentados, a sua palavra nada perdeu de sua antiga doçura, consolando aflitos e edificando a verdadeira paz (EMMANUEL *apud* LIMA, 1937, p. 6).

Afinal, quem é o Cristo? “Muitas são as tentativas de resposta, mas nenhuma consegue esgotar o argumento, pretendendo ter a resposta definitiva. Talvez Jesus tenha sido um pouco de cada definição, mas sempre ultrapassando todas” (SCHIAVO; SILVA, 2011, p.101).

Já se passaram mais de 2 mil anos que Jesus indagou aos chefes da Sinagoga: “Que pensai vós do Cristo? De quem é filho?” (Mt 22,42). “Responderam-lhe eles: de Davi” (Mt 22,42). Jesus reprovou a resposta com outra pergunta: “Como, pois, Davi, pelo Espírito, chama-lhe Senhor dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés” (Mt 22, 43-44). “Se Davi, pois, lhe chama Senhor, como ele é seu filho?” (Mt 22,45). Arremata Jesus.

Essa passagem expressa, de maneira clara, a confusão de entendimento entre o Jesus de Nazaré e o Cristo Cósmico, aliás, que continua aos dias atuais. “O Cristo é a primeira e a mais alta manifestação da suprema Divindade, gerado *ab eterno*, antes que Abraão e Davi nascessem, antes que o mundo existisse” (ROHDEN, 1970, p. 12), por isso, a negativa à resposta dos chefes da Sinagoga de Israel. Jesus é descendente da Casa de Davi, porém, o Cristo, o Verbo ou Logos, se fez carne por meio da Virgem Maria e habitou entre os homens, NÃO!!! Cristo é Deus, manifestação singular da Divindade: “Eu e o Pai somos um, mas

o Pai é maior que eu” (ROHDEN, 1979, p.12). O Cristo Cósmico é a sinergia propiciada pela Divindade visível em Jesus e potencializada no homem. “Quem me vê a mim vê o Pai” (Jo 14,9).

A imagem e semelhança entre o homem e o criador são outorgadas em forma de potencialidade. “Vós fareis as obras que eu faço, e fareis maiores do que estas”, porém, para isso, necessário se faz o conhecimento da verdade.

Para Rohden (1979, p.12), tal como o Cristo Cósmico manifestou-se na pessoa de Jesus, “pode ter-se personificado em outras formas e em outras partes da terra ou do cosmos, e pode, também, personificar-se, ainda hoje, em outros homens ou em outras criaturas”. Ele inclusive atribui ao Krishna uma das encarnações telúricas do Cristo Cósmico. Este Cristo, por sua vez, é o unigênito da Divindade e o único gerado por ela, podendo manifestar-se por aqui e acolá.

Jadava Krishna es el Cristo de los hindues. Estos dos grandes avatares, Jadava y Jesus, manifestaron plenamente la Consciencia del Cristo, esto es, la Kutastha Chaitanya o divina inteligencia directriz que se encuentra presente en cada átomo de la creación. ‘Mas a quienes le recibieron [a la Consciencia del Cristo universal], a ellos doíles el poder de convertirse em hijos de Dios’<sup>21</sup>, San Juan, 1: 12 (YOGANANDA, 1992, p. 16).

Segundo Rohden (1965), O Cristo Cósmico – o Verbo ou Logos – trata-se da primeira e mais perfeita manifestação individual da Divindade universal, o “primogênito” de todas as coisas, sendo Deus em sua essência eterna e criatura em sua existência temporal. O Cristo Telúrico é o mesmo Cristo Cósmico depois de sua encarnação humana em Jesus de Nazaré, quando o Verbo se fez carne e habitou entre nós; e Jesus, apenas o veículo visível do Cristo invisível, “O mesmo Cristo Cósmico pode ter-se personificado em outras formas e outras partes da terra ou do Cosmo, e pode também personificar-se, ainda hoje, em outros homens e em outras criaturas (ROHDEN, 1970, p. 12).

O Pai está em mim, e o Pai está em vós; as obras que eu faço não sou eu quem as faço, mas é o Pai em mim que faz as obras... Vós fareis as mesmas obras que eu faço, e fareis obras maiores do que estas (ROHDEN, 1975, p. 12).

---

<sup>21</sup> Tradução não literal: “Jadava Krishna é o Cristo dos hindus. Estes dois grandes avatares, Jadava e Jesus, manifestaram plenamente a consciência do Cristo, ou seja, a essência da Divindade criadora, ou a orientação divina que está presente em cada átomo da criação. ‘Mas quem a recebeu (consciência do Cristo universal), a eles foi dado o poder de converter-se em filhos de Deus’”.



Rohden (1975) afirma que havia entre o Cristo Cósmico e Jesus Nazareno uma total interpenetração e permeação a tal ponto de nunca mais eles se separarem. Diz que o Cristo cristificou Jesus ao ponto de ambos subirem aos céus e juntos estarem por toda a eternidade. Admite ser Jesus o Cristo Telúrico, que é o mesmo Cristo Cósmico, que é Deus, filho unigênito do Pai, a Divindade.

Retomando a natureza hominal, escreve Capelli (1998, p. 222), que “a matéria somente pode transferir suas próprias características, e que o conhecimento é um fato acumulativo que demanda experiência de tempo”. Isto para justificar o processo de palingenesia<sup>22</sup> registrado na antiguidade pelo povo hindu, egípcio, caldeu, persa, grego e pedra angular da Codificação Espírita elaborada por Allan Kardec, que norteia o Movimento Espírita.

Rohden (1965) não repulsa o processo reencarnatório, mas exige uma prova para sua aceitação. Ao escrever o roteiro evolutivo do homem, Rohden (1983) fala de encarnação, antes da qual existe um Espírito Puro que o classifica como emanção individual do Espírito universal. Este Espírito Puro, sabendo de sua potencialidade de realização, vai em demanda da matéria (noosfera), a fim de sofrer a resistência necessária para a evolução. Numa coisa concorda com a Codificação de Kardec, esse espírito encarnado atua como alma, ou anima, animando a matéria corporal.

Daí por diante há duas alternativas, segundo Rohden (1983): a alma se realiza através do corpo ou é dominada pelo corpo, iniciando a involução, chegando à (des)homificação ao ponto de perder sua natureza humana. Neste caso, teria uma única oportunidade nesse processo evolutivo? Seria essa a opção oferecida pelo<sup>23</sup> roteiro evolutivo do Alfa inicial ao Ômega final?

Uma única existência terrena seria curta para buscar sua evolução no que se alude ao Alfa/Ômega. Assim, temos que analisar essa evolução em termos de civilização, utilizando-se do processo histórico-cultural em busca do homem integral: aquele que possui o seu Eu espiritual manifestado em seu ego material, mental e emocional.

---

<sup>22</sup> Palingenesia (do grego *paliggenesia*) é o mesmo que Metemigração e Reencarnação (PAULA, 1976, p. 164).

<sup>23</sup> Livre-arbítrio é, por assim dizer, uma zona isenta da jurisdição divina, o que de bem ou de mal o homem fizer nessa “zona isenta”, ou nesse “campo neutro” da sua liberdade, é ele mesmo que o faz por sua conta e risco, e já não é Deus que o faz. Pelo livre-arbítrio possui o homem um poder creador; é nisto que consiste a sua semelhança com Deus (ROHDEN, 1965, p. 79).

O alcance da cristificação é a glorificação humana nessa caminhada que começou no mesmo instante em que nasceu o universo. Lá estava o Espírito Puro emanado do Espírito universal creador. Na evolução cosmogênica, esse Espírito Puro consciente de sua potencialidade realizativa que demanda da etapa da vida (biosfera) para a intelectualização do instinto (noosfera) em busca da resistência (Eu e ego) a fim de chegar ao topo dessa caminhada: a glória redentora (logosfera).

As teologias, segundo Rohden (1965), falam em alorredenção, mas para um ser consciente de seu livre-arbítrio só pode existir autorredenção. Para Rohden [1970b], o homem pode e deve salvar-se não pelo seu ego humano, mas pelo seu Eu divino. Esta redenção pelo Eu é Cristo-redenção, porque o eu divino do homem é o seu Cristo interno. Faz, ainda, uma observação sobre a integração do homem indivíduo: nem somente o homem-corpo, nem somente o homem-alma, e, sim, o homem corpo-alma ou homem alma-corpo, justificando que não foi o corpo que fez a alma, mas a alma fez o corpo desde o momento da concepção. Corpo sem alma seria cadáver; alma sem corpo seria fantasma.

Neste aspecto há uma consonância com a Codificação Espírita, senão vejamos. De acordo com o *Livro dos Espíritos* (2013, p. 25), o homem possui duas naturezas: “a do corpo físico, que é igual à dos animais e de onde provêm seus instintos, e a da alma, através da qual participa da natureza dos espíritos”. A questão 344 do *Livro dos Espíritos* (2013, p. 199) nos esclarece que a união do espírito ao corpo começa na concepção, mas só se completa no instante do nascimento:

Após a concepção, o Espírito se liga ao corpo que vai habitar por uma ligação fluídica. Essa ligação vai aumentando gradativamente de intensidade até o momento em que a criança nasce. O choro anuncia que o Espírito se encontra entre os encarnados e entre os servidores de Deus.

Zimmermann (2000) fez um resumo esclarecedor à luz da doutrina sobre o perispírito<sup>24</sup>, cuja função organizadora aparece especialmente notável no processo de reencarnação, em que o ritmo morfogenético (relativo à modelagem dos sistemas biológicos: células, tecidos, órgãos) leva à formação de um novo corpo físico que se estrutura rigorosamente de acordo com as características

---

<sup>24</sup> Assim como a semente de um fruto é envolvida por uma membrana fina chamada perisperma, o Espírito propriamente dito é revestido por um envoltório que por comparação, poderíamos chamar de perispírito, segundo o *Livro dos Espíritos* (2013, p. 96).

que marcam o corpo espiritual, modelo por excelência; e Xavier (1962) acresce afirmando que o perispírito é, ainda, corpo organizado que, representando o molde fundamental da existência para o homem, subsiste além do sepulcro, demorando-se na região que lhe é própria.

Na visão rohdiana, com o cessar da vida biológica humana, o Espírito Puro volta ao habitat universal, quando, na visão espírita, o perispírito subsiste à espera de uma nova encarnação, denominada reencarnação por se tratar do mesmo espírito.

Ainda segundo o *Livro dos Espíritos* (2013, p. 112): “a ação dos seres no corpo físico é necessária para a marcha do universo. Deus, em sua imensa sabedoria, quis que, através da reencarnação, os espíritos encontrassem um meio de progredir e de se aproximar Dele”.

Enquanto Rohden acredita em uma síntese entre o Ser do Eu e o existir do ego no processo evolutivo para o alcance do homem integral na logosfera, o Espiritismo o faz pela pelo processo reencarnatório. Em ambos a ferramenta é a educação, mas não em absoluto, em seu sentido formal.

### 3.3 Educação Cósmica

No ano de 1958, Rohden realizou uma série de conferências no auditório do Ministério da Educação, no Rio de Janeiro, sobre o tema Novos Rumos para a Educação. Naquele momento já visualizava a necessidade de uma orientação em escala global. Não se tratava de um modelo de educação tendo como referência a realidade desse ou daquele país, e, sim, uma orientação educacional para os homens do amanhã.

O filósofo e educador escreveu para o seu tempo, e muito além dele. Apesar de passados mais de 60 anos, sua visão de educação para o mundo continua atual, haja vista a proposta filosófica do sistema educação brasileiro estar também voltada para a formação integral do homem.

Tem uma expressão latina que diz *De intimis non curat practor*, ou seja, com as coisas internas não se preocupa o magistrado. Esclarece Rohden (2010) que quando uma pessoa cumpre as obrigações de seu ofício ela é considerada

responsável, eficiente e juridicamente inatacável, mas isso não impede que ela seja humanamente má; isto para explicar que o “foro externo não coincide, necessariamente, com o foro interno, e é aqui que se bifurcam os caminhos entre simples instrução e verdadeira educação” (ROHDEN, 2010, p. 16).

O que chamamos cotidianamente, no sentido popular, de educação, inclusive entre os acadêmicos, é quase sempre instrução.

Instruir, como a própria palavra insinua, é introduzir no homem o conhecimento dos objetos da natureza circunjacente, pô-lo em contato consciente com todas as coisas que afetam o seu ego físico, mental e emocional, e pôr esses conhecimentos a serviço da vida social, nacional e internacional. A instrução é, pois, uma introdução de fora para dentro, dos objetos para o sujeito – Educar, derivado de *educere*, quer dizer eduzir, conduzir para fora do homem algo que está dentro dele; educar é descobrir, desenvolver e eduzir o que há de bom e valioso dentro do homem e pô-lo a serviço da vida individual e social (ROHDEN, [1970d], p. 29)

A educação visa o sujeito, a instrução o objeto. Retomando o exemplo anterior, de que adianta um profissional ter habilidade (atributo nato) para desenvolver competências (atributo do aprendizado) sem consciência ética de convivência social?

Como na bipolaridade hominal Eu e ego, em que o segundo deve permitir a presença do primeiro para a harmonização do homem<sup>25</sup>, a instrução deve permitir a presença da educação na busca de atendimento das necessidades humanas através do alcance de uma educação integral<sup>26</sup>.

Estamos todos os dias assistindo em nossas televisões a propagandas de Escolas Superiores em que o *slogan* se traduz na preparação de competências aos seus pretensos alunos. O mercado educacional vende essas competências sem a preocupação com as habilidades de seus compradores, de maneira que pouco vale a posterior frustração profissional daquele que busca competências dissociadas de suas habilidades.

Para atender necessidades individuais e a massificadora exigência do mercado tudo vale, inclusive a ilusão. Não que as ciências da natureza, as ciências exatas, não tenham importância, mas as ciências humanas estão sendo colocadas à margem do processo educacional.

---

<sup>25</sup> O homem-ego é o homem-Eu, mas em estado atrasado, embrionário, potencial. O homem-Eu é fundamentalmente o próprio homem-ego, mas em estado avançado, plenamente adulto, maduro, atual (ROHDEN, 1970a, p. 17).

<sup>26</sup> A palavra integral no texto deve ser entendida como cósmica.

O estado social da humanidade, assevera Rohden (1960, p. 125), “é necessariamente o eco do estado individual dos homens que compõem a sociedade”, daí a necessidade de que essa base ética esteja presente, além da orientação educacional familiar, na educação formal e informal em todos os níveis.

Segundo Falcão (2014), a ética obedece a determinações interiores, mas isto não significa que, no atual estágio em que se encontra a humanidade, além dessa ética moral interior do ter-que-ser-para-si, o homem é submetido a outro tipo de ética, a exterior jurídica do ter-que-ser-para-outrem.

O propósito da educação cósmica é o alcance de um estágio em que a humanidade viva a forma de governo cosmocrata, na qual o homem e o Estado, conscientizados nas determinações da grande Lei estabelecida, mantêm a ordem do Universo e dispensam a ética do ter-que-ser-para-outrem.

Nessa formatação não terá o homem que temer castigo divino (inferno), nem castigo do homem através do Estado (prisão), muito menos a estupidez do cerceamento de liberdades (a escravidão clássica ou moderna).

O homem deve, livre e espontaneamente, evitar o mal e praticar o bem, não por causa de um punidor fora dele – humano ou divino –, mas para não ofender a sua própria pureza e santidade, para não profanar a sua nobreza e sacralidade, para não desvalorizar o seu grande e imenso valor humano (ROHDEN, 2005, p. 43).

Não será tarefa fácil por se tratar de uma revolução de dentro, além de ter que romper com a pregação teológica de milênios na qual o homem é mau e pecador desde o seu nascimento. O que não condiz com a verdade. A humanidade não pode trazer em seu DNA o “pecado original”, porque no início da vida os primeiros exemplares humanos foram levados ao pecado por uma serpente.

Atualmente, não há espaço para uma atitude mosaica em que, segundo Carrião (2016), para mudar a concepção religiosa-cultural egípcia impregnada no povo hebreu - reflexos de sua permanência na terra dos faraós. Após o Êxodo, Moisés optou por permanecer 40 anos no deserto a fim de que a nova geração, educada sob os preceitos de Jeová, pudesse se organizar socialmente como nação para ocupar a Terra Prometida. Essa mudança, nos dias atuais, virá através da Educação.

Um reencantamento<sup>27</sup> do mundo, na História do Tempo Presente, surge através de movimentos questionando a religião católica romana dominante no ocidente; a ciência que, da promessa de um paraíso sobre a terra, mostrou-se numa indústria de horrores; a interpretação dos Evangelhos; de Deus, do Cristo, dos anjos, de entidades protetoras; a relação do próprio homem com o seu semelhante; o planeta e os animais; a sociedade consumista e dominadora através de suas elites; a importância de valores morais enfiados goela abaixo pelo Estado, religiões ou pela própria sociedade dentre outras.

Boff (2008) escreve que, a partir dos anos 1960, com o surgimento do pensar ecológico, as religiões e as tradições espirituais foram chamadas a dar uma substancial colaboração a respeito das coisas para com a natureza e para com o Universo, resgatando, no âmbito cristão, a tradição do Cristo Cósmico, permitindo, através dos conhecimentos oferecidos pela nova cosmologia, afirmar que o Cristo é parte do Universo. “Se a encarnação enraizou o filho de Deus, anunciado como o Cristo e o Salvador, num determinado lugar, numa família humana, num povo, na humanidade, a ressurreição lhe conferiu dimensões cósmicas” (BOFF, 2008, p. 11).

Quem modernamente ressuscitou a visão do Cristo cósmico e introduziu a distinção entre o ‘crístico’ e o ‘cristão’ foi o paleontólogo e místico francês Pierre Teilhard de Chardin (+1955): Nele há um pressuposto fundamental: se o cristianismo não é nenhuma ideologia, mas uma palavra essencial sobre a realidade em que vivemos em última radicalidade, então deve mostrar-se de alguma forma num fenômeno. Esse fenômeno seria cristianismo de forma explícita e de outras formas em outras tradições espirituais (BOFF, 2008, p. 12).

Para Rohden (1997, p. 44), a “boa ordem social não tem origem na política, mas na ética que ordena a consciência dos cidadãos e dos líderes da sociedade: ela se projeta na sociedade, mas está radicada no indivíduo”.

Na segunda metade do século 20, alguns papas, a começar por João XXIII, concederam certa liberdade de pensamento aos teólogos – e logo se manifestou enorme onda de revolução e evolução no seio do catolicismo, diminuindo grandemente poder da hierarquia onipotente. Vozes libertas do meio do clero ousaram dizer que nós da ALVORADA e de outros setores do Cristianismo não-clerical, vínhamos afirmando havia diversos decênios (ROHDEN, 1979, p. 49).

---

<sup>27</sup> Há quem fale do “desencantamento” sob a falsa visão de “desilusão” e, para esses, o reencantamento seria uma nova era de luz, otimismo e fraternidade, sob novos valores de conceitos ainda de fundo não só religioso, mas também científico e até mesmo ecológico dentre outros (PREZOTTI, 2015, p.11).

Retomando a educação cósmica como meio de alcançar a cosmocracia, mister se faz o registro da caminhada iniciada na monocracia, representada pelo reino, império e monarquia; esta última, chegando a uma representação de Deus na terra, quando da ideologização do “direito divino dos reis”, posteriormente vindo a ser esse rei uma mera figura decorativa no poder com a adoção do sistema parlamentarista.

A monocracia como sistema de governo foi substituída pela democracia surgida da Grécia Antiga, estendida à Roma Antiga e retomada com a Revolução Francesa no mundo moderno. Democracia é o governo do povo pelo povo e para o povo. Na adjetivação, Rohden (2005, p. 106) faz uma observação às palavras “do”, “pelo” e “para”:

Aparentemente tão inocentes representam a alvorada de algo que parecia estabelecer a definitiva paz e felicidade dos povos sobre a face da terra – mas marcou o início de um período de caos e desordem de que não conseguimos ainda libertar-nos [...] A democracia foi proclamada pelo ego e continua a ser governada pelo ego; quer dizer, por um fator periférico da natureza humana, falsamente identificado com a realidade central do homem, que é o Eu.

Em ambas, monocracia e democracia, o poder emana de um; ambas criadas e mantidas pelo ego periférico humano, com uma diferença: na primeira, de forma singular, e na segunda, de forma coletiva, em que, segundo Rohden (2005), governante e governado são o mesmo, o povo.

A cosmocracia, como o próprio nome a define (cosmo = universo + cracia = governo) é a forma de governo contrária à monocracia e democracia, que são mantidas pelo ego periférico humano. A cosmocracia é mantida pela Lei que estabeleceu e mantém a harmonia do universo, que se encontra presente no Eu central do homem, governando através do ego periférico sintetizado com esse Eu central.

As leis que atuam no macrocosmo universal são as mesmas atuando no microcosmo hominal, com a diferença que, no macrocosmo universal, agem de maneira automática, porquanto, no microcosmo hominal, de maneira voluntária. Conhecer o homem é conhecer o universo. “O homem, assim escreve Teilhard, é a chave do universo” (MORTIER, 1981, p. 23).

O relativamente novo apresentado por Rohden na Filosofia Univérsica é apontar explicitamente a unidade (Uno) na variedade (verso) tanto na física macrocósmica sideral como na metafísica microcósmica hominal. Com isso,

afirmando que a lei que legisla sobre o macrocosmo sideral é a mesma que atua sobre o microcosmo hominal, e sempre enfatizando que, naquele, esta ação legislativa é compulsória, e neste, voluntária em função do livre-arbítrio.

### 3.4 Cosmorama

Cosmorama está para Rohden (1955), como Cidade do Sol está para o frade dominicano Campanella (1602).

Tomás Campanella nasceu em 1568 na Calábria. Desde muito cedo manifestou inclinações para o estudo, e aos quatorze anos entrou para a Ordem dos Dominicanos. Foi sempre um espírito rebelde, mas nunca perdeu sua fé e sempre permaneceu ligado à Igreja. Por suas ideias políticas e filosóficas sofreu perseguição e viveu vinte e sete anos em prisão. Passou os últimos anos de sua vida na França, onde morreu em 1639. Escreveu vários livros e sua obra mais conhecida é a 'Civitas Solis', que escreveu na prisão, na qual se percebe a influência da República de Platão e da Utopia de Thomas Morus. Ali propunha a sua cidade ideal que, à semelhança da cidade de Platão, caracterizava-se por uma estrutura social fortemente autoritária, onde o indivíduo desaparece dentro da sociedade, embora democrática e, determinadas situações. A obra de Campanella divide-se em duas partes: a primeira apresenta um diálogo entre dois personagens – o grão-Mestre dos Hospitalários e um Almirante Genovês. Este último, em virtude das suas navegações descreve seu encontro com a cidade do Sol. Na segunda parte do livro, Campanella trata de justificar, à luz da doutrina cristã, a vida e a organização da Cidade do Sol, inclusive, defendendo ou compreendendo o amor-livre que ali imperava (LIMA, 2008, p. 47-8).

E Cosmorama é, para Rohden (1955), o que é Utopia para o escritor e estadista More (1516):

Thomas Morus nasceu em Londres em 1476. Filho de uma família culta, foi-lhe fornecida uma esmerada educação, tendo frequentado a Universidade de Oxford. Formou-se em Londres, em Leis. Sempre manifestou tendências para estudos filosóficos e religiosos e quase ingressou na ordem dos franciscanos. Foi membro do Parlamento inglês e em 1518 entrou para o serviço do estado e ocupou o cargo de Lord-Chanceler, na época deste posto e de suas fortes convicções religiosas, entrou em conflito com o despótico rei Henrique VIII contrariando-o em seus inúmeros divórcios. Por isso, acusado de alta traição, foi executado em 1535. [...] Seu livro *Utopia*, que tem como subtítulo 'Discurso do Magnífico Rafael Hitlodeu' acerca da melhor constituição de uma república, foi editado em 1518 e se tornou uma obra literária imorredoura de tal ordem que seu título se tornou sinônimo de textos ou iniciativas que traduzem a esperança de felicidade humana na face da terra. A obra está dividida em duas partes – a primeira delas contém uma forte crítica social, principalmente, às condições econômicas na sua Inglaterra da época; a segunda parte do livro é uma narrativa de Rafael sobre a ilha de Utopia que ele descobriu



nas suas andanças e onde ele encontrou uma sociedade diferente das que conhecia (LIMA, 2008, p. 35-6, 38).

Em todos, a apresentação de uma sociedade ideal, uma organização político-social sob o olhar de cada um, porém, em todas as cidades utópicas aqui apresentadas, Campanella e Morus, existem uma constância que se contrapõem à ética e política à época da criação utópica, que também acontece em Cosmorama de Rohden, embora sua principal mensagem seja apresentar uma proposta ascensional hominal rumo ao ponto Ômega Chardiano. Sempre são sociedades onde prevalecem:

- Propriedade comunal da terra
- Supressão da propriedade privada
- Volta ao campo – agrarismo
- Supressão da moeda, principalmente ouro e prata
- Mística do trabalho
- Uma certa religiosidade, mais ou menos intensa
- Eliminação das classes sociais
- Moral rígida
- Modificação da estrutura social, em alguns casos admissão do amor-livre
- Ênfase na educação infantil e juvenil
- Ausência de partidos políticos (LIMA, 2008, p. 17-8).

É interessante a posição de Lima (2008) com relação às propostas de Platão, em *A República*, e de Campanella, Morus e Rohden.

Utopia é uma proposta de vida alternativa, na qual rompemos com as regras e princípios vigorantes e, mais ainda, se as utopias não são novas regras que forçosamente devem ser adotadas, são, pelo menos, experiências ou simulacros delas, merecedoras de estudo e de meditação [...] são demonstrações muito claras de que o mal-estar com civilizações existe e que há respostas teóricas e práticas para tentar o bem-estar. Se são factíveis ou não, é problema da história. As ideias utópicas estão em suspenso nos corações e mentes das pessoas e extirpá-las seria, provavelmente, um acontecimento desastroso, pois faz parte, digamos, do nosso inconsciente coletivo (LIMA, 2008, p. 12).

Mais uma vez recorreremos ao livro *Luzes e sombras da Alvorada* para situar a ilha de Cosmorama:

Caros colegas, nós temos uma grande responsabilidade sobre os ombros. Uma grande responsabilidade com nós mesmos. Nós somos as sementes privilegiadas de uma raça que há de eclodir na América do Sul, encerrando um grande ciclo evolutivo, para o dealbar de uma nova era para a humanidade. Isto já foi profetizado e está escrito em vários livros secretos do Oriente e muito bem interpretado, talvez por intuição, ou por “estado de graça”, do grande filósofo e sociólogo mexicano José de Vasconcelos: “é dentre as bacias do Amazonas e do Para, que há de nascer a raça cósmica, realizadora da concórdia

universal, pois será filha de todas as dores e de todas as esperanças da humanidade". Huberto Rohden sabe disso, razão pela qual não olha tempo nem distância, intempéries ou confortos, lucros ou sacrifícios, para cumprir, com todo entusiasmo e proficiência, a sua gloriosa missão (MARTINS *apud* ROHDEN, 1969, p. 226).

A história tem seu início com o narrador questionando o tempo de inconsciência em que se encontrava após um naufrágio no Oceano Pacífico, entre a Ásia e a América. Levantou a hipótese de o navio em que se encontrava ter batido em uma mina flutuante que vagava pelo mar. Após questionar seu estado de vida ou de morte, quiçá, de eternidade, soube estar em uma ilha chamada de Cosmorama, que em grego quer dizer "visão mundial". Tomou consciência através de uma intérprete que o que se passava era um naufrágio para as ilusões, que poderemos interpretar como sendo o ego humano; porém, salvo, arribou-se à ilha da grande verdade, que pode ser interpretada como o Eu divino, e a suposta mina na qual o navio abalroou a resistência necessária para a evolução.

Em Cosmorama, Rohden (1990) relata que o homem que ele classifica de puramente sensorial, ainda não intelectualizado, subsiste como parte integrante da natureza regido também de maneira automática pelas mesmas leis. O homem intelectualizado graças à conquista do seu ego-consciência, tal qual o homem da noosfera, emancipa-se parcialmente dessa lei que legisla sobre a natureza e sobre o homem sensorial. O homem intelectualizado, consciente de seu ego, tal qual aqui em nosso planeta, torna-se egoísta e ególatra. O que alcança a razão espiritual do infinito, por sua vez, deixa conscientemente de ser escravo ou escravocrata da natureza, tornando-se um aliado a ela em função da compreensão mútua.

Em Cosmorama, "o homem sensorial é compulsoriamente dependente; o homem intelectual é ilusoriamente independente; e, homem racional é espontaneamente interdependente" (ROHDEN, 1990, p. 78).

Questionando o porquê de sua presença em Cosmorama, obteve como resposta que as potências haviam lhe destinado a conhecer e vivenciar o "mundo dos cosmos" e levar aos telúricos sua existência e importância como referência para alcançar o zênite da evolução humana.

...voltarás ao meio dos Telúricos para lhe levar a mensagem do espírito d'ELE que aqui estás vivendo, porque só se sabe o que se vive, e o que não se viveu não se sabe, nem se pode despertar nos outros. Lá na terra do teu nascimento físico, os mais avançados te acompanharão

como amigos e aliados; outros manearão a cabeça e te lamentarão como pobre vítima de alucinação e insanidade; outros ainda, os mais atrasados, te perseguirão como um perigo religioso e social, porque demolidor dos seus ídolos e fetiches. É inevitável que assim isso aconteça; mas não te desconsolés com isso, meu irmão (ROHDEN, 1990, p. 66).

Desde então passou a observar o *modus vivendi* dos cósmicos, como chamavam a si mesmos. Não demorou muito a perceber que o amor entre esses ilhéus é de uma intensidade e pureza inigualável. Não amam para explorar o outro, muito menos para satisfazer por meio desse outro seus instintos. Amam por amor.

Sua base de sobrevivência é a agricultura, mas sem serem vegetarianos em absoluto. Alimentavam-se de ovos, leite, queijo e outros produtos animais que respeitassem a vida. Observam que a abstenção de carnes obedece mais a um instinto biológico-sanitário que a princípios ético-religiosos.

A visão dos cósmicos sobre a relação entre Deus e o homem, escreve o náufrago, em seu diário, o seguinte fragmento extraído de uma conversa com um vidente:

\_ Sei, meu caro Delfos<sup>28</sup>, que ELE veio corporalmente à vossa terra; mas o que quero dizer é que não veio ainda espiritualmente às almas dos Telúricos, salvo poucas exceções. A verdadeira vinda D'ELE ainda não ocorreu entre vós, a vinda do espírito e em verdade. O Logos se fez carne e habitou entre vós em corpo mortal, mas ainda não se fez espírito e habita em espírito dentro de cada um de vós. Aqui, porém, ELE já veio em toda a verdade e plenitude, como, algum dia, aparecerá no meio de vós (ROHDEN, 1990, p. 63).

Quando o homem passa a viver a grande síntese entre a verdade unitiva e ilusão separatista, esclarece Rajah<sup>29</sup> (*apud* ROHDEN, 1990, p. 65):

quando o espírito ilumina, permeia e vivifica todas as coisas materiais da vida – então começa o homem a viver a plenitude da vida e compreende o que ELE quis dizer: 'Eu vim para que os homens tenham a vida, e a tenham na maior abundância'.

Diante de tal esclarecimento, o náufrago considerou aquele acidente marítimo como o início de sua vida verdadeira nesta ilha tão humana e tão divina. O que é essencial para os cósmicos, esclareceu o Rajah (*apud* ROHDEN, 1990, p. 91), "é a transição da pequena ego-consciência pessoal para a grande cosmo-consciência universal".

<sup>28</sup> Delfo foi o nome recebido pelo náufrago entre os cósmicos.

<sup>29</sup> Rajah é o grande vidente e orientador espiritual em Cosmorama.

Pode então o náufrago compreender o porquê de em Cosmorama nunca ter visto um só cósmico doente, debilitado ou deformado; de não haver médicos, hospitais nem farmácias; de não existir em Cosmorama a figura da moeda; de não existir penitenciárias e cadeias.

O que mais me intrigava era a total ausência de governo em Cosmorama. Nenhum presidente, nenhum governador, nenhum prefeito, nenhuma polícia, nem advogados, nem juízes – nada disso havia na misteriosa ilha. [...] E, apesar da completa ausência de legislação e policiamento, não havia crimes em Cosmorama. Nunca vi uma penitenciária nem uma cadeia. Se os cósmicos fossem homens primitivos, espécies de animais, seria compreensível essa ausência de legislação. Também a natureza não tem governo, e tudo vive em paz (ROHDEN, 1990, p. 97-8).

De regresso ao mundo dos Telúricos, o náufrago, segundo Rohden (1990), acorda meio que em delírio chamando pelos companheiros cósmicos com os quais havia convivido mais diretamente, obtendo resposta daqueles em derredor da inexistência das pessoas por ele nominadas.

Questionando sobre a ilha, recebeu como resposta outra pergunta: “que vem a ser Cosmorama?” Responde o náufrago: “A ilha do Cristo vivo e do homem perfeito, onde passei anos tão felizes” (ROHDEN, 1990, p. 123).

Tamanha a confusão mental momentânea entre Cosmorama e a terra que o disseram ter saído do manicômio. Achava tudo muito estranho! Entrou numa Igreja onde lhe entregaram um livro de cânticos sacros que só falava do “homem pecador, filho da ira divina, procurando encher de terror ao ‘fogo eterno’ os que frequentavam essa Igreja” (ROHDEN, 1990, p.126).

Em meio à celebração – em que coletores com uma sacola de pano parecida com um coador de café passavam entre os fiéis recolhendo o auxílio financeiro em espécie –, diz ter lembrado das palavras do Cristo vivo “proibindo a seus discípulos que levassem ouro ou prata nos seus cintos, ordenando que de graça dessem o que de graça haviam recebido” (ROHDEN, 1990, p. 126).

No púlpito o pregador com sua roupa roçagante muito pouco falou do Cristo, mas lançou “violentos anátemas contra os que não pertenciam à sua igreja e prognosticou-lhes eterna condenação num lugar onde haveria choro e ranger de dentes” (ROHDEN, 1990, p. 127).

\_ É o padre!!... é o padre! – bradava ela, apontando para o vulto negro,  
\_ não pode passar... a enchente levou a ponte!... e não há canoa!...  
meu filho vai morrer sem Deus!... não pode confessar-se! Não pode  
receber o corpo de Jesus!... Jesus está do outro lado, e meu filho está

aqui!... Pobre de meu filho vai morrer sem Deus!... (ROHDEN, 1990, p. 128).

O mundo cristão em que viveram antes do naufrágio lhe parecia agora muito estranho. Um mundo chamado de cristão sem o Cristo. Um Jesus preso a um pedaço de pão e impedido pelas águas de aproximar-se de um moribundo para encaminhá-lo até Deus.

Continuou sua caminhada até que, numa casa modesta, encontrou um grupo de trabalhadores que o recebeu com a seguinte saudação: “A paz seja contigo, irmão!”. Pelo visto acabavam de fazer sua meditação diária através da Dança Circular Sagrada aos primeiros anúncios da presença do sol – comunhão com Deus. O ambiente estava transbordando de força, paz, alegria e trabalho. Perguntei-lhes a que igreja ou denominação pertenciam. A resposta era de que se tratava de operários livres do reino de Deus.

Perguntei-lhes se tinham algum livro de estatuto ou regulamento, ao que um deles me respondeu que toda a sua filosofia, teologia e política se resumia nas palavras do Mestre: ‘Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, com toda a sua mente e com todas as forças – e amarás o teu próximo como a ti mesmo’ (ROHDEN, 1990, p. 130).

Assim que o náufrago pronunciou a palavra Cosmorama, incontinenti, estabeleceu-se o seguinte diálogo entre um dos membros da casa e o visitante:

- Ah! tu também és cidadão de Cosmorama?
- Como? – estranhei – Conheceis esse paraíso perdido na vastidão do oceano?
- Não é nenhum paraíso perdido na vastidão do oceano – disse uma jovem parecida com Almah. – Está dentro de cada um de nós. Tens fé na comunhão dos santos, irmão?
- Tenho sim.
- Pois, a comunhão dos santos é esta e a de todos os que vivem o espírito do Cristo. O reino de Deus não é um lugar, alguma ilha longínqua; é um estado de alma, é a consciência divina dentro do homem, é a sua vida sintonizada com o infinito... Parecia-me que Íris estivesse falando...
- Mas – perguntei – porque tive de sofrer naufrágio para chegar?...
- Todos nós somos náufragos também. Sem primeiro naufragar, ninguém pode entrar na plenitude da vida.
- Bendito e louvado seja Deus! – exclamei num arroubo de incoercível alegria – Estou ainda em Cosmorama! É esta a linguagem de casa, do modo de falar do Rajah, de Íris, de Almah, de todos aqueles seres maravilhosos com quem vivi anos Cosmorama...
- Se não tivessem naufragado não terias arribado a Cosmorama e não terias entrado nesta vida. Cosmorama está dentro de ti, e de nós...
- E por que devem os homens primeiro sofrer naufrágio?
- Porque tomam o seu falso ego pelo seu Eu verdadeiro. O naufrágio não é outra coisa senão a morte da ilusão e o nascimento da verdade, a morte do pseudo-eu físico-mental e a ressurreição do verdadeiro Eu espiritual, do Cristo interno...

- Ah! Bem dizia o grande mestre: \_ “Se o grão de trigo não morrer ficará estéril – mas, se morrer produzirá muito fruto” ...
- Era necessário, meu irmão, que naufragasses para o mundo para que pudesses ajudar o mundo. Não pode ajudar o mundo quem é do mundo. Só quem está no mundo sem ser do mundo é que pode ser um redentor do mundo (ROHDEN, 1990, p. 131-2).

Cosmorama traz em si uma discussão da tese rohdiana sobre a ilusão separatista e a verdade unitiva. Aquela representada pelo ego, e esta pelo Eu divino. “Só depois desse grande naufrágio do ego humano e desse salvamento pelo Eu divino é que o homem redento de todas as suas velhas irredenções pode se tornar um redentor para seus semelhantes e conduzi-los ao reino de Deus” (ROHDEN, 1990, p. 148).

Cosmorama acaba sendo a resposta de como estabelecer o equilíbrio entre o fator ego e o fator Eu, questionada na Renascença estendida ao homem da História do Tempo Presente.

#### 4. O HOMEM SUPERA OS PÁSSAROS, MAS ESTES NUNCA TRANSPORTARAM BOMBAS EM SUAS ASAS

O autor da frase emprestada como título a este capítulo, Floriani (2000, p. 225), utiliza-se da mitologia grega (O sonho de Ícaro)<sup>30</sup> e da história de morte do inventor do avião (Alberto Santos Dumont)<sup>31</sup> para alertar sobre a importância da consciência ao produzir e usar ciência e tecnologia: “Ciência sem consciência – o satã do gênero humano” (ROHDEN, 1961, p. 146).

A palavra consciência é usada como capacidade de julgamento do que é correto ou incorreto; ética como valores crísticos idiossincráticos; e moral como conduta, atitude consciente e exclusiva do ser humano. Juntas, essas quatro palavras formam o tripé responsável pela convivência do homem em sociedade.

Sobre a ciência mensurando o entendimento na forma, a filosofia na moral e na ética; a religião dogmática na alma e na fé, disse Capelli (1998, p. 198-9):

Temos para nós que o fator de distanciamento desses enfoques é a intransigência do espírito humano. Erra o cientista quando se alenta a aprisionar todo o conhecimento na análise ou na síntese laboratorial. Engana-se o religioso dogmático, quando se atrela dogmas e exclui a possibilidade da renovação dos conhecimentos e vê a alma, ao seu modo, como o princípio e o fim, passível de alcançar a regeneração apenas por um ato salvador. Equivoca-se o filósofo quando constrói um mundo onírico, dentro dos parâmetros da moral e da ética, sem considerar que estas são consequências e não causa da existência do ser. O correto seria aliar o aperfeiçoamento da forma, à existência e primazia do espírito, num mundo sem limites e coerções, regido pela plenitude moral e ética. Encontraríamos o cientista, o religioso e o filósofo de mãos dadas, num mundo de conhecimento e de luz.

O homem do tempo presente, responsabilizado pela crise ora vivida pela humanidade, é um ator agindo por ignorância ou por astúcia?

Através do pensamento preservado do filósofo Rohden, a partir de uma teoria renascentista, o filósofo identifica, no rompimento do “moderno” com a “tradição”, o desprezo ao sagrado, enxergando na ciência e na técnica a possibilidade de perseguir avanços “como se estivesse condenado ao progresso

---

<sup>30</sup> Ícaro, levado pela ilusão, ao aproximar-se do sol, suas asas derreteram, caiu no mar e morreu.

<sup>31</sup> Santos Dumont, ao saber que sua invenção estava sendo usada na guerra, depressivo, colocou fim à própria vida.

e a fugir em direção de seu próprio futuro, que não sabe ao certo onde fica” (FLORIANI, 2000, p. 237).

Ao relacionar o homem da renascença (identificado por Rohden) ao homem do tempo presente, numa visão teológica de sua origem, a ideia que se tem é de que Deus ou o homem falhou. Todavia, esclarece Rohden (1978, p. 11): “se o homem não é visto como a coroa da criação, se por outro lado, não podemos admitir uma falência da Providência Divina e do Cristo, só resta uma terceira alternativa: ‘Deus creou o homem o menos possível, para que o homem possa criar o mais possível’” (ROHDEN, 1978, p. 11).

Barros (1977, p. 32) assevera: “não existe nenhuma maneira de conhecermos uma realidade a não ser pela sua negação; e essa negação é um conceito universal que se concretiza e então reassume a realidade num nível superior de percepção – portanto de realidade”.

No momento em que se conseguir pensar uma razão não cartesiana, uma razão dialética que tenha por suposto a identidade do é e não é, então será possível fundar uma nova racionalidade para uma nova concepção de homem que assuma a universalidade e que historifique, pois, ‘a essência do homem é o conjunto de suas relações sociais’ (BARROS, 1977, p. 32).

Lao-Tsé (1973, p. 28), na estrofe II do *Tao-Te-King* (O livro que revela Deus), ensina: “Só temos consciência do belo, quando conhecemos o feio. Só temos consciência do bom, quando conhecemos o mau [...] O passado e o futuro geram o tempo”.

Quem só enxerga o belo no belo, e o bom no bom, é unicêntrico, monótono, a-cósmico, ou anti-cósmico, porque unipolarizado. Para ser bipolarizado, univérsico, como o cosmos, deve o homem ver o belo e o feio, o bom e o mau, como duas antíteses complementares, que se integram na grande síntese, sem se diluírem nela. Se o belo e o feio, o bom e mau fossem duas antíteses contrárias, em vez de complementares, nunca poderiam integrar-se numa síntese harmoniosa, feita de unidade na diversidade (ROHDEN, 1973, p. 29).

A resistência do homem-ego (ilusório) ao homem-Eu (verdade) não o impede de conhecer a realidade ao ver, ler e/ou ouvir a ação destruidora a que vem sendo submetido o planeta. Todavia, ao rejeitar a realidade predatória, pode estar sendo levado à (in)consciência do seu brutal comportamento orientado pelo seu anticristo (ego). Se agindo por ignorância, avalia-se o desconhecimento da realidade divina sobre o Todo, por astúcia, avalia-se o menosprezo pelo Todo.

Barros (1977) nos leva a interpretar que, ao dizer um não às desgraças do tempo presente, o homem irá se conscientizar da realidade satânica que vive



em relação a si mesmo, sua família, sua comunidade, sua nação e humanidade, além de ver e sentir a capacidade exaurida do planeta. Lao-Tse (1973) ensina que, além da realidade produzida pela negação, existe a esperança: o passado e o futuro geram o tempo.

O homem pela inteligência superou os pássaros. A primeira tentativa foi desastrosa, faltando-lhe consistência ao projeto. Na segunda, pela sua habilidade e capacidade, colocou um aparelho dirigível mais pesado que o ar no espaço, deslocando a distâncias com segurança, mas faltou ao homem a consciência divina.

Os pássaros continuaram sob a regência cósmica a cumprir seu papel no mundo; o homem, porém, através de seu ego-hominal (intelecto), ultrapassou essa relação regencial fez o seu pássaro mecânico, que usado, conscientemente, trouxe progressos à humanidade, mas utilizando, (in)conscientemente, destruição e morte.

A julgar pelos indícios, a atual humanidade está preparando gradualmente o seu suicídio coletivo, não só pelo desencadeamento das forças nucleares, mas ainda pela crescente rebeldia contra as leis cósmicas que deviam governar os mananciais biológicos da vida humana (ROHDEN, 1983, p. 93).

Para Rohden(1978, p. 13) , “as leis cósmicas não pretendem ‘salvar’ a humanidade, mas sim ‘realizar’ o homem” (ROHDEN, 1978, p. 13). “A criação é o início e a evolução é a continuidade do mesmo fenômeno” (ROHDEN, 1978, p.23). É urgente a sintonização da consciência individual com a Consciência Universal: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim. Se vós me tivésseis conhecido, conheceríeis também a meu Pai” (Jo 14, 6-7).

#### 4.1 O Universo e o Homem

A Filosofia Univérsica divide o universo em duas partes: uno e verso. Sendo o Uno a causa primária (Logos), e o verso a manifestação do Uno, com a prevalência da “unidade na variedade, tanto na física do macrocosmo sideral, como também, no microcosmo metafísico hominal” (ROHDEN, 1979, p. 13). Tal

qual o universo, o homem também se divide em duas partes: ego periférico e Eu central. Sendo o Eu identificado como o Cristo e o ego como o anticristo, sem a prevalência do Eu crístico sobre o ego anticrístico, porém, “Quem não realizar essa grande síntese entre o Ser do Eu e o Existir do ego não realizou o porquê da sua existência terrestre” (ROHDEN, 1983, p. 99).

O homem, pela imaturidade, assim que surgiu na noosfera, “caiu na ilusão de que pudesse existir separado do Infinito”. Com isso, “nasceu o que os teólogos chamam de ‘pecado original’. O ego personal sucumbiu à ilusão do separatismo – e até hoje todo homem nasce nesta ilusão separatista do Todo” (ROHDEN, 1983, p. 98). Isso é o homem arvorando-se Deus do mundo, no Mundo de Deus.

No cosmos, “não pode haver desequilíbrio, desarmonia, entre as forças (centrífuga e centrípeta) porque elas são automáticas, mecânicas, necessárias, não-livres” (ROHDEN, 1978, p. 159). No homem há desequilíbrio e desarmonia entre as forças (divergente e convergente) representadas, respectivamente, pela inteligência analítica (ego) e razão intuitiva (Eu), por habitarem uma zona de decisão isenta da jurisdição divina.

Na Filosofia Univérsica, deve o homem pela sua vontade possibilitar que o seu Eu espiritual se manifeste através de seu ego emocional, pois desta síntese sairá a direção ao homem crístico, cósmico, integral, explicado em Chardin (1975), em que o processo evolui numa complexidade de consciência do menor para o maior até atingir a plenitude cósmica, o ponto Ômega. Nessa evolução complexa e consciente, o homem é o responsável por este alcance pleno – o Reino de Deus que, como asseverou o Cristo, não está aqui, nem acolá, mas dentro do próprio homem (Lc 17, 20-21).

A Lei Cósmica exige evolução. A ciência, na teoria evolucionista, tem esbarrado no chamado “elo perdido”, ou seja, o indivíduo que faz a ligação entre o ancestral primata mais próximo e o homem. Quem procura o “elo perdido”, esclarece Capelli (1998), é a ciência que se exaure na forma, como foi dito anteriormente, pensando em explicar a origem e a evolução do homem por uma cadeia física que o eleve dos símios ao estado hominal superior, como se o homem fosse simplesmente matéria.

Nessa busca vários “elos” já foram supostamente encontrados e descartados pelos estudiosos. A bem da verdade podemos dizer que a evolução do complexo hominal prescinde desse hipotético “elo

perdido”. O corpo, como já o dissemos, é o instrumento físico utilizado pelo espírito de acordo com o seu estágio evolucionar, o qual pode sofrer uma gradação que se alonga da primeira manifestação orgânica até o estágio hominal superior. Assim, temos que o espírito que hoje anima um zoófito poderá, no futuro, animar uma espécie vegetal ou animal, culminando por dar vida a constituições superiores. O espírito evolui e o corpo aperfeiçoa-se (CAPELLI, 1998, p. 201-2).

Para Rohden (1983), o homem encontrava-se presente desde o início do universo contido “potencialmente na Potência” inicial de onde fluíram todas as potencialidades do mundo mineral, vegetal, animal. Completa afirmando que “Todos os canais existenciais do verso brotaram, através dos períodos cósmicos, da única fonte do Uno. Todos os finitos emanaram do Infinito” (ROHDEN, 1983, p. 24).

Existe uma corrente na ciência que admite ser o homem essencialmente matéria. São os chamados materialistas.

O termo apareceu apenas no século XVII e diz respeito a toda doutrina que considera a matéria princípio e causa de todas as coisas. Não se trata de chamar de materialista os que admitem a existência da matéria, como pensava Berkeley (para quem o mundo era apenas uma projeção do espírito), mas de entender a matéria como princípio de causalidade única. Em um sentido bem profundo, trata-se da defesa de um monismo, já que, para os materialistas, não existe outro princípio na natureza além do material. O materialismo, portanto, opõe-se duramente à visão metafísica que cinde o mundo em sensível e inteligível, mundo das cópias e mundo real, corpo e espírito. Isto não quer dizer que o materialista elimine por completo as ideias de virtualidade, essência, ser, espírito etc. (SCHÖPKE, 2010, p. 158).

Ora, como justificá-lo como diferencial aqui na terra?

De uma perspectiva puramente evolucionária e de sobrevivência, nós humanos teríamos sido mais bem servidos se tivéssemos acabado como autômatos irracionais. Não haveria guerras ou conflitos, não haveria ideologia em que acreditar ou com que discordar. Sem mente, as possibilidades de sobrevivência teriam seguramente aumentado. Não obstante de algum modo a mente humana soltou-se das rédeas da seleção natural. Ela se livrou das algemas da causalidade biológica, das correntes do determinismo físico. Assim, de duas posições precisamos concluir uma: ou a evolução tem um objetivo, o que implica em intervenção, ou a evolução é desprovida de qualquer direção (LOMBARD, 2018, p. 107).

Na primeira parte do recuo anterior, o autor descreve o homem 100% matéria e suas implicações. Enumerou as vantagens que isso lhe traria, mas, por outro lado, é preciso outra observação: esse planeta seria algo patético, sem vida e, por certo, Deus não teria prazer e orgulho de sua obra: o universo, “que os gregos chamavam *kósmos*, cujo radical é beleza, e os romanos apelidavam de *mundus*, que quer dizer pureza, em oposição a imundo, impuro” (ROHDEN,

n/d<sup>2</sup>, p. 28). O diferencial da visão do mundo entre o homem e o animal, o vegetal, o mineral é a capacidade contemplativa que constitui privilégio exclusivo do homem.

Na segunda parte, levanta duas posições. Na primeira, admite que “a evolução desprovida de qualquer direção” é apostar no caos; na segunda, ao imprimir um objetivo ao processo evolutivo, referenda Chardin (1981), “o homem é a chave do universo” potencialmente presente na etapa matéria (hilos), subindo à etapa da vida (bios), onde se processa a antropogênese (noosfera), rumo ao ponto Ômega (logosfera).

Nessa questão é necessário dissociarmos o corpo, que é a forma, do espírito, que é a essência. Quanto ao corpo, temos que ele é apenas a instrumentação para o espírito vivenciar determinada dimensão. Como já dissemos, o corpo, partindo da primeira formação orgânica, cresce e se aperfeiçoa, adequando-se a cada estágio evolutivo de seu ocupante, notando-se que, quando o espírito alcança um determinado grau de evolução, as forças orgânicas já se encontram em condições de serem associadas para oferecer-lhe o necessário corpo. Isto significa a existência de espécies, famílias e indivíduos já formados em condições de multiplicação. Após atingir o grau de aperfeiçoamento necessário à utilização pelo espírito, o corpo, servido, dissocia-se em seus elementos constitutivos e regressa à natureza recompondo o seu todo. Quanto ao ‘Espírito’, ele evolui, gradando-se moral e intelectualmente, utilizando-se em sua caminhada de tantos corpos quantos sejam necessários (CAPELLI, 1998, p. 209).

Corpo sem alma é cadáver. Alma sem corpo é fantasma, como já foi explicitado anteriormente. Corpo com alma é Vida. No homem, quando esse corpo biológico degrada e morre, a alma volta a incorporar a esfera cósmica na condição de espírito. Em determinadas religiões fica à espera da ressurreição dos mortos, em outras, reencarnando em um novo corpo na continuidade de seu aperfeiçoamento moral em busca da angelitude.

A lagarta, ou taturana, é bem o símbolo do homem profano.  
A borboleta é comparável ao homem iniciado.  
A lagarta rasteja pesadamente nas baixadas. O seu corpo desgracioso não é senão boca e estômago.  
Para que a lagarta possa tornar-se borboleta, é indispensável que passe por uma espécie de morte, a crisálida, ou o casulo. No fim de seu período de lagarta, deixa ela de comer, retira-se a um lugar solitário e lá se metamorfoseia. Não sabemos se ela sofre com esta metamorfose. E, se sofresse, também aceitaria de boa vontade esse sofrimento, porque, instintivamente, a lagarta sabe que o seu verdadeiro estado é o de borboleta alada. Nesse último estado é o inseto completamente diferente da lagarta: com quatro asas velatíneas, meia dúzias de pernas elegantes e flexíveis, dois olhos de opala com milhares de facetas visuais; dispõe de uma língua em forma de espiral contráctil, com a qual suga o néctar das flores. Em vez de rastejar pesadamente pela terra, a borboleta voa elegantemente pelos espaços ensolarados, donde só desce, em tempos a tempos, para se

alimentar duma gotinha de néctar sugado do perfumoso cálice das flores.

Há um contraste frisante entre toda a vida da lagarta e da borboleta (ROHDEN, 1988, p. 129-30).

Esta metáfora expõe bem a evolução do homem. O Cristo asseverou em Jo 12, 24: “Se o grão de trigo, caindo na terra não morrer, fica ele só; mas se morrer, produz muito fruto”. Escreve Rohden (1988) que o homem que nunca passou pelo estado de morte voluntária continua a ser um homem profano, materialista, interessado somente nas coisas do corpo físico e das emoções. O apóstolo Paulo, em Gl 2,19-20 escreve: “Estou crucificado com o Cristo: logo, não sou eu quem vive, mas o Cristo vive em mim”.

A Filosofia Univérsica diz ser a razão universal a inteligência cósmica e a razão individual a inteligência hominal. A razão universal é identificada no Eu-humano e a razão individual ego-humano. Em outras palavras, o Eu-humano é o Cristo em nós, e o ego-humano é o homem em nós. A evolução é o “campo de batalha” entre o Eu-crístico e o ego-hominal rumo à plenitude cósmica.

Crear o homem o menos possível para que ele através da evolução possa alcançar o máximo possível significa a criação à “imagem e semelhança de Deus”: a capacidade de se (re)crear. Pode o homem em sua essência da existência se (re)crear integrando-se Eu e ego: “Crede que estou no Pai, e o Pai está em mim” (Jo 14, 11). Quem disse isso? Cristo através da pessoa humana de Jesus, na condição de Cristo Telúrico, à visão de Rohden. Eis o escopo da Filosofia Univérsica e da Tese Evolucionista de Teilhard de Chardin: a capacidade creadora que só é possível a Deus que foi estendida ao homem.

Quando se menciona a capacidade creadora que levará o homem à cristificação, fala-se de uma ética universal presente, de uma consciência de valores e princípios existentes na Lei que estabeleceu e mantém a harmonia do universo. Caso contrário, não seria esse equilíbrio universal percebido pelos sentidos e concebido pela inteligência.

Essa ética universal encontra-se em forma de potência antes mesmo de tudo existir, e, existencialmente, após o tudo existir. Na matéria, na vida, ela é compulsória ante a relação direta sobre todas as coisas creadas, porém, na etapa da inteligência, ela passa a depender de voluntariedade, e na logosfera, o ciclo se completa.

Por que falar em evolução teleológica em Chardin ou Crística em Rohden, se os princípios éticos estão presentes na periodização quadripartite de Chardin (*hilos, bio, nóos e logos*) e na tripartite de Rohden (Eu, ego, integral), já que são inerentes à Grande Lei Cósmica?

Veja o que diz o professor Falcão (2014, p. 11):

Todos os animais se comportam. Nem todos, entretanto, se conduzem. É que existe uma diferença entre comportamento e conduta. O comportamento se rege pelo determinismo da natureza, ao passo que a conduta é comportamento consciente. No caso desta última, o animal não se comporta às cegas, seguindo apenas as leis ditadas pela natureza, isto é, o instinto. Assim, a conduta é um tipo de comportamento. Mas é um comportamento daquele que sabe por que se comporta. É algo que vem acompanhado pelo livre arbítrio. De sorte que podemos afirmar que toda conduta é um comportamento, porém, nem todo comportamento é uma conduta. Porque nem todo comportamento é consciente. Dessa maneira, apenas o ser humano se conduz, no sentido pleno ao que pode ser entendido por conduta, de uma feita que só ele sabe o porquê de comportar-se de um modo ou de outro. Somente ele detém o livre-arbítrio em sua dimensão perfeita, mesmo quando, por alguma deficiência mental, passageira ou permanente, não age com o completo domínio do seu agir.

A evolução corresponde à busca de uma conduta cósmica hominal, em que o livre-arbítrio que deu ao homem – e tão somente a ele, a capacidade de discordar de Deus do mundo no mundo de Deus – tenha, voluntariamente, sua (re)integração de 100% no cosmos, ou seja, pelo seu (re)criar-se justificar a perfeição, a beleza, a pureza de que se trata do mundo de Deus.

#### 4.2 A Clerocracia e a Cienciocracia<sup>32</sup>

Para Rohden (1972), o verdadeiro cristianismo não nasceu na manjedoura com o nascimento do menino Jesus, e, sim, no cenáculo de Jerusalém 50 dias após a ressurreição de Jesus Cristo, com o nascimento do Cristo Divino nas almas daqueles que, no Pentecostes, receberam o Espírito Santo.

Cristianismo este circunscrito às cidades frequentadas pelos apóstolos, pelos caminhos trilhados por eles, até que, nas portas de Damasco, num

---

<sup>32</sup> Cienciocracia: neologismo criado pelo criminalista Romain Flaque.

encontro místico entre Cristo e Saulo, que posteriormente seria conhecido como apóstolo Paulo, o estendeu para além dos judeus.

Na preocupação norteadora de formar comunidade, Paulo não se cansou de reunir pessoas. Juntou gregos e judeus. Antecipando os desafios da inculturação, adaptou a mensagem evangélica ao helenismo. Congregou patrões e escravos. Com muitos séculos de antecedência, libertou as pessoas de sua condição servil. Promoveu mulheres e homens. Embora distante da polêmica feminista, colocou mulheres nas lideranças e nos ministérios de suas Igrejas. O que moveu Paulo? O mandamento do amor, a busca da irmandade! A leitura de suas cartas nos fornece material abundante para uma poderosa síntese, que podemos chamar de teologia paulina (SILVA, 2008, p. 106).

Na cidade de Roma, perseguidos pelos imperadores, sobreviveram em cristicidade nas catacumbas de onde saíam quase sempre para o sacrifício. E foi nesse ambiente, segundo Rohden (1972), que o cristianismo primevo encontrou duas poderosas organizações religiosas a desvirtuá-lo: uma nos mistérios<sup>33</sup> pagãos do Império Romano, e outra na Teologia da Sinagoga Judaica<sup>34</sup>.

As nossas teologias eclesiásticas ou clericais não se envergonham de mendigar elementos estranhos a outras ideologias, como se o cristianismo não possuísse riquezas infinitamente superiores a tudo isso e não tivesse sua própria autonomia espiritual: o autoconhecimento pela mística divina e a autorrealização pela ética humana, 'em que consistem toda a lei e os profetas'. Quando terá o nosso cristianismo a hombridade de aceitar as palavras do Nazareno: 'Não chameis a ninguém, sobre a face da terra, vosso Pai, vosso guia, vosso mestre – porque um só é vosso Pai, vosso guia, vosso mestre – o Cristo?' (ROHDEN, 1972, p. 81).

A mensagem genuína do cristianismo está clara nos Evangelhos: “Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3, 16). E sua Carta Magna, a cláusula pétrea, é: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o seu coração, de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o grande e primeiro mandamento. O segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22, 37-39). Para Rohden (1972), isto quer dizer que: “o teste da mística do primeiro mandamento é a ética do segundo mandamento; a prova de que o homem ama realmente a Deus como deve, está no fato de ele amar todos

<sup>33</sup> Mistérios é uma palavra grega que os latinos traduziram por “Sacramentos” (ROHDEN, 1972, p. 44).

<sup>34</sup> Os primeiros discípulos de Jesus tinham vindo do judaísmo, e o primeiro teólogo do cristianismo, que plasmou a teologia dos séculos subsequentes, era um ex-rabino da Sinagoga de Israel (ROHDEN, 1972, p. 49).

os filhos de Deus, sem distinção de raça ou classe, de credo ou cor” (ROHDEN, 1972, p. 69-70).

Durante quase três séculos, do ano 33 até 313, a cristandade das catacumbas vivia dessa cristicidade mística, sem nenhuma organização social. E foi este o período mais glorioso do mundo cristão, o período da verticalidade mística das catacumbas, cuja única saída era para o martírio no Coliseu.

Sabemos que no ano 33, foi Jesus entregue à morte pelo beijo de um de seus discípulos – mas muitos ignoram que o mesmo Cristo, no ano de 313, foi assassinado pelo beijo de outro discípulo dele, o primeiro imperador cristão Constantino Magno. O beijo de Judas matou o corpo de Jesus – o beijo de Constantino matou o espírito do Cristo (ROHDEN, 1979, p. 14).

Para Rohden (1979), o Édito de Milão foi o responsável pelo fim de três séculos de cristicidade e do cristianismo genuíno, inaugurando o cristianismo social, político e militar.

O beijo com que Constantino Magno traiu o Cristo foi o Édito de Milão, do ano 313, que pôs termo a três séculos de perseguição – mas com este benefício de discípulo preludiou séculos de malefícios de traidor: convidou os discípulos do Cristo a se integrarem na organização do Império Romano: fez do cristianismo a religião oficial do Estado, uma religião estatal, defendida mediante armas, política e dinheiro – armas para matar os inimigos, política para enganar os amigos, dinheiro para comprar e vender consciências (ROHDEN, 1979, p. 15).

Após o Édito de Milão, teve início a formação do corpo (humano) da igreja, descaracterizando-a da cristicidade através de formas externas anteriormente descritas: os mistérios esotéricos do paganismo e os sacrifícios sanguinários do judaísmo. Este último, inclusive, adotado pelo protestantismo do século XVI, com a ideia da purificação e redenção pelo sangue do Cristo.

Rohden (1978) diz que o homem medieval criou um Deus desconhecido que o homem moderno rejeitou. Quis então conhecer o Deus conhecido pela ciência, mas não o encontrou. A clerocracia medieval, que se dizia representante de Deus na terra, morreu para muitos, todavia, a egocracia do homem profano não satisfez os íntimos anseios da humanidade. Em meio a esse vácuo, o homem moderno se agarra cada vez mais aos ídolos do ego ilusório para esquecer da sua profunda desarmonia interior.

Nunca no passado da humanidade tinham surgido tantas invenções em tão pouco tempo. Pois o Renascimento foi, especialmente, progresso técnico: deu ao homem do Ocidente maior domínio sobre um mundo mais bem conhecido. Ensinou-lhe a atravessar os oceanos, a fabricar ferro fundido, a servir-se de armas de fogo, a contar as horas com um motor, a imprimir, a utilizar dia a dia a letra de câmbio e o seguro marítimo.

Ao mesmo tempo – progresso espiritual paralelo ao progresso material -, iniciou a libertação do indivíduo ao tirá-lo do seu anonimato medieval



e começando a desembaraçá-lo das limitações coletivas (DELUMEAU, 1994, p. 22).

Delumeau (1994) descreve, de maneira clássica, a transição medieval para o moderno, tomando o Renascimento como elo da clerocracia representante de Deus medieval à egocracia representante da ciência moderna. Nesse momento da história, Rohden (1978, p. 27) identifica

O grande erro da Renascença, que está agonizante, foi a confusão entre o fator ego e o fator Eu – ou melhor, foi o deplorável desconhecimento ou menosprezo do Eu espiritual do homem – e essa ignorância ou desprezo continuam até os nossos dias.

Embora desembaraçado das limitações coletivas em seu individualismo, como bem expressa Delumeau (1994), esse homem não soube conciliar a inteligência analítica com a razão intuitiva, o que faz Rohden (1978) indagar se a confusão entre o fator Eu e o fator ego ocorreu por desconhecimento ou menosprezo ao Eu-espiritual. Houvesse a presença crística nesse homem, por certo, grandes desgraças provocadas pela ciência e pela técnica, ou pelos que delas fazem uso, teriam sido evitadas pela presença da ética-cristã-cósmica.

E continua Rohden (1978, p. 27), “surge agora o magno problema: como despertar no homem o fator Eu para fazer com o ego a complementação do homem integral”, ou seja, como despertar esse fator Eu espiritual para completar a natureza humana: corpo (homem) e espírito (Cristo).

Frei Betto, Boff e Cortella (2016, p. 31) acrescenta uma interpretação bastante loquaz a esse questionamento rohdiano ao se referir ao símbolo maior do período de transição:

A Revolução Francesa deslocou a felicidade do céu para a Terra. Frente ao sofrimento humano, e considerando seus vínculos estreitos com opressores (nobreza, mercadores de escravos, donos de feudos), a Igreja preferiu qualificar este mundo de “vale de lágrimas” e prometer, a quem se submetesse à sua autoridade, a felicidade eterna no céu; a quem relutasse, a esperança de resgate da felicidade no purgatório; e a quem lhe desse as costas, a infelicidade perene no inferno.

Ao analisar a História do Tempo Presente, dados sobre o conhecimento adquirido pelo homem a partir da Renascença impressionam:

Até 1900 o conhecimento humano dobrava aproximadamente a cada século. Dali ao fim da Segunda Guerra Mundial, passou a dobrar a cada 25 anos. Hoje, só para se ter uma ideia, o conhecimento humano dobra, em média, a cada treze meses. E, de acordo com a IBM, a construção da internet das Coisas poderá levar a duplicação do conhecimento a período de doze horas. Estamos dizendo que algo que levava cem anos para acontecer agora poderá ocorrer em metade de um dia. E como é o conhecimento que alavanca a transformação, o

mundo seguirá mudando em ritmo cada vez mais alucinante (MENDES; BUENO, 2018, p. 14).

A velocidade alucinante que avança o conhecimento faz o mundo em igual forma. Bauman (2005) usou a metáfora “modernidade líquida” para se referir ao período compreendido pela História do Tempo Presente, em que as relações sociais, econômicas e de produção se acham maleáveis e frágeis como os líquidos.

A velocidade da mudança dá um golpe mortal no valor da durabilidade: ‘antigo’ ou ‘de longa duração’ se torna sinônimo de fora de moda, ultrapassado, algo que ‘sobreviveu à sua utilidade’ e por tanto está destinado a acabar em breve numa pilha de lixo (BAUMAN, 2005, p. 79).

No livro *Identidade*, Bauman (2005) assim refere ao homem e o sagrado no contexto da transição clerocracia – ciencocracia:

A mente moderna não era necessariamente ateia. A guerra contra Deus, a busca frenética da prova de que “Deus não existe” ou “morreu”, foi deixada para os radicais. O que a mente moderna fez, contudo, foi tornar Deus irrelevante para os assuntos humanos na Terra. A ciência moderna surgiu quando foi construída uma linguagem que permitia que aquilo que se aprendesse sobre o mundo, fosse o que fosse, pudesse ser narrado em termos não teológicos, ou seja, sem referência a um “propósito” ou intenção divinos. “Se a mente de Deus é inescrutável, vamos parar de perder tempo tentando ler o ilegível e nos concentrar naquilo que nós, seres humanos, podemos compreender e fazer”. Tal estratégia conduziu a espetaculares triunfos da ciência e de sua ramificação tecnológica. Mas também teve consequências de longo alcance, e não necessariamente benignas ou benéficas, para a modalidade humana de “estar no mundo”. A autoridade do sagrado e, de modo mais geral, nossa preocupação com a eternidade e os valores eternos, foram as suas primeiras e mais proeminentes baixas (BAUMAN, 2005, p. 79).

É interessante notar sobre a confusão entre o fator Eu-espiritual e o fator ego-hominal levantada por Rohden (1978) na Renascença, que Bauman (2005), depois de discorrer sobre a estratégia moderna, propõe um “mas” e levanta a ideia de as ações da ciência e da técnica nem sempre estrarem com consonância com atitudes benignas ou benéficas.

Poder-se-ia dizer que esse benigno ou benéfico ausente do “estar no mundo” seria a falta da presença do Eu-espiritual nas decisões humanas?

Considerando o Cristo como o princípio ético norteador da condução do homem no planeta Terra, sim! O Cristo Cósmico, desde a sua concepção, nascimento e nos 33 anos em que esteve entre nós, tem nos Evangelhos testemunhas da amizade e respeito que teve pela natureza através de Jesus, seu veículo visível, fazendo de uma gruta o seu berço, dos ermos e montanhas

seu santuário, dos montes o seu púlpito e calvário, e Ele habita de forma potencial em nós!

Começemos com a Casa Comum, a Mãe Terra, pois é a precondição que permite tudo, a felicidade e a infelicidade, a barbárie e a civilização. Sem ela falta o chão para qualquer outro projeto humano. Mas até quando? Qual é a situação da Mãe Terra, preocupação constante do atual Papa Francisco, que escreveu um dos mais belos e intrigantes documentos, dirigidos a toda a humanidade, sobre “*o cuidado da nossa casa comum*” (2015).

Com tristeza confessa: “Basta olhar a realidade com sinceridade para constatar que há um grande deterioramento de nossa casa comum” (n.61); “nunca antes temos ofendido a nossa Casa Comum nos últimos dois séculos” (n. 35).

Até 1961 precisávamos apenas de 63% da Terra para atender às nossas demandas. Com o aumento da população e do consumo, já em 1975 necessitávamos de 97% da Terra. Em 1980 exigíamos 100,6% - a primeira sobrecarga da pegada ecológica planetária. Em 2005 já atingimos a cifra de 1,4 do planeta. E em agosto de 2015, 1,6 do planeta. A seguir este ritmo, os dados serão cada vez mais altos (BOFF, 2017, p. 53).

Disse Jesus, o Cristo: “Não andeis ansiosos pela vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber [...] Observai as aves do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros [...] Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves?” (Mt 6, 25-26). Isso não significa uma apologia à “zona de conforto”. Não é ficar esperando que Deus dará. Contudo, nessa engenharia – ou seja, na intervenção humana na natureza a fim de converter recursos naturais em formas adequadas de atendimento às necessidades humanas – mister se faz o respeito, a ética na condução humana. O planeta está sendo dizimado pela ganância do homem do tempo presente. E a Terra é situação primordial para a existência da humanidade.

O apóstolo Paulo pregou o que muitos “profetas” de hoje rejeitam: “tendo sustento e com que nos vestir, estamos contentes” (1Tm 6, 8), ou seja, toda riqueza armazenada será levada para o céu ou inferno? As aves não têm carros, I phone, tablet e vivem contentes. Os homens, ao contrário dos pássaros, exigem de Deus fidelidade na prosperidade de bens materiais e temporais. Há muito que o homem aprender com os pássaros.

A Natureza é um grande livro que Deus desdobrou aos olhos do homem, para que o lesse, interpretasse e compreendesse. No estágio atual da sua evolução, o homem, em geral, considera a Natureza simplesmente como um objeto de exploração e proveito individual. O homem espiritualmente adulto, porém, sabe que a Natureza é infinitamente mais do que isso. Abre que ela é um grande Símbolo, cujo simbolizado só se desvenda ao homem na razão direta que ele se identifica com o Autor da Natureza (ROHDEN, 1979, p. 15).

Rohden (1962) observa que a natureza, em sua admirável harmonia e ordem, predispõe ao homem a mais profunda compreensão da revelação de Deus, que “jamais conseguirá a pequena inteligência humana rivalizar com a grande inteligência (Cósmica) da natureza” (ROHDEN, 1962, p. 8). Todavia, o homem da Renascença ousou rivalizar.

Até o fim da Idade Média, prevalecia na cristandade o período da crença em Deus, na imortalidade, no Cristo, no mundo espiritual.

Com o fim da Idade Média, grande parte da cristandade e da humanidade ocidental abandonou a crença, e, com o início da Renascença, muitos proclamaram a ciência como elixir da felicidade. A crença, que é um ato de boa vontade, foi substituída pela ciência, que é um ato de inteligência.

Hoje, porém, após cinco séculos de Renascença, e no apogeu da ciência, a nova humanidade está iniciando o terceiro estágio da sua evolução ascensional, para além da crença e da ciência – rumo à experiência de Deus e do mundo invisível. Se a crença foi um ato de boa vontade, e a ciência um ato de inteligência – a experiência é o despertar da razão, do Logos, do Cristo (ROHDEN, 1978, p. 159).

Costa (2015) faz referência a uma frase do poeta inglês William Blake, que expressa bem o momento para o qual caminha o homem: se o prazer engravida, o sofrimento faz parir. Utilizando-a metaforicamente, diríamos que o homem da pós-renascença vive o prazer que engravida, e o despertar para a cristicidade virá com o parto. “O sofrimento atinge o nosso ego humano, e não nosso Eu divino. Quem confunde o seu ego periférico com o seu Eu central, não tolera sofrimento” (ROHDEN, 1988, p. 16). A maturidade que faltou ao homem da Renascença por certo virá com a dor do parto de um homem no qual o Eu (Cristo Cósmico) manifestará através do ego (hominal) tal qual a relação existente entre Jesus de Nazaré e o Cristo Cósmico, afinal, era necessário alguém se realizar para que o homem soubesse dessa possibilidade outorgada pela Divindade. Eis o fascínio da humanidade pelo Cristo.

#### 4.3 Ciência sem Consciência: o inferno do gênero humano

Embora a ciência não seja inteiramente idêntica à Filosofia e à Religião, vai, contudo, na mesma direção geral: “investiga, com auxílio da inteligência, as causas individuais que regem os fenômenos da natureza percebidos pelos

sentidos” (ROHDEN, 1955, p. 12). Em nosso caso, a ciência aplicada, segundo Ferreira (1999), é produzida com a intenção de objetivos práticos.

A Consciência, segundo Abbagnano (1999), é o significado de uma relação da alma consigo mesma, de uma relação intrínseca ao homem, “interior” ou “espiritual”, pela qual ele pode conhecer-se de todo imediato e privilegiado e, por isso, julgar-se de forma segura e infalível.

Assim temos que a ciência e a técnica, filhas da inteligência, podem ser o céu e o inferno da humanidade. A ciência e a técnica são como o mercado, nem a favor nem contra. Elas existem, porém, o resultado advindo depende da capacidade ético-moral de quem as aplica.

Sobre esse aspecto escreve Morin (2005, p. 18):

Mais ainda os poderes criados pela atividade científica escapam totalmente aos próprios cientistas. Esse poder, em migalhas no nível da investigação, encontra-se reconcentrado no nível dos poderes econômicos e políticos. De certo modo, os cientistas produzem um poder sobre o qual não têm poder, mas que enfatiza instâncias já todopoderosas, capazes de utilizar completamente as possibilidades de manipulação e de destruição provenientes do próprio desenvolvimento da ciência.

Assim, há:

- progresso inédito dos conhecimentos científicos, paralelo ao progresso múltiplo da ignorância;
- progresso dos aspectos benéficos da ciência, paralelo ao progresso de seus aspectos nocivos ou mortíferos;
- progresso ampliado dos poderes da ciência, paralelo à impotência ampliada dos cientistas a respeito desses mesmos poderes.

Arremata Morin (2005) que as ciências não têm consciência de que lhes falta consciência. Então essa consciência provém de quem faz ciência ou dos que aplicam essa ciência pelas técnicas. No primeiro caso, antes da chamada contemporaneidade, o cientista tinha fé pública automática. Ninguém exigiu de Chardin ou de Einstein submissão a um Comitê de Ética de Pesquisa, todavia, com o avanço das pesquisas, sejam nas Universidades ou Institutos, foram criados os Conselhos, que de certa forma mantêm um controle ético às pesquisas e seus resultados. No entanto, como foi explicitado anteriormente, a ciência não é contra nem a favor, ela existe! A falta de consciência acaba sendo de responsabilidade daquele que dela se utiliza.

O que vem se impondo é a concepção da ciência como tecnologia intelectual, ou seja, como valor de troca e, por isso mesmo, desvinculada do produtor (cientista) e do consumidor. Uma prática submetida ao capital e ao Estado, atuando como essa particular mercadoria chamada força de produção (BARBOSA, 2013, p. XIII).

No caso Santos Dumont, utilizou-se da ciência e da técnica para colocar um veículo mais pesado que o ar em movimento, cuja velocidade e linha reta de percurso objetivava encurtar distâncias, tudo conforme a ética. A presença de centena de testemunhas e uma Comissão Julgadora no Aeroclube de França validam as afirmações. A falta de consciência na utilização desse aparelho veio pelas mãos daqueles que, “sem consciência”, usaram para bombardeio em guerras.

A falta de “consciência” do uso do avião na Revolução Constitucionalista de 1932, no Estado de São Paulo, determinada pelo Estado na pessoa do então presidente Vargas, usada contra os próprios irmãos de pátria, levou seu inventor a colocar cabo em sua vida. Esse é o aspecto que se levanta sobre a ciência e a técnica na natureza humana.

Como crer que esse homem seja a coroação da criação?

A humanidade que nós conhecemos não é, de forma alguma, “feita a imagem e semelhança de Deus”, a que se refere o Gênesis. Nem mesmo a humanidade ocidental, com quase 2000 anos de Cristianismo. Ninguém pode ver no homem a coroa da criação – nesse animal bípede ligeiramente intelectualizado do pescoço para cima, cuja inteligência, aliás, o tornou a mais perigosa das feras que habitam o nosso planeta. A intelectualização do instinto fez do homem um monstro de ganância e agressividade, cujas garras e dentes se aperfeiçoaram em forma de metralhadoras, bombas atômicas e aviões de bombardeio; fez dele uma repugnante caricatura de sexualismo desbragado e um inferno de doenças físicas e mentais, que nenhum animal selvagem conhece (ROHDEN, 1978, p. 11).

Rohden (1978, p. 11) escreve em *A Nova Humanidade*: “Deus criou o homem o menos possível para que o homem se possa criar o mais possível”, o que vai ao encontro da teoria de Chardin (1995), na qual o homem estava potencialmente na etapa da hilosfera (matéria), alcançou ainda em potência a etapa da vida (biosfera) existencializando-se pela intelectualização do instinto, ao tempo em que adquire o livre-arbítrio para atuar entre o seu Eu crístico e o ego hominal.

Rohden (1978, p. 13) deixa claro que “as leis cósmicas não pretendem ‘salvar’ a humanidade, mas sim ‘realizar’ o homem, como assevera a cosmogênese de Chardin: saindo de um ponto Alfa para o ponto Ômega. Da essência creadora, à existência criada, à evoluída creatura.

Nessa caminhada ascensional, Rohden (1978) destaca que quando a humanidade medieval saiu da chamada infância espiritual caracterizada pela

heteronomia do mal e do bem, ao questionar sua existência, despertou para a possibilidade de um poder autônomo compreendendo que ele mesmo poderia ser o senhor de seus atos. Todavia, segundo Rohden (1978), não era ainda um homem plenamente adulto. Estava na chamada adolescência, descobrindo apenas parte de sua natureza hominal, o seu ego-mental, ainda não a individualidade do Eu-espiritual ou a potencialidade creadora em si.

Esse homem revolucionário, se assim pode-se dizer, apelou para o seu ego-mental para redimir das suas maldades e de seus males, prometendo criar pelo poder da inteligência do seu ego um paraíso sobre a terra, utilizando-se da ciência e da técnica.

Rohden (1978) questiona que cinco séculos se passaram e a promessa não se cumpriu, e acresce, o que a humanidade do século XX assistiu pelo poder da ciência e da técnica, filhas da inteligência, foram duas guerras mundiais, em uma das quais, na cidade de Hiroshima, no Japão, em 1945, ficou demonstrado a real capacidade da inteligência, ciência e técnica. Porém, levando à dúvida esse poder de “salvação” da humanidade pelo poder do homem da Renascença.

Cinco séculos na evolução do homem representam muito pouco tempo para uma conscientização ao ponto de alcançar o ponto ômega de Chardin ou mesmo o Homem Integral de Rohden. O homem do tempo presente é o mesmo homem da renascença, porém cientificamente tecnificado. O que entra em discussão é a sua natureza bipolar: Eu-espiritual e ego-ilusório. Até então tem prevalecido o ego-ilusório, não determinadamente aos homens que fazem ciência, mas por parte daqueles que usam essa ciência através da técnica.

Rohden (1990, p. 69) escreve em *Cosmorama*: “o que se sabe não inspira terror – todo terror é filho da ignorância ou do erro”. Tem o homem do tempo presente agido pelo desconhecimento (ignorância) ou pelo menosprezo (erro)? A ação do homem do tempo presente vem por ignorância ou erro?

Se, por ignorância, pode-se creditar ao desconhecimento da importância de integração do ego ao Eu-espiritual para que este se manifeste através daquele a harmonia existente no universo; se por erro, estaria claramente identificada a importância do Eu-espiritual na composição material, mental e emocional do homem.

Rohden (1978), em *Entre dois mundos*, apresenta questionamentos do Homem para o Homem: “Estou aqui para melhorar o mundo? Estou aqui para

melhorar a humanidade? Será que sou mais poderoso que Deus para melhorar o mundo? Será que sou melhor do que o Cristo para melhorar os homens?”

Uma coisa, porém, posso fazer que nem Deus nem o Cristo podem fazer por mim ou em meu lugar: posso fazer-me bom. Ninguém, exceto eu, me pode fazer bom. Ninguém pode ser bom em meu lugar.

Deus só me criou com a potencialidade de ser bom, mas eu me posso fazer atualmente bom. Eu me posso fazer melhor do que Deus me fez – e também me posso fazer pior do que Deus me fez.

É esta a onipotência do livre-arbítrio, para o bem ou para o mal.

Estou aqui na terra para me fazer de mim o que Deus não me fez.

Estou aqui para me fazer o que ninguém pode fazer por mim – estou aqui para me fazer bom.

A creaturidade que Deus me deu, deve manifestar-se em criatividade positiva para o bem [...]

Ser bom é conscientizar que ‘eu e o Pai somos um; as obras que eu faço não sou eu quem as faço, mas é o Pai em mim que faz as obras’.

Ser bom é estar intimamente convencido de que ‘o reino de Deus está dentro de mim; é um tesouro oculto, de que eu devo fazer um tesouro manifesto’.

Ser bom é saber que eu sou a luz do mundo, mas que não devo deixar a minha luz debaixo do alqueire, e sim colocar no alto do candelabro.

E quando eu me tiver realizado assim no meu externo AGIR como sou no meu interno SER; quando a minha ética for o transbordamento fiel da minha mística – então terei feito à humanidade o maior bem que lhe posso fazer – e então terei feito o mundo muito melhor do que Deus o fez (ROHDEN, 1978, p. 68-9, 70).

Entretanto, se assim o homem não o fizer, Rohden (1978, p. 70) orienta sobre a frase a ser escrita em seu epitáfio: “Aqui jazem os restos mortais de um homem que viveu 30, 50, 80 anos – sem saber porquê”.

Rohden (1981, p. 127) esclarece “que onde há culpa, há sofrimento. É esta a voz da razão (Logos), que a inteligência (*nóos*) não quer aceitar”.

“A humanidade se está suicidando em prestações. É este o triunfo máximo de Lúcifer”, aqui entendido como ego ilusório (ROHDEN, 1981, p. 127). Ego ilusório que se manifestou visivelmente em 1945, no Japão, na cidade de Hiroshima, para colocar a divinização da ciência em discussão, e continua manifestando no planeta Terra.

No que isto serviu para levar o homem a uma reflexão em sua natureza? Como já foi dito aqui, esse homem conseguiu, durante a Guerra Fria, ir ao espaço e alcançar a Lua (1969), sem antes responder à pergunta de onde veio.

Nessa corrida, o homem vai acabar com o planeta e a humanidade antes de saber quem ele é, de onde veio e para onde vai.



#### 4.4 A Vida É Digna de Ser Vivida

A vida digna de ser vivida é aquela “que não começa pelo conhecimento das coisas e nem dos outros, mas sim pelo conhecimento de si próprio, da própria alma, do verdadeiro eu” (VICENTE, 2017, p. 25).

Descobrir a si próprio é a tarefa do homem no mundo: o verdadeiro sentido da vida. Caso contrário, não justificaria a intelectualização do instinto na biosfera, homificando-se na noosfera numa direção fixa: o ponto Ômega. Instintivamente e sem intelectualização como as demais criaturas criadas, estaria o homem, inclusive, longe do sofrimento, que, segundo Rohden (1988, p. 16), “atinge o ego humano, e não o Eu divino. Quem confunde o seu ego periférico com o seu Eu central, não tolera sofrimento”. Acresce que “nem todo sofrimento é débito – há sofrimento-crédito, e há também sofrimento substitutivo, por culpas alheias” (ROHDEN, 1988, p. 17).

E “quando o que está em questão é a ética, Sócrates e a expressão ‘conhece-te a ti mesmo’ surgem como referências fundamentais e imprescindíveis” (VICENTE, 2017, p. 21). Sócrates, filósofo da antiga Grécia, aos mais de 70 anos de idade, foi condenado à morte, embora inocente.

Ele era muito invejado, e mais porque qualificava de estultos aqueles que se tinham em alto conceito, como por exemplo Ânitos, de acordo com o *Mênon* de Plantão. Com efeito, Ânitos não tolerou ser ridicularizado por Sócrates, e foi o primeiro a insuflar contra ele Aristófanes e seus amigos; mais tarde ajudou a persuadir Mêletos a acusá-lo sob a alegação de impiedade e de corrupção da juventude. A declaração jurada, que ainda se conserva, tinha o seguinte teor de conformidade com Favorinos em sua obra *Metrôon*: ‘Esta acusação e declaração é jurada por Mêletos, filho de Mêletos de Pios, contra Sócrates, filho de Sofroniscos de Alopece: Sócrates é culpado de recusar-se a reconhecer os deuses reconhecidos pelo Estado, e de introduzir divindades novas, e é também culpado de corromper a juventude. Pena pedida: a morte’ (LAÉRTIOS, 2014, p. 57).

Relata Rohden [1970] que o filósofo aguardava o dia da execução com perfeita tranquilidade e paz de espírito, enquanto amigos e discípulos tentavam uma maneira de o preservar da morte. Na véspera da sua execução, conseguiram subornar o carcereiro, e um de seus discípulos, Críton, entrou na cadeia e disse ao mestre:

- Foge depressa, Sócrates!
- Fugir por que? Perguntou o preso.
- Ora, não sabes que amanhã vão te matar?
- Matar-me? A mim? ninguém me pode matar!

– Sim, amanhã terás de beber a taça de cicuta mortal – insistiu Críton.  
 – Vamos, mestre, fuge depressa para escapares da morte!  
 – Meu caro amigo Críton – respondeu o condenado – que mau filósofo és tu! Pensar que um pouco de veneno possa dar cabo a mim...  
 Depois, puxando com os dedos a pele da mão, Sócrates perguntou:  
 – Críton, achas que isto aqui é Sócrates? \_ E batendo com o punho no osso do crânio, acrescentou: \_ Achas que isto aqui é Sócrates? ... Pois é isso o que eles vão matar, este invólucro material: mas não a mim. Eu sou minha alma. Ninguém pode matar Sócrates!...  
 E assim expirou esse homem, que tinha descoberto o segredo da felicidade, que nem a morte lhe pôde roubar. Conhecia-se a si mesmo, o seu verdadeiro Eu, eterno, imortal (ROHDEN, 1970d, p. 20-1).

Verdade! Cá estamos nós a falar de Sócrates.

Voltemos à ética citada por Vicente (2017) como uma “sabedoria da ação”, que tem, na figura de Sócrates, o seu símbolo maior, a quem é atribuída a regra d’As Três Peneiras, citada por Vicente (2017, p. 39), que recomenda que, antes de proferir qualquer palavra ou atitude em favor ou desfavor de uma situação, deve-se perguntar: é verdadeiro? é bom? é útil? Fazendo sentido, deve-se prosseguir, se a resposta for positiva.

Foi uma linha de ação errada a proposta de Críton ao seu mestre, depois de subornar o carcereiro e propor fuga para livrá-lo da morte. Mesmo que seja para reparar uma injustiça, não deve ser posta em prática. Claro que, se analisadas as relações hoje estabelecidas pelos homens do tempo presente, esta visão ética poderá até ser contestada, afinal, estamos em um tempo em que os noticiários televisivos e impressos, redes sociais através de suas variadas plataformas dão conta de uma decomposição moral e cósmica, mundialmente, sem precedentes na história. Isso causa repugnância? Sim!... Mas o indivíduo social tem olhado a si e à sua volta?

Viver a vida digna de ser vivida é viver o verdadeiro e real significado cósmico do equilíbrio, da harmonia, da felicidade, da beleza, da pureza e da imortalidade. É estar através de seu Eu espiritual em consonância com a ética universal expressa pela Lei que estabeleceu e mantém a harmonia do universo; é “arrancar todas as máscaras, libertar-se das aparências e viver a vida autêntica e transparente, a saber, aquela que coloca a ‘verdade em prática’, não aquela cuja missão é alcançar a fama ou obter riqueza” (VICENTE, 2017, p. 27), à qual acrescentaria a palavra poder; é ter uma moral individual consonante com a ética universal, no sentido de cósmica.

Zimmermann (2011) registra que Sócrates, patrono da ética, “sustentava que uma vida realmente feliz seria ‘uma vida dirigida segundo a razão’. Portanto,

‘a chave da felicidade humana estaria no desenvolvimento de um caráter moral racional’” (ZIMMERMANN, 2011, p. 295). Rohden (1978, p. 159) escreve, “No homem, a inteligência analítica (divergente) é representada pelo ego: a razão intuitiva (convergente) é representada pelo Eu”, em que o Eu é o Cristo em nós. Cristo entendido como “Logos” na versão grega e “Verbo” na Vulgata.

A História do Tempo Presente é marcada pela chamada globalização e o consumismo, que, por sua vez, virou cabeça abaixo a questão ética.

Por outro lado, Frei Betto, Boff e Cortella (2016, p. 12) declaram viver num convento na cidade de São Paulo, em um quarto que não tem mais que cinco metros quadrados, e seu bem de relativo valor é um carro Fox 1.6, que lhe foi dado de presente: “Sou feliz por jamais ter me faltado um teto e nunca ter passado fome, exceto por decisão voluntária, como nas greves feitas na prisão [...] Sou feliz por pertencer a uma família afetuosa, e considerar suficiente o necessário”.

A razão principal de minha felicidade reside, porém, em dois fatores: as amizades conquistadas ao longo da vida e o sentido que imprimo à minha existência [...] A vida espiritual é fator preponderante em meu bem-estar. Tenho em Jesus meu paradigma vital, que me revela quem é Deus; aprendi a orar com Teresa de Ávila e João da Cruz; habituei-me a meditar quase diariamente. Isso me permite conservar os pés no chão e não pretender voar além da capacidade de minhas curtas asas (FREI BETTO; BOFF; CORTELLA, 2016, p. 12-3).

Frei Betto, Boff e Cortella (2016) dizem que Santo Tomás baseou-se em Aristóteles, que, no livro *Ética a Nicômaco*, escreve que todos os outros bens são meios para se atingir o bem maior: a felicidade. O mesmo santo ressaltou que todas as pessoas, em tudo o que fazem, buscam a própria felicidade, mesmo ao praticar o mal, uma vez que ninguém age contra o próprio bem. Assevera ser o homem possuidor do que chama de *libido felicitatis* ou a pulsão de ser feliz. O mesmo Frei Betto, Boff e Cortella (2016, p. 15) observam: “No entanto, basta olhar em volta e constatar quanta infelicidade existe: depressão, dependência química, criminalidade precoce, fome, guerras, migrações forçadas, trabalho escravo etc.”.

Vivemos, hoje, a crise de paradigmas políticos, éticos, econômicos e religiosos. Se o paradigma medieval era a religião e o moderno, a razão – acompanhada de suas duas filhas diletas, ciência e tecnologia -, qual será o paradigma da pós-modernidade, na qual ingressamos neste século XXI?

Sonho que seja a solidariedade. Mas tudo indica que há o perigo de o mercado se impor como paradigma. A mercantilização de todos os aspectos da vida e da natureza. “Fora do mercado não há salvação”,

proclama o capitalismo neoliberal, indiferente ao drama de quase 2/3 da humanidade – 4 bilhões de pessoas – sobrevivem, segundo a ONU, com menos de ES\$ 2,50 por dia.

Mercantiliza-se também a natureza, exaurindo seus recursos ou utilizando-os predatoriamente, como denunciou o Papa Francisco em sua encíclica *Louvado sejas – Sobre o cuidado de nossa casa comum* [...] O capitalismo não quer formar cidadãos. Quer gerar consumistas. Por isso renega os valores que norteiam nossas vidas, como ética e solidariedade, e desloca-nos da subjetividade para centrar-nos na objetividade, naquilo que se consome (FREI BETTO; BOFF; CORTELLA, 2016, p. 17, 19).

Quando se analisa o progresso de um país, o índice mais usado é o Produto Interno Bruto (PIB), a soma de todos os bens e serviços produzidos por um país. A *USP Analisa* debateu um tema interessante a respeito do assunto, *Desenvolvimento dos Países Pode Ser Medido pela Felicidade*, utilizando-se do Indicador Felicidade Bruta (IFB), que avalia o bem-estar da população.

Segundo Emanuele, FIB (Felicidade Interna Bruta) leva em conta nove aspectos. Ela considera o bem-estar psicológico, que inclui questões como autoestima e estresse; políticas de saúde e hábitos que prejudicam ou melhoram a saúde; o uso do tempo, incluindo tempo para lazer e para a família; a vitalidade comunitária, ou seja, o nível de interação com a sociedade em geral; a educação, a cultura e as oportunidades de desenvolver atividades artísticas; o meio ambiente, ou seja, a percepção da população em relação à qualidade da água e do ar, bem como o acesso a áreas verdes; a governança; a representatividade social em órgãos públicos; e, por último, o padrão de vida, a renda familiar e a qualidade de moradia (CARDOSO, 2018, p. 1).

Frei Betto, Boff e Cortella (2016, p. 33) fazem o registro de que no reino do Butão “se adota, em vez do Produto Interno Bruto (PIB) para medir o desenvolvimento do país, o índice Nacional de Felicidade Bruta, mensurado por indicadores de cultura, padrão de vida, equilíbrio ambiental e qualidade do governo”.

Nogueira (2019), em sua publicação *Butão: saiba mais sobre o país da felicidade*, propiciou a base para o desenvolvimento do estudo sobre o reino do Butão, país encravado na Cordilheira do Himalaia, entre a China e a Índia, no topo do mundo, agraciado com um relevo acidentado e de difícil acesso, o que facilitou a preservação da cultura, como o país mais feliz da Terra. Assim diz seu povo, que trabalha o solo recebendo o sopro divino trazido pelo vento que balança as bandeiras com versos sagrados, exalando paz, compaixão e sabedoria por toda região.

No início do século XX, os butaneses eram governados por um Lama (chefe religioso), quando ocorreu a separação entre a religião e o governo com a coroação de um Rei.

Um de seus reis alcançou o poder aos 18 anos de idade. Idealista e sonhador, não quis que seu país e seu povo repetissem os erros observados por ele em outros países como, por exemplo, a desarmonia familiar, o consumismo e a falta de cuidado com a natureza.

O quarto monarca anunciou: A Felicidade Interna Bruta é muito mais importante que o Produto Interno Bruto. Com isso criou um ambiente para o florescimento da felicidade, esse equilíbrio emocional humano. Mas como medir a felicidade de um povo? Só com a opinião do povo.

François Jacob conclui seu livro *Le Jeu des possible*, segundo Frei Betto, Boff e Cortella (2016, p. 38), com estas palavras:

A ciência se esforça por descrever a natureza e distinguir entre sonho e realidade. Mas não podemos nos esquecer de que o ser humano, provavelmente, tem tanta necessidade de sonho quanto de realidade. É a esperança que confere sentido à vida. E a esperança se funda na perspectiva de podermos um dia, transformar o mundo presente num mundo possível, parecendo melhor. Quando Tristan Bernard foi preso com sua esposa pela Gestapo, disse-lhe: 'Terminou o tempo do medo. Começa agora o tempo da esperança'.

A vida digna de ser vivida é olhar para dentro de si e ver que morrer é um ato de amor; é não desejar o que o mundo possa dar, como dizia Diógenes, bem como o que o mundo possa tirar; é não ter que recorrer a um filósofo quando lhe perguntar o que é felicidade; é ter consciência de que o homem faz parte desse mundo de Deus no mundo de Deus; e que a ética cósmica é o caminho para a felicidade universal.

#### 4.5 Brado de Alerta I

No ano de 2008, a Revista *Time Magazine*, EUA, chama a atenção do mundo com a manchete *Be Worried, Bevery Worried* (Fique preocupado, fique muito preocupado), o planeta acordou! Chama a atenção para o estresse a que

está submetido o planeta que não tem mais capacidade de produção para atender a demanda, por um lado, e, por outro, a questão do lixo produzido.

Segundo Parker (2012), o ambientalismo, movimento surgido com as críticas aos impactos promovidos pela Revolução Industrial, como movimento social moderno, ganha espaço na década de 60, do século passado, cujo marco significativo foi a publicação de *Primavera silenciosa*, 1962, de Rachel Carson, denunciando os malefícios que os produtos químicos usados na agricultura causavam à natureza.

Outro momento importante nessa corrida para salvar o Planeta foi o relatório *Limits to Growth* (Limite ao Crescimento), de 1972.

O relatório propôs a noção de limites naturais, uma vez que a terra tem recursos limitados e uma capacidade limitada de sustentar o crescimento e absorver a poluição, o crescimento econômico contínuo é insustentável. A partir de então, a ideia de limites naturais tornou-se fundamental para o movimento ambiental, assim como a de sustentabilidade (PARKER, 2012, p. 10).

Sustentabilidade é a quantidade de terra e água necessária para sustentar as gerações atuais, tendo em conta todos os recursos materiais e energéticos gastos por uma população medida pela equação: área cultivável <dividida> população planetária, ou seja, 11,3bi/hectares <divididos> 6,15 bi/habitantes = 1,8 Hectare/habitante. Porém, atualmente, o consumo é de 2,2 hectares por habitante, 0,4 acima do indicado<sup>35</sup>.

Os ambientalistas, por muitos considerados utópicos, têm externado suas preocupações. Por outro lado, os antiambientalistas, apostam na engenharia que promove o avanço para solucionar a questão da sustentabilidade e do lixo que irá dobrar em toneladas até o ano de 2025, dois bilhões e 500 milhões. Fala-se que, no ano de 2050, haverá a necessidade de mais dois planetas terras somente para abrigar o lixo produzido. Até aonde vai o homem diante de recursos não renováveis como o petróleo com data de validade até 2050? Até aonde vai o homem diante dessa crise de água potável e para a geração de energia hidráulica? Quem terá a preferência sobre água, o homem ou a indústria? Quem terá a preferência sobre energia hidráulica, o homem ou a indústria? Contentar-se-ão com a produção de energia pela biomassa? Eólica? Nuclear? Geotérmica? Gravitacional? E o custo dessa energia? Muitas perguntas, poucas respostas.

---

<sup>35</sup> Estimativa de 2012.

A Terra é Gaia, um superorganismo vivo que tudo engloba. Nessa compreensão, quem somos nós, seres humanos? Somos um momento avançado da evolução e da complexidade da Mãe Terra. Alcançado um ponto extremo, irrompe a vida humana consciente e inteligente. Nós somos Terra, como insinua Gn 2,7: aquela porção de Terra que sente, pensa, ama e venera.

Bem testemunharam os astronautas a partir da Lua e de suas naves espaciais: 'Daqui de cima não há diferença entre Terra e humanidade. Elas formam uma unidade complexa, constituem uma única grande e diversa realidade' (BOFF, 2017, p. 61-2).

Assim como os astronautas enxergaram a Terra do espaço, também nós, a humanidade, temos que reverenciá-la. Rohden (1961, p. 140) afirma ser a “Ciência sem consciência o satã do gênero humano”. Em Boff (2017, p. 73) encontramos: “Hoje precisamos cuidar da Mãe Terra e de todo o sistema de vida, pois a capacidade de destruição humana é quase ilimitada”. E conclui afirmando: “Fizemo-nos o satã da Terra, quando deveríamos ser seu anjo bom”.

#### 4.6 Brado de Alerta II

Em maio de 1994, um importante jornal de circulação nacional anunciava que Frei Betto e Leonardo Boff aderiram ao misticismo. Segundo o jornalista autor da matéria, Graieb (1994, p.1), a onda esotérica que varre o mundo acabava de ganhar dois novos surfistas prateados.

Com essa notícia, Sell (s/d) inicia um artigo sob o título: *Do marxismo à mística: os novos rumos da teologia da Libertação*, identificado como esboço de sua tese doutoral a ser defendida no programa de sociologia política da UFSC sob a orientação do prof. Franz Josef Brüseke.

Mais tarde, Eduardo Junqueira (1997), assina matéria em revista de circulação semanal com o título: “E Deus ganhou: as comunidades eclesiais abandonam a política e adotam o misticismo para reaver adeptos” (SELL, s/d, p.1), na qual reflexiona que, “com a queda do muro de Berlim, o ideal socialista que animava as lideranças das CEBs (Comunidades Eclesiais de Bases) se esvaziou” [...] “os integrantes das CEBs continuam inconformados com a péssima distribuição de renda no país” (SELL, s/d, p. 1) agora demonstram uma “inédita disposição para aliar a tradicional militância em favor dos pobres à dimensão mística da religião” (SELL, s/d, p. 1).

Sobre ambas as notícias, Sell (s/d, p. 28) faz uma observação:

É preciso olhar com cautela a simbiose entre mística e política operada na TdL (Teologia da Libertação). Eles (Frei Betto e Leonardo Boff) estão certos ao constatar que a crise do socialismo precisa ser substituída por uma nova espiritualidade. Mas, entre esta constatação e a ideia de colocar a mística a serviço da política, vai uma grande distância. Na verdade, esta instrumentalização política da mística não entende o conteúdo desta experiência religiosa. Para sermos bastante diretos: a mística libertadora é a própria decadência da mística. Ela não nasce de uma profunda experiência religiosa, como na mística clássica. Nasce apenas de uma constatação de crise teórica, para o qual funciona como um paliativo, uma tentativa de “recomposição”, como já acenamos. A mística da teologia é uma mística degradada, que longe de se filiar a longa tradição clássica do pensamento místico, apropria-se dela de forma superficial e artificial.

Baptista (2011, p. 246), em *Libertação e Ecologia: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff*, na última parte do terceiro capítulo mostra um Boff coerente com o método da TdL, quando escreve: “Leonardo pensa que a teologia nasce da mística”. Nesse ponto Boff diverge de Sell, para o qual, “A mística da teologia é uma mística degradada, que longe de se filiar a longa tradição clássica do pensamento místico, apropria-se dela de forma superficial e artificial” (BAPTISTA, 2011, p. 264).

Colocando Rohden (1979) nesse diálogo entre Sell (s/d) e Baptista (2011), afirma ser “impossível identificar o Cristo com alguma organização religiosa; qualquer tentativa desta é necessariamente uma deturpação e uma falência. Toda a organização é produto do ego, e esse ego é, por sua natureza, egocêntrico, e por isso anticristico” (ROHDEN, 1979, p. 12).

A mística é uma experiência estritamente individual, que, quando organizada socialmente, deixa de existir, assim como vida encaixotada não é vida, luz engarrafada não é luz. É da íntima essência da experiência mística ser individual, o que todavia não impede que essa verticalidade individual se desdobre em horizontalidade social; mas esse desdobramento ou transbordamento só acontece quando a experiência vertical atinge o zênite da sua plenitude.

O nosso mundo conturbado não pode ser sanado por nenhuma nova organização, religiosa ou civil; somente a experiência mística de muitos pode beneficiar realmente a humanidade.

Toda mística verdadeira e plena é irresistivelmente transbordante e difusora; se não for isto, não passa de misticismo, mas não é uma mística dinâmica.

O Cristo nunca organizou nada, nem no âmbito religioso da Sinagoga de Israel, nem no setor civil da política do Império Romano. A sua atuação foi exclusivamente indireta, por espontâneo transbordamento da sua própria plenitude, porque, como diz Paulo de Tarso, nele habitava corporalmente toda a plenitude da Divindade (ROHDEN, 1979, p. 13-4).



A posição rohdiana é a que Sell (s/d) define como experiência clássica de mística. Rohden (1979) registra que, do ano 33 a 313, pouco mais de três séculos, a cristandade das catacumbas vivia essa cristicidade mística, e faz questão de observar que sem nenhuma organização social.

O homem do tempo presente vive a herança da renascença traduzida em problema existencial que nenhuma mística social será capaz de reverter. Todavia, a verticalidade individual, como apregoa Rohden (1979), poderá se desdobrar em horizontalidade social, porém, observa que o transbordamento só acontece quando a experiência vertical atinge o zênite de sua plenitude.

## CONCLUSÃO

A presente tese analisou o homem da História do Tempo Presente pela perspectiva do filósofo Huberto Rohden, para a qual o que se sabe não inspira terror, pois todo o terror é filho da ignorância e do erro, articulada à outra tese do filósofo, para a qual o homem da Renascença aos dias atuais é fruto da confusão entre o fator Eu (espiritual) e o fator ego (hominal), a partir do que se questiona a influência desse desalinho à produção de ciência e sua ação técnica no mundo. Esse desarranjo planetário tem como causa o desconhecimento ou menosprezo do Eu espiritual? Se desconhecimento, houve ignorância, se menosprezo, houve erro.

De acordo com esta pesquisa, o filósofo afirma que, no momento da transição da “tradição” para o “moderno”, aquela identificada com o *status quo* medieval, e este, com o novo conceito de mundo surgido após o Renascimento, o homem encontrava-se em sua adolescência espiritual, na qual havia despertado para o seu poder autônomo: ele mesmo e não alguém fora dele era o autor de sua maldade e de sua bondade, como ocorria em sua infância heterônoma. Assim, apelou para o seu ego *personal* para se redimir de suas maldades e dos seus males pelo poder da inteligência, através de suas filhas, a ciência e a técnica.

Mais de cinco séculos se passaram e da promessa de salvação o que se viu foi ciência e técnica chamadas à mesa de discussão. O acontecimento das bombas atômicas usadas em nome da paz, no Japão, em 1945, nas cidades de Hiroshima e Nagasaki, e o grito de socorro de um planeta exaurido questionou: se, por um lado, ciência e técnica trouxeram extraordinárias vantagens à humanidade, por outro, poluição, dor e destruição.

Assim, chega-se ao consenso de que a ciência é como o mercado, nem contra nem a favor, ela existe. O diferencial está com aquele que através da técnica a coloca em prática, o Homem, que, pela sua idade adolescente espiritual, não age por menosprezo ou erro, e, sim, por desconhecimento ou ignorância da importância do Cristo em nós. É o Cristo o diferencial entre o homem construir o seu Céu ou o seu caos. É o Cristo a ética que o conduz pelo

caminho em busca do ponto Ômega de Chardin. Ética que o conduz a agir como o Todo dentro desse mesmo todo.

Durante o desenvolvimento da pesquisa através do diálogo entre vários autores, foi constatado que, se houvesse a presença crística nesse homem do tempo presente, grandes desgraças provocadas pela ciência e pela técnica ou por aqueles que delas fazem uso teriam sido evitadas pela presença da ética-cristã. O Cristo Cósmico (Deus) é a Lei que estabeleceu e mantém a harmonia do Universo.

Com isso, a tese rohdiana formulada sobre o homem da Renascença tem nossa confirmação. E quanto à articulada ao homem do tempo presente temos convicção de que esse homem age por desconhecimento ou ignorância à ética-cristã, que se encontra em forma de potência no seu Eu-espiritual (crístico), que só alcançará o homem do tempo presente quando o Eu se manifestar através do ego (hominal). Essa será a síntese entre o Ser do Eu e o Existir do ego.

Finalmente, temos convicção de que essa herança da Renascença no homem do tempo presente não será desperta por nenhuma mística social, e, sim, por meio de uma experiência literalmente individual, atingindo a verticalidade até o Zênite iniciado no Nadir. Então poderá essa ética-cristã se desdobrar em horizontalidade social atingindo a humanidade como um todo.

## REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: M. Fontes, 1999.
- BAPTISTA, Paulo Agostinho N. *Libertação e ecologia: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- BARROS, Jefferson. *Função dos intelectuais numa sociedade de classes*. Porto Alegre: Movimento, 1977.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- BOFF, Leonardo. *A casa comum, a espiritualidade, o amor*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- BOFF, Leonardo. *Evangelho do Cristo Cósmico: a busca da unidade do todo na ciência e na religião*. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- CAPELLI, Esse. *Crestomatia espiritualista*. Goiânia: Kelps, 1988.
- CARDOSO, Taís. *Desenvolvimento dos países pode ser medido pela felicidade*. Rádio USP. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/radioagencia-usp/desenvolvimento-dos-paises-pode-ser-medido-pela-felicidade/>. Acesso em: 17 jul. 2010.
- CARRIÃO, Luiz Humberto. *Do Cristo Cósmico e do Cristo Telúrico na visão de Huberto Rohden*. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.
- CARSON, Rachel. *Primavera silenciosa*. São Paulo: Melhoramento, 1962.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Helder, 1970.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *Ciência e fé*. Porto Alegre: Ed. da PUCRS, 1975.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O meio divino*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CHARDIN, Pierre Teilhard de. *O lugar do homem na natureza*. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.
- COSTA, Isaias. *A criatividade é uma gravidez de corpo e alma*. *Jornal O Povo OnLine*. Edição 13 nov. 2015. Disponível em: <https://blogs.opovo.com.br/artesanatodamente/2015/11/13/a-criatividade-e-uma-gravidez-de-corpo-e-de-alma/>. Acesso em: 01º ago. 2020.
- D'OLIVO, Natalino. *Redescoberta do cristianismo*. São Paulo: Edicel, 1984.

- DELUMEAU, Jean. *A civilização do renascimento*. Lisboa: Estampa, 1994.
- EMMANUEL. In: LIMA, Antônio. *Vida de Jesus baseada no espiritismo*. Rio de Janeiro: Fundação Bezerra de Menezes, 1937.
- FALCÃO, Raimundo Bezerra. *Filosofia do direito*. São Paulo: Malheiros, 2014.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI: dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FLORIANI, Dimas. *Para filosofar*. São Paulo: Scipione, 2000.
- FREI BETTO; BOFF, Leonardo; CORTELLA, Mário Sérgio. *Felicidade foi se embora?* Petrópolis: Vozes, 2016.
- GIRARDI, Leopoldo Justino; QUADROS, Odone José de. *Filosofia*. Porto Alegre: PUC/EMA, 1975.
- GUIMARÃES, Zoraida H. *Um pilar de luz no Cosmo, Huberto Rohden*. Florianópolis: Lunardelli, 2000.
- LAËRTIOS, Diógenes. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Brasília: Ed. da UnB, 2014.
- LIMA, Elder Rocha. *Utopia – o discurso e a prática*. Brasília: Verano, 2008.
- LIVRO DOS ESPÍRITOS. Codificador: Allan Kardec. Coordenador: Claudio Damasceno Ferreira Junior. Porto Alegre: Besouro Box, 2013.
- LOMBARD, Jay. *A mente de Deus: o que as novas pesquisas da neurociência revelam sobre a busca pela alma humana*. São Paulo: Cultrix, 2018.
- MARTINS, Bento A. Discurso. In: ROHDEN, Huberto. *Luzes e sombras da alvorada*. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1969. p. 193-202.
- MENDES, Renato; BUENO. *Mude ou morra: tudo que você precisa saber para fazer crescer seu negócio e sua carreira na nova economia*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.
- MESQUIDA, Peri; BRIGHENTI, Míriam F. *Dom Leme, os intelectuais e o papel da educação na reconquista da hegemonia católica: a guerra de posição de 1915 a 1959*. In: X JORNADA NACIONAL DO HISTEDBR, Vitória da Conquista, 2011. Disponível em:  
[https://www.researchgate.net/publication/326262760\\_DOM\\_LEME\\_OS\\_INTELLECTUAIS\\_E\\_O\\_PAPEL\\_DA\\_EDUCACAO\\_NA\\_RECONQUISTA\\_DA\\_HEGEMONIA\\_CATOLICA\\_A\\_GUERRA\\_DE\\_POSICAO\\_DE\\_1915\\_A\\_1950](https://www.researchgate.net/publication/326262760_DOM_LEME_OS_INTELLECTUAIS_E_O_PAPEL_DA_EDUCACAO_NA_RECONQUISTA_DA_HEGEMONIA_CATOLICA_A_GUERRA_DE_POSICAO_DE_1915_A_1950) Acesso em: 14 set. 2020.
- MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: B. Brasil, 2005.
- MORTIER, Jeanne-Marie. *Pierre Teilhard de Chardin: pensador universal*. São Paulo: Cultrix, 1981.

- NERY, Vanda Cunha Albiere. *Rezas, crenças, simpatias e bençãos: costumes e tradições do ritual de cura pela fé*. Uberlândia: CUT, [1980].
- NOGUEIRA, Wagner. *Butão: saiba mais sobre o país da felicidade*. 2019. Disponível em: <https://www.mochilaoadois.com.br/butao-pais-da-felicidade/>. Acesso em: 17 jul. 2020.
- PARKER, Martin e outros. *Dicionário de alternativas*. São Paulo: Octavo, 2012.
- PASSOS, Paulo Rogério Rodrigues. *Da magia à terapia: novas ofertas religiosas na Igreja Universal do Reino de Deus*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017.
- PAULA, João Teixeira de. *Dicionário enciclopédico ilustrado: espiritismo, metapsíquica, parapsicologia*. São Paulo: Bels, 1976.
- PREZOTTI, Nathalia Thami Chalub. *O conceito de desencantamento do mundo, de Max Weber, e a visão de reencantamento do mundo em dois de seus maiores intérpretes: Antônio Flavio Pierucci e Wolfgang Schluchter*. 2015. Disponível em: [https://www.academia.edu/11327829/O\\_Reencantamento\\_do\\_Mundo\\_em\\_Max\\_Weber.\\_](https://www.academia.edu/11327829/O_Reencantamento_do_Mundo_em_Max_Weber._) Acesso em: 21 jun. 2020.
- ROHDEN, Huberto. *Tu és o Cristo filho de Deus vivo?* Petrópolis: Vozes, 1919.
- ROHDEN, Huberto. *Paulo de Tarso: o maior bandeirante do Evangelho*. São Paulo: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.
- ROHDEN, Huberto. *Evangelho ou teologia?* São Paulo: União Cultural, 1954.
- ROHDEN, Huberto. *Filosofia Universal*. São Paulo: União Cultural, 1955. V. 1.
- ROHDEN, Huberto. *Lampejos evangélicos*. São Paulo: União Cultural, 1961.
- ROHDEN, Huberto. *Maravilhas do universo*. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1962.
- ROHDEN, Huberto. *Por um ideal*. São Paulo: Freitas Bastos, 1962a. V. I.
- ROHDEN, Huberto. *Por um ideal*. São Paulo: Freitas Bastos, 1962b. V. II.
- ROHDEN, Huberto. *Catecismo da filosofia*. São Paulo: F. Bastos, 1965a.
- ROHDEN, Huberto. *Orientando*. São Paulo: Alvorada, 1965b.
- ROHDEN, Huberto. *Luzes e sombras da alvorada*. Rio de Janeiro: F. Bastos, 1969.
- ROHDEN, Huberto. *Minhas vivências na Palestina, no Egito e na Índia*. São Paulo: Alvorada, 1971.
- ROHDEN, Huberto. *Tao Te King: Lao-Tse*. São Paulo: Alvorada, 1973.

- ROHDEN, Huberto. *O que vos parece do Cristo?* rev. ampl. São Paulo: Alvorada, 1979.
- ROHDEN, Huberto. *O homem*. São Paulo: Alvorada, 1983.
- ROHDEN, Huberto. *Porque sofremos*. São Paulo: Alvorada, 1988.
- ROHDEN, Huberto. *A nova humanidade*. São Paulo: Alvorada, 1978.
- ROHDEN, Huberto. *Filosofia univérsica*. São Paulo: Alvorada, 1978a.
- ROHDEN, Huberto. *Entre dois mundos*. São Paulo: Alvorada, 1978b.
- ROHDEN, Huberto. *Rumo à consciência cósmica*. São Paulo: Alvorada, 1970a.
- ROHDEN, Huberto. *O caminho da felicidade*. São Paulo: Alvorada, [1970b].
- ROHDEN, Huberto. *Cosmoterapia*. São Paulo: Alvorada, [1970c].
- ROHDEN, Huberto. *Educação do homem integral*. São Paulo: Alvorada, [1970d].
- ROHDEN, Huberto. *O drama milenar do Cristo e do Anticristo*. São Paulo: Alvorada, 1972.
- ROHDEN, Huberto. *Cosmorama*. São Paulo: M. Claret, 1990.
- ROHDEN, Huberto. *A experiência cósmica*. São Paulo: M. Claret, 1995.
- ROHDEN, Huberto. *Educação cósmica*. São Paulo: M. Claret, 1997.
- ROHDEN, Huberto. *Catecismo da filosofia e outros opúsculos*. São Paulo: M. Claret, 2009.
- ROHDEN, Huberto. *Novos rumos para a educação*. São Paulo: M. Claret, 2010.
- SCHIAVO, Luís; SILVA, Valmor da. *Jesus milagreiro e exorcista*. São Paulo: Paulinas, 2011.
- SCHÖPKE, Regina. *Dicionário filosófico: conceitos fundamentais*. São Paulo: M. Fontes, 2010.
- SELL, Carlos Eduardo. *Do Marxismo à mística: os novos rumos da Teologia da Libertação*. Itajaí: Ed. da Univali. [s/d]. Disponível em: <https://www.univali.br/pos/mestrado/mestrado-em-gestao-de-politicas-publicas/cadernos-de-pesquisa/Documents/caderno-pesquisa-06.pdf>. Acesso em: 22 jul. 2020.
- SILVA, Valmor. *Paulo, apóstolo de Jesus Cristo pela vontade de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2008.

VICENTE, José João Neves Barbosa. *Ética: a vida sem máscaras*. Goiânia: Espaço Acadêmico, 2017.

ZIMMERMANN, Zalmino. *Espiritismo Século XXI*. Campinas: A. Kardec, 2011.

ZIMMERMANN, Zalmino. *Perispírito*. Campinas: A. Kardec, 2000.